Bodas de Ouro

(9-11-1902 – 9-11-1952)

da

ordenação sacerdotal

de

Monsenhor Joaquim Honório da Silveira

Bodas de Ouro

(9-11-1902 – 9-11-1952)

da

ordenação sacerdotal

de

Monsenhor Joaquim Honório da Silveira

Sebo Vermelho
edições

AGRADECIMENTO

Ao senhor Geraldo Magela Miranda Maia por ter cedido o exemplar original desta publicação para reedição.

APRESENTAÇÃO

Macau homenageia o seu santo, Monsenhor Honório, na passagem do seu Centenário de Ordenação Sacerdotal. Cumpre-nos hoje o dever de, dentre as várias homenagens que lhe são prestadas nessa data, promover a reedição da revista Polianteia , editada em sua primeira edição em novembro de 1952, quando na ocasião das suas bodas de ouro.

Falar da convivência pessoal com o Monsenhor Honório, não acrescentaria nada ou quase nada, na história do Santo de Macau.

Quando criança, já conhecia o Mons. Honório com a saúde debilitada, tendo contato apenas algumas vezes, nas missas dominicais ou no confessionário onde, através da confissão individual, relatava as traquinagens realizadas ou aquilo que a doutrina cristã ou familiar taxava de pecado. Recebia a absolvição ou a sentença , pagava na hora com alguns Pais Nossos, Ave Maria, Salve Rainha,etc. e saía dali com a consciência aliviada e a sensação do dever cristão cumprido.

Outras vezes saia correndo pela praça da Conceição para tocar sua batina ou pedir a benção, ele resmungava algumas palavras, e mais uma vez , aquela sensação de dever cristão cumprido.

Com essa reedição da revista, estamos oferecendo ao povo macauense mais uma oportunidade de conhecer a história do Santo de Macau através de relatos de pessoas que conviveram com ele durante sua vida sacerdotal e também algo mais sobre nossa cidade nos anos 50, relatada por célebres personagens que hoje fazem parte da história de Macau.

Parabéns Monsenhor Honório.

Macau, novembro de 2002.

José Antonio de Menezes Sousa

Prefeito Municipal de Macau

POLIANTÉIA

Monsenhor Joaquim Honório da Silveira, nasceu em Macau-RN no dia 14 de janeiro de 1879, faleceu em 1º de novembro de 1965, portanto com 86 anos dos quais 62 vividos plenamente no seu Sacerdócio. Com 86 anos ainda trabalhava no apostolado a frente da Paróquia de Macau, foi um padre na expressão mais LÍDIMA do termo, viveu unicamente para a Igreja de Deus. Ordenou-se sacerdote, trabalhou em Macau e em Natal. Foi Reitor do Seminário de São Pedro, contribuiu na formação de futuros sacerdotes, depois foi nomeado Vigário de Açú, onde construiu o colégio Nossa Senhora das Vitórias, levando para lá as irmãs do Amor Divino.

Graças a sua influência, as Filhas do Amor Divino vieram para o Rio Grande do Norte localizando-se primeiramente em Caicó, depois em Açú e finalmente em Natal. O grande desejo de Monsenhor Honório era trazer a Congregação para Macau, infelizmente o seu sonho não foi concretizado.

Dom José Pereira Alves, que conheceu muito bem os predicados e a inteligência do Santo Monsenhor Honório, resolveu levá-lo para ser o Secretário da Diocese de Niterói, além de muitas outras atribuições, como por exemplo, Capelão da Vila Pereira Carneiro, também em Niterói, no entanto, quando Monsenhor Honório tomou conhecimento que Macau estava sem padre resolveu largar as honrarias, o prestígio, e voltar para Macau para servir a sua terra permanecendo até sua morte .

Monsenhor Honório foi padre até o último momento da sua vida.

Quando morreu aos 86 anos de idade, em pleno exercício sacerdotal, muito se sacrificava pelo seu povo, nunca se sentia cansado. Velho, tinha no entanto uma alma jovem. Estava sempre à frente de tudo. Era realmente uma alma privilegiada. Amava a igreja acima de tudo.

Quando surgidas as reformas trazidas pelo Vaticano II, talvez ele tenha sido no Brasil o primeiro padre que adaptou essas reformas, por isso a Paróquia de Macau foi a primeira onde realizou-se confissões comunitárias, onde se rezou pela primeira vez missa em português e com a comunhão sob duas espécies.

Me lembro bem quando regressei da Europa onde tinha ido fazer um curso no período do concílio quando disse para ele: Monsenhor, a Igreja agora está admitindo confissão comunitária, ele respondeu ***" é a Igreja que quer, faça. Já sou velho não tenho mais jeito para isso "*** – Monsenhor, a missa agora é em português, respondeu novamente: ***"é a Igreja que quer, faça. Eu continuarei celebrando as minhas missas em latim".***

Monsenhor era realmente um, grande Pastor, quantas e quantas vezes se levantava pela madrugada para atender confissões de enfermos. O seu amor pelo povo da sua terra se manifestou pelo leito de um hospital, quando gemendo de dor ele dizia sempre " esse azedo precisa sofrer pela conversão do povo de Macau".

Viveu 62 anos de vida sacerdotal. Celebrou bodas de prata, ouro e diamante, é realmente modelo, e estímulo, para os sacerdotes. Jamais se cansou de trabalhar pelo Reino de Deus, por isso sua memória deve ser preservada e eternizada. Não poderia haver homenagem mais justa ao festejar 100 anos de Padre, reeditando a Poliantéia das suas bodas de ouro. Para mim se constitui uma honra poder participar dessa homenagem.

" Monsenhor Honório, 100 anos de Sacerdote, uma vida dedicada a Deus e a Igreja" .

Macau - RN, Novembro de 2002

Monsenhor João Penha Filho

... E HOJE É SANTO

Agradecido pela solicitação deste texto, dou testemunho de que a história de vida do Monsenhor JOAQUIM HONÓRIO DA SILVEIRA é um pálio de luz só de santidade manifesta, assim proclamada pelos seus pesquisadores, Câmara Cascudo, Oto Guerra Manoel Rodrigues de Melo, Padre José Luiz e outros expoentes do saber do RN, que se debruçaram sobre seu fecundo apostolado em Natal, Assu, Niterói e Macau, berço em que pontificou sua misericórdia junto aos pobres e aflitos – homens e mulheres – deserdados em geral desta sociedade impiedosa do Capital.

À São Vicente de Paula, foi compassivo, amoroso, doado e dedicado dia e noite às populações do município de Macau / Vale do Assu, duramente acometidas da pandemia do impaludismo, que deixou a região em orfandade pelas centenas de famílias dizimadas, em 1938. Fui testemunha ocular dessa sua saga de santidade.

Monsenhor HONÓRIO era um fanal de luz em meio às trevas do seu tempo. Falava um vernáculo à Camilo Castelo Branco. Sonhava com um povo educado, longe da fome e da miséria. Não vivia nas cortes do poder. Seu ministério reinava na plebe, no povão...

Pra mim, monsenhor HONÓRIO viveu limpo de corpo, mente e espírito, e hoje é santo... como dizem as lendas a seu respeito.

Novembro - 2002

Floriano Bezerra
Ex-Deputado Estadual

HOMENAGEM DO POVO MACAUENSE AO VIGARIO DE CRISTO NA TERRA

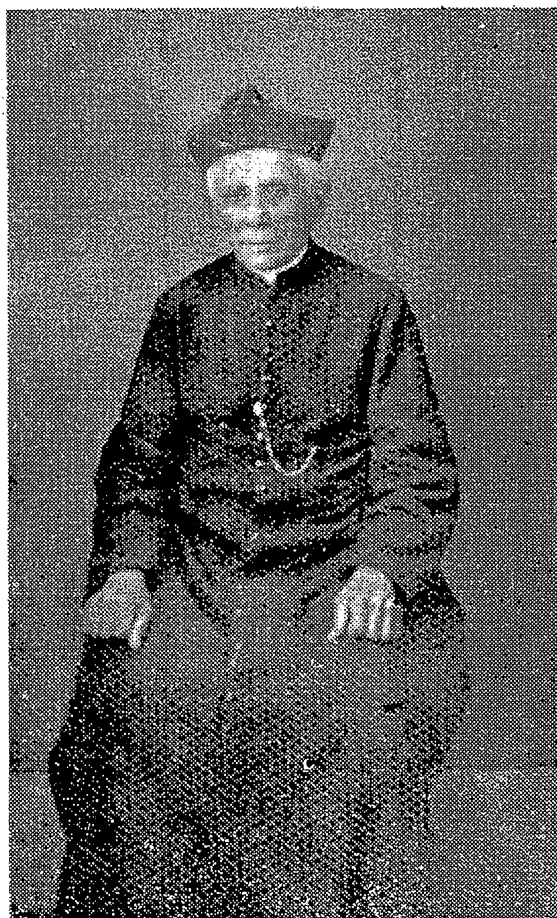
S. S. O PAPA PIO XII

Admiração e Respeito

S. EMINÊNCIA D. JAIME DE BARROS CÂMARA,
Cardial Arcebispo do Rio de Janeiro

PREITO DE GRATIDÃO

S. EXCIA. REVMA. D. MARCOLINO E. DE SOUZA DANTAS,
Arcebispo do Natal

Tributo de Amôr e Veneração

MONS. JOAQUIM HONORIO DA SILVEIRA,
Vigário Colado da Paróquia de Macáu

VIDA RELIGIOSA

Mons. Joaquim Honorio da Silveira

Traços biográficos

MONSENHOR Joaquim Honório da Silveira não precisa de apresentação. A sua vida de piedade, inteiramente devotada ao bem das almas, é o maior galardão de vitória que poderiamos exibir se quisessemos indicá-lo à admiração do povo macauense. A sua bondade congênita, a sua humildade, os rasgos de caridade apostólica que aureolam a sua vida, o seu imenso desinteresse por tudo o que é terreno, a sua pobreza que a tôdos confunde e escandaliza, a sua modestia, o seu grande e nobre coração, enfim, tôdas essas qualidades são motivo de uma constante admiração do povo pelo seu santo e virtuoso Vigário. Com 73 anos de idade, outra não tem sido a sua conduta senão pregar a verdade, semear o bem, convencendo e educando pela força do exemplo e da caridade. Descendendo de uma das principais familias do Municipio, foram seus pais Francisco Honório da Silveira Canuto e Ana Honório da Silveira. Nasceu a 14 de Janeiro de 1879 e batisou-se a 2 de Março do mesmo ano. Revelando acentuado pendor para a vida eclesiástica, ingressou no Seminário Episcopal da Paraíba, a 29 de Março de 1895, quando era Vigário de Macau o Padre Francisco de Assis e Albuquerque, a cuja proteção e zelo foi confiada a sua vocação. Recebeu a prima tonsura em Novembro de 1938, as ordens menores em Novembro de 1899, o sub-diaconato e diaconato, respectivamente em Julho e Novembro de 1901, sendo ordenado a 9 de Novembro de 1902. A sua primeira missa, cantou-a a 8 de dezembro do mesmo ano, tendo como assistentes os Revmos. Conego Estevam José Dantas e Padre Irineu Otávio de Sales e Silva, pronunciando este a oração gratulatória. Recebido o sagrado presbiterato, foi nomeado Vigário de Macau, de Dezembro de 1902 a Agosto de 1913, quando tomou posse na Paroquia de Nossa Senhora da Apresentação, de Natal, no dia 15 deste mês e ano. No dia 21 de Março do ano seguinte tomou posse da Paroquia de São João Batista do Açu, onde esteve até 12 de Março de 1926. Em 1923, ausentou-se temporariamente da Paroquia do Açu para servir no cargo de diretor espiritual do Seminário São Pedro, de Natal. Dirigiu, posteriormente, o Colégio Diocesano Santo Antônio e a Reitoria do Seminário São Pedro, regendo, tambem, em 1928, a Paróquia de Ceará-Mirim. Em Julho deste ano transferiu-se para Niteroi, Estado do Rio, onde serviu de Pároco na Freguesia de São Domingos, e de Capelão, respectivamente, da Vila "Pereira Carneiro", da Confraria de Nossa Senhora da Conceição e do Asilo Santa Leopoldina. Exerceu ainda as funções de Secretário do Bispado de Niteroi e Reitor do Seminário São José. Em 1933 esteve encarregado da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, de Bom Jardim, Estado do Rio. Retornando ao Estado em 1938, foi nomeado segunda vêz vigário da Paróquia de Macau onde recebeu por ocasião da sua chegada grandes e expressivas manifestações de amizade e simpatia do povo macauense. Por decreto recente do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, foi nomeado Vigário Colado de Macau, num justo reconhecimento dos seus méritos. A passagem das suas Bôdas de Ouro dá ensejo a que o povo macauense, testemunha vigilante da sua vida de piedade e de amôr a Jesus Cristo preste-lhe as mais inequivocas provas de amizade e simpatia, como prova da estima e da admiração que lhe deve.

Exmo. Sr. Dr. Silvio Piza Pedroza, Governador do Estado a quem BÔDAS DE OURO presta sua homenagem

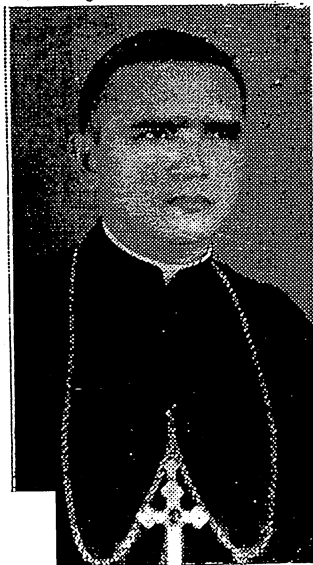
MONS. JOÃO DA MATA PAIVA, representante do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano, D. Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas e Vigário Geral da Arquidiocese do Natal

Trabalho de Pioneiro

Nenhuma atividade, por mais modesta e insignificante que seja, poderá dispensar o esforço da mão do homem que aciona o progresso, operando a civilização no sentido do bem comum. Aí está um exemplo dessa assertiva. Sem os trabalhos de pesquisa de Manuel Justino Bessa, revirando os arquivos da Paróquia de certo que o nosso trabalho sairia incompleto senão deficiente. Mas aí está a prova do quanto vale a inteligência do homem aplicada ao bem da humanidade. Até ontem muita coisa se ignorava a respeito da vida religiosa desta Paróquia. Com a publicação dos seus estudos, escritos sôbre documentação inteiramente virgem, na historia da Paróquia, saimos do marco zero em que inegavelmente viviamos até bem pouco. Honra, pois, ao pioneiro da história religiosa de nossa terra que, na sua modestia, no silencio dos arquivos e na serenidade do seu gabinete encontra estimulo suficiente para trabalhar pela valorização da cultura e da inteligência. Que a mocidade macauense siga o seu exemplo porque só assim a nossa terra será grande e digna do conceito em que é tida na comunidade norte-riograndense.

Fundação da Paroquia de N. S. da Conceição de Macáu

Movimento religioso, seus Vigarios, Coadjutôres e Sacerdotes que nos visitaram

MANOEL JUSTINO BESSA

D. JOSÉ ADELINO DANTAS, Bispo de Caicó, que nos honra com a sua presença

Fazendo um apanhado do movimento religiôso desta privilegiada Paróquia, o fazemos contar da data de sua fundação.

Regida atualmente pelo Revmo. Mons. Joaquim Honorio, de quem falaremos adiante, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição foi creada em 1854, ha 98 anos passados.

Em 1847, segundo se vê da copia de uma Sessão Extraordinaria do dia 18 de outubro daquele ano, realisada na casa destinada para as Sessões da Camara Municipal da então Vila de Macau, sob a presidencia do Sr. Jeronimo Cabral Pereira de Macedo e com o comparecimento dos vereadôres Te. Manoel de Melo Andrade, Capitão Manoel José Fernandes, Capitão Francisco Trajano Xavier da Cunha, e Vicente Aires de Souza Monteiro; depois de aberta a Sessão o Sr. Presidente declarou ter recebido um oficio do Exmo. Sr. Presidente da Provincia, datado de 4 do mesmo mês e ano, acompanhando a copia autentica da Resolução Provincial n.º 158 da mesma data, transferindo a Séde da Vila e Freguesia de Angicos para a povoação de Macau, deste mesmo municipio.

Mandou o Sr. Presidente lêr a já citada Lei e em seguida propôz à Câmara ser a Lei registrada no livro competente e faze-la pública por edital.

Entrando em discussão resolveu a Câmara por unanimidade (confirmando, assim, o que propôz o Sr. Presidente) que fosse registrada e publicada por editais, nos lugares mais públicos deste Municipio. Propôz, ainda, o Sr. Presidente da Câmara que se oficiasse ao Sr. Presidente da Provincia comunicando-lhe ter fielmente cumprido suas determinações.

Registraram-se na ata, outras ocorrencias.

Ao que afirmam, este ato do Governo Provincial depois foi nulo, sendo, posteriormente creada a Freguesia na data a que acima fizemos alusão — 1854.

Com a creação da Paróquia ha quasi um século, teve como seu primeiro Vigário Pe. João Inacio de Loióla Barros, que aquí tendo exercido um proveitôso Paroquiato durante dois anos, faleceu em 1856, vitima do colera, que áquela época impiedosamente ceifava muitas vidas preciósas.

Quando Vigario o Pe. Loiola, foi Coadjutor da Paroquia, alguns mezes, o Pe. Manoel Jeronimo Cabral, que aqui voltou como Vigario em julho de 1856, até março de 1867.

Antecedeu ao Pe. Manoel Jeronimo, no seu paroquiato, durante dois mezes, o Vigario Felix Alves de Souza.

O Padre Manoel Jeronimo Cabral, durante 11 anos ininterruptos, como Vigario desta Paroquia, prestou os seus serviços sacerdotais, exercendo incansavel apostolado. Natural de Assú, foi deputado provincial e aqui faleceu em 13 de maio de 1889.

Em 1867 sucedeu-lhe na Paroquia o Vigario Joaquim Manoel de O .Costa, cujo paroquiato tambem frutuôso, teve a duração de quasi dez anos.

O Pe. Joaquim teve como seu Coadjutor o Pe. Manoel Jeronimo Cabral, que assim continuou a prestar a sua cooperação de Ministro de Cristo, a esta Paróquia.

Junto ao Pe. Joaquim Manoel tambem trabalhou como Pró-Pároco, o Pe. Elias Barbalho Bezerra, que depois foi Vigario da visinha Freguesia de Assú.

De 1876 a 1884, mais ou menos, a Paroquia esteve na direção do Pe. José Joaquim Fernandes, natural de Macau e pertencente a tradicional e ilustre familia Fernandes desta Cidade.

Oradôr Sacro de renome, foi tambem deputado provincial e faleceu em Recife em 1885.

Cônego Estevam José Dantas, aquí chegou em 1885, permanecendo até 1887 quando foi nomeado Páraco Colado de Assú.

Sacerdote de acrisoladas virtudes, incalculaveis fôram os seus serviços à religião nesta terra que muito o estimava.

Quando do paroquiato do Pe. José Joaquim Fernandes, encontra-se no livro de batisados inumeros assentamentos assinados pelo Cônego Estevam Dantas, de sacramentos administrados pelo Pe. Manoel Jeronimo e pelo Pe. Antonio Germano Barbalho Bezerra, Vigario de Assú, quando em desobriga na Capela de Oficinas, que já não existe.

D. JOÃO BATISTA PORTO-CARRERO COSTA, Bispo de Mossoró, figura de relevo no Episcopado Nacional

Em seguida, em 1887 veio o Padre José Dominguez Alvarez, hespanhol, cuja demóra nesta Freguesia foi muito curta.

Ainda aquí estiveram como Encarregados da Freguesia e como Vigários, os Revmos. Padres Manoel Jeronimo Cabral, Felix Alves de Souza, Marcelino Rogerio dos Santos e Cônego Estevam José Dantas, respectivamente, nos anos de 1888, 1889, 1890 e 1891.

Outro-sim: O Pe. Felix Alves de Souza, quando no ano acima foi-lhe entregue a regencia desta Paroquia, era Vigario da Freguesia de São José de Angicos.

Em 1892 esta Paroquia passou a ser dirigida espiritualmente pelo virtuosissimo e saudôso Ministro de Cristo — Revmo. Mons. Francisco de Assis Albuquerque.

Um grande Sacerdote, um Sacerdote modelar, exerceu aqui durante quatro anos o seu brilhante e zelosissimo paroquiato, deixando a Paroquia em fevereiro de 1896, a chamado de D. Adauto Aurelio de Miranda Henriques, para assumir a direção do Seminario Diocesano da Paráiba.

Padre Assis logo encaminhou para aquele estabelecimento de formação religiosa, o nosso atual Diretor Espiritual — Mons. Honorio.

Constituiu um dos grandes feitos do Padre Assis, nesta terra, no desvelado desejo de fazer o maior bem às almas que lhe eram confiadas, a funda-

FRANCISCO HONORIO DA SILVEIRA, Pai do Mons. Honorio

ção, em 4 de outubro de 1895 na Matriz desta Paroquia do Centro do Apostolado da Oração, Liga da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e da Comunhão Reparadôra.

Para dirigir os destinos do Apostolado, foi nomeada por aclamação a Mesa Regedôra:

Presidente — D. Maria Rosa Fernandes, Secretaria — D. Josefa Maria de Menezes, Tezoureira — D. Praxedes Leopoldina de Andrade.

Em 4 de dezembro de 1895, foi agregado a Primazia de Roma, conforme o diploma que se acha ao lado do altar do S. Coração de Jesus.

Este Santo Sacerdote, tudo fez pela felicidade espiritual da sua Paroquia, deixando-a em fevereiro de 1896, indo residir na Paraiba.

Ficou o Apostolado na direção do Pró-Paróco de Assú, Padre José de Calazans Pinheiro.

Em 1897, Macau recebeu o seu nôvo Vigário — Pe. Vicente Gifoni, que aqui prestou os seus relevantes serviços sacerdotais até junho de 1902.

No seu paroquiato tivemos a Visita Pastoral do Exmo. Revmo. Sr. Arcebispo da Paraiba, D. Adauto Aurelio de Miranda Henriques, que veio acompanhado do ex-Vigario — Padre Assis.

Após a saida do Pe. Gifoni, veio em 1902, como encarregado da Paroquia, o Pe. Ireneu Otavio de Sales e Silva, que aqui, permaneceu até setembro do mesmo ano.

Em 9 de novembro de 1902 ordenava-se na Capital da Paraiba, o ilustre conterraneo e nosso querido e atual Pároco Colado — Monsenhôr Joaquim Honorio da Silveira, que esta terra tem a felicidade suprema de neste ano que passa comemorar festivamente o seu Jubileu de Ouro.

A sua 1.ª Missa, cantou-a em 8 de dezembro do mesmo ano, tendo como assistente os Revmos. Cônego Estevam José Dantas e Padre Irineu Otavio de Sales e Silva, que pronunciou a oração gratulatoria.

Foi nomeado Vigario de sua terra natal, primeira freguesia que lhe foi confiada, em dezembro de 1902, aqui ficando para felicidade de Macau, até o ano de 1913.

Tomou a frente do nosso apostolado, que progrediu admiravelmente.

Promoveu em 1905 uma Santa Missão pregada pelo sabio e virtuôso Padre Caetano Benvenuti, da inclita Companhia de Jesus.

Como um marco da passagem por aqui desse piedôso Missionario, há, na Praça da Bandeira, hoje Praça Café Filho, edificado um Santo Cruzeiro, que os católicos, veneram com toda devoção.

Em outubro de 1909, como Visitadôr Diocesano, aqui esteve o Revmo. Cônego Estevam José Dantas.

O Vigário, no seu frutuôso paroquiato, introduziu a grandiosa obra da entronização nos lares, da imagem do Sagrado Coração de Jesus e conseguiu inúmeros essinantes para o orgão oficial da devoção ao Sagrado Coração — o Mensageiro.

Ainda no seu grandiôso apostolado aqui desenvolvido, piedosa e eficientemente pela 1.ª vez, o nosso querido Monsenhôr Honorio, teve a felicidade suprema de fundar algumas Associações Religiosas, as quais de acôrdo com a finalidade de cada uma, ficaram à espargir

PADRE JOÃO CLEMENTE DE MORAIS BARRETO, ex-vigario de Macau, já falecido

felicidades espirituais no seio de seus inumeros membros.

Destas Associações falaremos adiante.

Em agôsto de 1913, o nosso Monsenhôr Honorio, deixou esta Paróquia, tomando posse da de Nossa Senhora da Apresentação, em Natal. Em 21 de Março de 1914, tomou posse da Paróquia de São João Batista, de Assú, até 12 de Março de 1926. Em 1923, ausentou-se temporariamente de Assú e assumiu o cargo de Diretôr Espiritual do Seminario São Pedro, de Natal. Dirigiu o Colégio Santo Antonio, a Reitoria do Seminario São Pedro, regendo, em 1928, a Paroquia de Ceará Mirim. Em junho de 192?, transferiu-se para Niteroi, onde serviu de Pároco na freguesia de São Domingos, de Capelão da Vila "Pereira Carneiro", da Confraria de Nossa Senhora da Conceição e do Asilo S. Leopoldina.

Exerceu as funções de Secretario do Bispado de Niteroi e de Reitôr do Seminario São José, depois Encarregado da Paróquia de N. S. da Conceição de Bom Jardim, Estado do Rio.

ANA HONORIO DA SILVEIRA, Mãe do Monsenhor Honorio

Retornou ao Estado em 1937, sendo nomeado 2.ª vez Vigário de Macau, do que falaremos oportunamente.

Em 1913 aqui chegou como Vigário o Revmo. Pe. Fortunato Alves de Arôa Leão, permanecendo no pastoreio deste rebanho até o ano de 1917, sucedendo-lhe o Revmo. Pe. João Clemente de Morais Barreto, que regeu a Paróquia até o ano de 1920.

Na ausencia do Livro do Tombo, não encontrei apontamentos respeito aos dois Sacerdotes acima, entretanto, pessôas piedosas da cidade me falaram com muita simpatia do que foi a atuação nesta Paróquia destes dois Ministros de Cristo.

Em 1920 a Paróquia recebia como seu nôvo Vigario, o Revmo. Padre Julio Alves Bezerra, hoje Monsenhor Julio Bezerra, encarregado dos destinos espirituais da Paróquia de São João Batista, de Assú.

Sacerdote virtuosissimo, zelôso no cumprimento dos seus mais sagrados deveres, muito fez por esta Paróquia, governando-a espiritualmente até o ano de 1926.

Este muito trabalhou pela causa de Jesus Cristo, durante os seis anos que paroquiou no meio de um pôvo que muito o estima, tendo remodelado a Igreja Matriz, organisado a Doutrina Cristã e dado nova feição as Congregações religiosas já existentes".

PALAVRAS DO PE. HERONCIO, QUANDO O SUBSTITUIU NO PAROQUIATO

Aos sete dias do mês de Março de 1926, por provisão datada de 17 de janeiro do mesmo ano, do Exmo. Sr. Bispo Diocesano, tomou posse da Paroquia o Revmo. Monsenhor Paulo Heroncio de Melo, então Padre Paulo.

Sua Revma. ao assumir o seu cargo, logo presidiu os atos da Semana Santa, conseguindo abundantes frutos espirituais.

Durante a Semana da Paixão de Cristo, comungaram 1.369 fiéis e a comunhão mensal atingiu a 1881.

PE RAIMUNDO GOMES BARBOSA, vigario de Itaretama, filho de Macáu

Nos mezes subsequentes, o número de comunhões era satisfatorio.

Em junho do mesmo ano o Vigario fundou a União de Môços Catolicos (que infelizmente já não existe) seguindo-se eleição e posse da nóva Diretoria.

Em agôsto o Vigario leu no pulpito e depois fez escrever no Livro do Tombo a memoravel Circular "A Igreja e a Maçonaria", da autoria do Bispo da Diocese — D. José Pereira Alves.

Em janeiro de 1927, aqui esteve como Visitadôr Diocesano, o Revmo. Monsenhôr José Alves Ferreira Landim.

Em março do mesmo ano, o Vigario, com autorização do Sr .Bispo, fundou a Pia Associação dos Santos Anjos.

Em agôsto, durante a festa de Nossa Senhora do Perpetuo Socôrro, foi pregador o Pe. Julio Maria Lombardi, que tambem pregou Missões, com grande proveito. Comungaram 4.000 pessôas.

Neste mesmo ano, por ocasião da festa da Padroeira, Macau recebeu a honrosa visita do Exmo. Revmo. D. Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, então Bispo e hoje apostolico e estimado Arcebispo Metropolitano.

Teve condigna recepção, foi saudado em frente a Matriz, pelo professor Acrisio Freire e hospedou-se na confortavel residencia do Dr. Armando China, então Prefeito Municipal.

Na Missa cantada sua Excia. proferiu brilhante Sermão.

No paroquiato do Padre Paulo Herôncio, que durou 7 anos e 8 meses, conseguiu Sua Revma. desenvolver um piedôso e edificante apostolado, levando-se em vista o avultado número de comunhões que consta no Livro do Tombo e que atingiu a significativa soma de .... 155.674.

Durante o seu paroquiato, ausentou-se em 1930 por 7 mezes, sendo substituido pelo Pró-Pároco Pe. Luís Teixeira de Araújo, por nomeação do sr. Bispo da então Diocese de Natal.

No numero de comunhões acima, está incluido o das havidas nos sete mezes em que a Paroquia esteve entregue ao Pró-Pároco Pe. Teixeira, que além de exercer um zelôso paroquiato no que diz respeito ao seu Ministerio Sacerdotal, é digno de nota o interesse que tomou pelo Catecismo Paroquial.

Na festa dos Navegantes em 1930, ao tempo do Pe. Teixeira, aqui esteve o saudôso Padre Antônio Brilhante, então Vigario de Lages.

Em dezembro, já tendo retornado à Paróquia Mons. Paulo, pregou na festa da Conceição, o talentôso oradôr sacro— Pe. José de Calazans Pinheiro.

Em Setembro de 1931, Macau teve a honra de hospedar o Exmo. Sr. Bispo de Aracajú — D. José Tomaz Gomes da Silvá, que presidiu a festa de N. S. dos Navegantes, pregando Sua Excia. Revma. ao Evangelho da Missa Cantada.

Em 2 de novembro de 1931, quando Vigario e Prefeito — Mons. Paulo Heroncio, na costumeira romaria anual ao Cemiterio, o pôvo trouxe dali para a Matriz, a cruz que pertenceu a ilha de Manoel Gonçalves, hoje desaparecida.

A cruz que está colacada na Nave esquerda da Matriz, fôra trazida da ilha em 1825.

Na festa da Excelsa Virgem da Conceição, pregou o Mons. João da Matha Paiva.

Em março de 1932, auxiliando na Semana Santa, aqui esteve o Pe. José Cabral, ilustre escritôr do clero do Rio.

FRANCISCO HONORIO DA SILVEIRA

Em setembro do mesmo ano, visitou Macau, o Mons. Julio Bezerra, Vigario de Assú e em junho de 1933, esteve aqui temporariamente o Pe Leopôldo Rolim, de uma das Dioceses do Ceará, em substituição ao Vigario, que obteve 2 mezes de licença.

Monsenhor Paulo Heroncio, hoje Vigario de Currais Novos, deixou o seu Paroquiato aqui em 31 de outubro de 1933, seguindo para a sua nova Paróquia — São José de Mipibú.

Em 18 de fevereiro de 1933, assumiu a regencia desta Paróquia, o seu nôvo Vigário — Pe. Ulisses Maranhão.

O nôvo Pároco tudo fez pelo maior desenvolvimento espiritual da Paróquia, não mais realizando pelo curto espaço de tempo que aqui demorou.

Referindo-se Sua Revma. aos exer-

MANOEL HONORIO DA SILVEIRA

cicios dos mezes de maio e outubro do ano em que apascentou este rebanho, disse que destribuiu em cada um deles — 3.000 comunhões. Durante a Semana Santa — 2.520 pessôas se aproximaram da Sagrada Mesa Eucaristica.

"Isso é muito expressivo" disse Sua Revma.

Em 24 de fevereiro de 1935, na Igreja Matriz lia a sua provisão de Vigário de Macau, o Revmo. Padre Jorge O'Grady de Paiva.

Neste periodo em que tivemos como Vigario, este zelôso Ministro de Cristo, realizaram-se com muitos frutos Santas Missões e Visitas Diocesana por Frei José Maria Casanóva, com comunhão de 1.339 fieis, 1013 crismas e 23 pregações, na séde e Capelas da Paroquia, realizou, ainda, o Vigario, trabalhos na Igreja Matriz, fundou a Pia União de Santa Terezinha com assistencia de Frei Casanóva, Prior da Ordem Carmelita em Pernambuco.

Não chegou Sua Revma. a passar aqui um ano completo e no começo de 1936, por determinação do Sr. Bispo, partiu para assumir a direção do Colegio Santa Luzia em Mossoró.

Em 26 de janeiro de 1936, tomou posse da Paroquia o Revmo. Pe. Luís Teixeira, que, como está subentendido, era a 2.ª vez que nos vinha dirigir espiritualmente.

Sacerdote zelosissimo, oradôr sacro de renome e grande doutrinador da juventude.

Foram fundados durante o ano, 12 Centros de catecismo, com um total superior a 1.800 alunos, foi criada uma Irmandade religiosa sob o patrocinio de São João Batista, em Pendencias, reorganizadas as de N. S. da Conceição, em Guamaré, São Sebastião, em Barreiras e Santissimo Sacramento na séde da Paróquia.

Entre outras cousas, vê-se registrado no Livro do Tombo, que neste ano comungaram 5.148 fieis, fôram celebradas 397 missas, houve, 310 pregações, aulas gerais de catecismo 52, conferencias aos homens 6, às senhoras 2, aulas de apologetica 6, festas religiosas 20 e adminis-

D. LUIZA DUARTE DA SILVA, Presidente da Confraria de N. S. do Rosário

trados um avultado numero de batisados, casamentos, etc.

Passou por remodelação geral o Santo Cruzeiro, na hoje "Praça Café Filho", desta Cidade, a que já fizemos alusão acima, fôram adquiridas alfaias e objetos outros, para a Matriz e Capelas.

Um acontecimento importante para a vida religiosa de Macau, no paroquiato do Pe. Luís Teixeira, foram as Santas Missões aqui pregadas por dois Missionarios Capuchinhos — Frei Damião de Bozzano e Frei Antonio de Terrinca.

Para uma ideia do que fôram 15 dias de Missões, entre nós, basta dizer-se que o número de comunhões excedeu de 7.000 e não se confessaram todos que desejavam.

Num documento que consideramos importante, lemos, escrito pelo Vigario, o seguinte: "Frei Damião é, na verdade, um grande evangelisador, porque confirma a sua doutrina com o seu exemplo. Aquela figura pequenina e macerada bem póde dizer aos seus ouvintes, como outróra S. Paulo aos corintios: — Sêde meus imitadores, como eu o sou de Cristo".

As Santas Missões extenderam-se a todas as Capelas da Paroquia.

O Padre Luís Teixeira ainda sustentou aqui, um jornalsinho catolico "Beira Mar", do qual era ele o Diretôr e contava com a colaboração de ilustres e inteligentes macauenses.

Excusado é dizer o bem produzido por "Beira Mar", que era bem lido em todo Municipio e noutros do Estado.

Entrou o Pe. Teiexeira no seu segundo ano de paroquiato (1937), continuando a trabalhar com mais ardôr pela salvação das almas, quando pela metade deste ano, o Bom Deus quiz que ele se ausentasse da Paroquia, deixando a todos imorredouras saudades.

Dias depois aqui chegava, não sabemos precisar a data, o Revmo. Pe. Geraldo Van der Geld, missionario da Sagrada Familia, que aqui exerceu, por alguns meses o seu sagrado ministerio Sacerdotal.

Sacerdote virtuôso a tôda próva eximio cumpridor dos seus deveres, incalculaveis fôram os seus serviços à religião nesta Paroquia.

MONSENHOR JOAQUIM HONORIO

Tendo permanecido em Niteroi, 9 anos, 8 mezes e 14 dias, aqui chegou às 11.30 horas do dia 21 de Maio de 1938, tomando posse da Paroquia, no dia seguinte — o Exmo. Revmo. Monsenhor Joaquim Honorio da Silveira, designado Vigario Encarregado desta mesma Paroquia, pelo hoje Arcebispo Metropolitano — D. Marcolino E. de Souza Dantas.

O Monsenhor Honorio, que pela 2.ª vez veio apascentar este rebanho, se achava no Sul do País trabalhando como Secretario do apostolico Prelado de saudosissima memoria — D. José Pereira Alves, conforme já falámos acima.

Teve, assim, inicio o pastoreio nesta terra das salinas, do Exmo. Revmo. Monsenhor Joaquim Honorio da Silveira e que neste ano de 1952, esta Macau que lhe déra o berço, comemora solenemente as suas Bôdas de Ouro Sacerdotais.

No mês seguinte ao da chegada do nôvo Vigario, a Pia União das F de Maria, realizou o seu retiro espiritual, em que foi pregador o culto Sacerdote Pe. José Adelino, operôso Reitor do Seminário São Pedro; realizou-se a festa do S. C. de Jesus, presidida pelo Vigario, tendo como pregador o Pe. Adelino, hoje Monsenhor Adelino; em dezembro o Vigario fez a festa da inclita Padroeira dos macauenses — N. S. da Conceição, por ocasião da qual Macau recebeu a honrosa visita da Congregação Mariana de Angicos, que se fez acompanhar do seu operôso Vigario — Pe. Manoel Tavares e do jovem Congregado Aluizio Alves.

Em janeiro, março, abril e dezembro de 1939, o Vigario presidiu as festas de S. Sebastião, S. José, Semana Santa e a da Virgem da Conceição. Em fevereiro do mesmo ano, a Congregação Mariana fez o seu retiro na fazenda Arabia, do Municipio de Angicos, tendo como pregadôr o Vigario daquela Paroquia e o então Sub-diacono Alair Vilar.

Com bastante fervôr foi neste ano celebrado o mês dedicado a Virgem Santissima e o mês do Santissimo Rosario, sendo em todos estes dois mezes avultadissimo o número de comunhões.

Houve ainda a Festa de Cristo Rei e um bem crescido número de crianças fez a sua 1.ª comunhão.

Em 1940 realizaram-se as festas de São Sebastião, S. José, Coração de Jesus, N. S. do Perpetuo Socôrro, os atos da Semana Santa, fôram celebrados os mezes de maio, do Coração de Jesus e do Rosario.

Em 1941, o movimento religiôso nesta Cidade, foi semelhante ao do ano anterior, fazendo cada Associação a festa de seu Patrono, sobrepujando a todas as outras a festa da nossa inclita Padroeira, por ocasião da qual a Paroquia homenageava o virtuoso Sacerdote, de saudosissima memoria — Monsenhôr Francisco de Assis Albuquerque, no seu jubileu Sacerdotal.

Monsenhor Assis foi Vigario nesta Paroquia de junho de 1892 a fevereiro de 1896, cujo paroquiato foi um verdadeiro apostolado, como ficou mencionado acima.

Da esquerda para a direita : Manoel Justino Bessa, Pe. Estevam Domitrovitsch, D. José, Bispo Coadjutor do Rio Negro, Mons. Honorio, Dr. Pereira da Nobrega, Prefeito Albino Mélo, Congregado Afonso Solino e o jovem Fernando Pereira da Nobrega

Conseguiu e auxiliou a ordenação do atual Vigario que está sendo homenageado, dos saudosos sacerdotes Padres João Clemente de Morais Barreto, Afonso Lopes Ribeiro e Cônego Vicente Pimentel.

Chegado aqui no dia 7 de dezembro, no dia seguinte (8) Monsenhor Assis celebrou o seu jubileu Sacerdotal.

Foi uma festa mui justa, de muito brilho feita àquele Santo Sacerdote.

Estavam presentes a todas essas homenagens os Revmos. Monsenhores Joaquim Honorio da Silveira, nosso atual Vigario, Paulo Heroncio de Melo, atual Vigario de Currais Novos e José Tiburcio de Miranda, Reitor do Seminário Provincial da Paraíba.

Em 1942, o atual Vigário que não deixa que o Catecismo Paroquial arre-

fêça, procurou reanima-lo, espalhando-o pelos diversos pontos da Cidade.

Além da Matriz, recebiam aulas de catecismo os alunos do Grupo Escolar "Duque de Caxias", Escolas Reunidas do Pôrto do Roçado, Escola da Colonia de Pescadores, creanças da rua Frei Miguelinho e do Largo do Cruzeiro.

Celebrados com muita piedade, os atos da Semana Santa, o mês de maio, do Coração de Jesus e o de N. S. do Rosario.

Para auxiliar na Semana Santa, esteve aqui o Padre Francisco Janssen, vindo de Mossoró.

A sua atuação durante a grande semana e mais alguns dias que aqui permaneceu, na ausencia do Vigário, foi verdadeiramente apostolica.

Não obstante a crise que atravessavam, os macauenses homenagearam a sua Padroeira.

De 1943 até 1950, tudo correu normalmente, notando-se sempre avultadissima afluencia de fieis ao Sagrado Banquete Eucaristico.

Na festa de nossa Excelsa Padroeira em 1943, esteve aqui auxiliando ao Vigario o Revmo. Pe. José Bessinger, da Congregação da S. Familia, que prestou assinalados serviços; na de 1944, o Revmo. Pe. Francisco Gurgel, Secretario do Bispado, que eficientemente cooperou com o Vigario durante sua curta estadia aqui. Além de suas pregações, diarias, ainda preparou jovens para a Juventude Feminina Catolica; na de 1945, novamente o abnegado Missionario da Sagrada Familia, Padre José Bessinger; na de 1946, o pregadôr foi o ilustrado e bondôso Sacerdote Cônego Luís Adolfo de Paula, que auxiliou ao Vigario em todos os trabalhos paroquiais; na de 1947, tivemos como pregadôr o já conhecido e culto orador sacro — Monsenhor Paulo Heroncio de Melo, Vigario de Currais Novos, tão querido nesta terra, pelas suas excelsas virtudes e serviços à Paroquia e ao Municipio; na de 1948, o Revmo. Pe. Francisco Janssen, Reitor do Seminario de Mossoró, que com sua palavra cheia de unção doutrinou os fieis; na de 1949, o Revmo. Padre Emerson Deodato Fernandes de Negreiros, Vice-Reitor e professor do Seminario Diocesano São Pedro de Natal; Por ocasião da festa aqui chegou o Revmo. Padre Raimundo Gomes Barbosa, acompanhado do Monsenhor José Adelino Dantas, Padres Alcides Pereira e Emerson Deodato e seminaristas.

Congregado Mariano Afonso Solino Bezerra

MONSENHOR FRANCISCO DE ASSIS E ALBUQUERQUE,
ex-vigario de Macáu de 1892 a 1896, já falecido

Executado todo o programa da festa, as dez horas do dia 8, assistiamos a Missa Nova Solene pelo Padre Raimundo Gomes Barbosa, fazendo o Sermão o Monsenhor José Adelino; na de 1950, tivemos como pregador — o Revmo. Frei Eugenio de Nova-Cruz; na de 1951, o querido pregador sacro Frei Tomé de Leopoldina. Foi tambem convidado para auxiliar na festa, prestando mais uma vez, com dedicação admiravel, os seus serviços sacerdotais, o Revmo. Padre João Batista Hennekan, já bem conhecido e querido entre os católicos de Macau.

No dia 7 de dezembro de 1945, o Apostolado da Oração comemorou as suas Bôdas de Ouro de fundação.

Presidiu a todas as comemorações, o atual Diretôr do Apostolado — Revmo. Monsenhor Honorio.

No movimento espiritual, nas Bôdas de Ouro do Apostolado, no ramalhete oferecido ao Sagrado Coração, constou avultado número de 350.780 comunhões!

Os associados existentes, inclusive os ausentes — 1750. Zeladôres, idem, idem — 124.

Como lembrança, ficou no altar do Sagrado Coração de Jesus, uma lápide de mármore, para assinalar a passagem do 50.° aniversario, como uma das datas mais caras ao Apostolado. Além da data e lembrança, lê-se mais o seguinte: "Coração de Jesus, salvai o Brasil".

Como preito de gratidão e homenagem, foi registrado o falecimento ocorrido em 13 de agôsto de 1945, de Monsenhôr Assis, fundador desse nucleo de piedade, quando do seu paroquiato aqui de 1392 a 1896, como já falámos acima.

Como vimos: a Sessão Comemorativa das Bôdas de Ouro do Apostolado foi a 4 de dezembro de 1945, data em que foi agregado a Primazia de Roma e por motivo justo não o foi em outubro.

Constou de Missa com canticos, musica, comunhão geral e edificante pregação, em tudo oficiando o Vigario.

Ao comemorar o Apostolado suas bôdas de ouro, era sua Presidente D. Joséfa Maria de Menezes, única socia fundadôra sobrevivente, naquela data tão gloriosa. Continuou a progredir o Apostolado.

No exercicio do mês de junho de 1947, houve 1.803 comunhões, no de 1848, atingiu a 1.122 comunhões, em 1949, 1.568 comunhões, em 1950, 3.123 comunhões e em 1951, 1651 comunhões.

Nos dias 10 a 14 de maio de 1946, realizaram-se nesta Cidade as Santas Missões pelos Missionarios Capuchinhos — Frei Damião de Bozzano e Frei Antonio

de Terrinca, que aqui vieram atendendo ao convite que lhes fizera o nosso querido Vigario.

Impossivel descrever o que fôram estes dias de Santas Missões, onde, mais uma vez, os catolicos acorriam ao nosso templo, para ouvirem a palavra autorisada do já conhecido e ilustre pregadôr — Frei Damião.

Avultadissimo foi o número de comunhões, crismas, etc.

As Capelas da Paroquia, tambem participaram dos beneficios das Missões.

Em 22 de outubro de 1947, chegou a esta Cidade e em 28 do mesmo mês tomou posse do cargo de Coadjutor da Paroquia, o Revmo. Pe. João Correia de Aquino, por nomeação de Sua Excia. o atual Arcebispo Arquidiocesano.

Ao Revmo. Coadjutor, por resolução do Exmo. Vigario — Monsenhor Honorio, foram especialmente confiadas a Congregação Mariana de Môços e a Juventude Feminina Catolica, esta ainda em estagio.

Pelo Pe. João de Aquino, o nôvo Coadjutor, foram realizadas visitas mensais às Capelas da Paroquia, principalmente a da Vila de Pendencias, onde se intensificára cada dia o movimento espiritual.

A atuação desse inteligente e virtuoso Sacerdote, que tambem revelou-se otimo oradôr sacro, ao lado do querido Páraco, foi das mais eficientes nesta Paroquia, que jamais o esquecerá.

Já em Maio de 1948, graças a cooperação das estagiárias da Juventude F. Catolica, que desenvolveram intensa e inteligente propaganda, alcançou pleno êxito a realização das Páscoas Coletivas, precedidas de pregações preparatorias, à cargo do Padre Aquino, Padre Henrique Spitz e pelo Vigario.

O Padre Henrique Spitz, veio especialmente enviado pelo Exmo. Sr. Bispo, após a transferencia do Coadjutor, para auxiliar o Vigario por tôdo o mês de Maio.

Padre João de Aquino, em obediencia ao Sr. Bispo, partiu daqui, para assumir a direção espiritual das Paroquias de Touros e Taipú.

O Padre Spitz, Missionario da Sagrada Familia, sacerdote virtuôso, incansevel, dinamico mesmo, fez brilhantissimas e frutuosas pregações na séde e interior da Paróqua.

Durante o mês de Maio, pregou diariamente.

A procissão de Corpus Christi, constituiu um verdadeiro triunfo Eucaristico.

Padre Henrique, encarregou-se de tudo, tudo providenciando. A Cidade apresentava aspecto festivo, impressionando vivamente os emblemas confeccionados de sal no leito das ruas, em fórma de cruz, ostensorios e calices.

Quasi todas as residencias engalanadas !

Macau catolica, não esquecerá jamais o Padre Henrique Spitz.

Em Outubro de 1948, em Visita Canonica e para pregar o Retiro da Ordem III, aquí esteve o Revmo. Frei Cipriano de Ponteccio, que tambem presidiu a festa do Gloriôso S. Francisco de Assis.

Este virtuôso Capuchinho, com seu exemplo edificante, com sua eloquencia, conseguiu no Retiro que pregou copiosos frutos. Todos os atos da festa, fôram oficiados pelo piedôso Capuchinho.

Em janeiro de 1949, aqui esteve o Pe. João Batista, da C. M., professôr do Seminario Episcopal de Mossoró, tendo prestado magnificos serviços espirituais, notadamente em Barreiras e Guamaré,

Em junho do mesmo ano, o Apostolado da Oração promoveu um triduo solene em honra do Coração de Jesus, oficiando o Revmo. Padre João Batista Hennekan, C. M., tambem professôr do Seminario de Mossoró.

Imagem de N. S. da Conceição, da Capela de Barreiras, da Paróquia de Macáu

Em seguida este Sacerdote pregou o Retiro Espiritual fechado das Filhas de Maria, no Grupo Escolar "Duque de Caxias" desta Cidade.

Em agôsto e setembro aqui esteve o Revmo. Frei Eugenio de Nova Cruz, da O. M. C., como pregadôr da festa de N. S. dos Navegantes e oficiante das Chagas de S. Francisco. Oradôr sacro de renome, virtuosissimo, já é credôr da admiração e gratidão dos católicos da terra das salinas.

Em janeiro de 1950, Macau recebeu como Coadjutor da Paróquia, o Padre Alcides Pereira, recem-ordenado.

A cooperação do Padre Alcides, dentro de poucos mezes que aqui permaneceu, foi verdadeiramente admiravel. Junto ao nosso querido Vigario, muito realizou dentro de pouco tempo.

Nas solenidade da Semana Santa, no mês mariano, foi ele o pregadôr, oficiando em todas as cerimonias o Vigario.

Promoveu o Pe. Alcides, bem organisadas festas, conseguindo avultada receita em favôr dos trabalhos da Matriz.

No mês de junho de 1950:

Santas Missões, nesta Paroquia, dirigida pelo Missionario Capuchinho Frei Eugenio de Nova Cruz, produzindo abundantes e admiraveis frutos.

Em 1950, por ato do Exmo. Sr. Bispo Diocesano — D. Marcolino E. de Souza Dantas, foi expedido decreto elevando esta Paróquia a categoria de inamovivel — Paroquia Colada.

O mesmo decreto extendeu-se ao nosso estimado Pároco — Mons. Honorio, que ficou para completo jubilo dos macauenses, Paroco Colado desta Freguesia.

Por ato de 26 de julho de 1950, o Exmo. Sr. Bispo transferiu o Revmo. Coadjutor da Paroquia — Pe. Alcides Pereira, para Vigario de Santana de Matos e Encarregado da de S. Rafael.

Em 8 de agôsto partiu o digno Sacerdote para a sua nóva Paróquia, recebendo muitas homenagens dos catolicos.

Em outubro, a Fraternidade franciscana realizou a festa de seu pátrono, realizando-se a Visita Canonica, tudo presidido pelo Revmo. Frei Inocencio, de Recife, da O M. C., que com muita dedicação, nesses dias de graças e ben-

ções com infatigavel labôr atendeu a todos os serviços.

Por provisão de 5 de dezembro de 1950, foi nomeado Coadjutôr desta Páróquia, o Revmo. Pe. Luiz Galdino da Costa, que aqui chegou em 22 do dito mês, data em que tomou posse.

Faz-se necessário dizer o que foi a atuação do Padre Galdino, como Coadjutôr.

Sacerdote môço, inteiramente voltado ao cumprimento do seu Sagrado Ministerio, tudo fez, nesta terra pela maior gloria de Deus e salvação das almas.

Na Semana Santa, por motivo superior se achava ausente o Vigario e logo o Pe. Galdino presidiu a todos os atos, dando sobejas provas de sua muita dedicação, de seu zêlo sacerdotal.

O Coadjutor, sob a sabia e prudente orientação do nosso estimado e zelosissimo Pároco, prestou relevantes serviços a Paroquia, extendendo suas atividades as Obras Sociais.

E' assim que chamou a si o serviço de remodelação da casa paroquial, realizando-o, para o que contou com o valiôso concurso do Sr. Prefeito Municipál; fundou o Centro Social Pio XI; uma escola junto ao mesmo; realizou milagres trabalhando com afinco pela grande Obra das Vocações Sacerdotais e não perdia tempo, sempre trabalhando repito pela maior gloria de Deus e pelo maior desenvolvimento da nossa Santa Religião.

O Pe. Luiz Galdino, antes de deixar a Paroquia, foi alvo de justas e significativas homenagens, por parte dos macauenses.

O Exmo. Revmo. Mons. Honorio, Pároco Colado, fez registrar no Livro do Tombo, o Natal dos Pobres de 1950, realizado pela Prefeitura Municipal, em o qual fica bem patente a caridade em alto gráu exercida pelo dinamico Prefeito — Albino Gonçalves de Melo.

S. S., com o Natal dos Pobres, dispendeu a apreciavel soma de quarenta mil cruzeiros !

Tambem no Livro do Tombo, o nosso Pároco fez copiar a Carta Pastoral dos Exmos. Srs. Arcebispo D. Marcolino E. de Souza Dantas, Bispos D. João Pôrtocarrero Costa e D. José de Medeiros Delgado, sobre o problema rural.

Em 16 de julho de 1951, em comemoração do setimo centenario da entrega do Santo Escapulario, pela Virgem do Carmo, à S. Simão Stock, realizou-se a festa presidida pelo Vigario e tendo como pregador o Revmo. Pe. Luiz Vasconcelos, ilustre e virtuôso Sacerdote salesiano, cuja palavra fluente muito agradou.

A festa foi precedida de visitas da Virgem do Carmelo a 30 residencias.

Em agôsto do mesmo ano, por ocasião da já tradicional festa de N. S. dos Navegantes, esteve nesta Cidade como pregadôr da mencionada festa, o Revmo. Pe. Antonio Antas, Capelão do Abrigo da Velhice Desamparada, na Capital do Estado. Além de suas excelentes pregações, o Pe. Antas, ainda, junto ao Vigario, prestou pela segunda vez sua eficiente cooperação à Paroquia.

Em setembro, em Visita Canonica e para pregar o Retiro à Ordem Terceira, esta Cidade hospedou o Revmo. Capuchinho Frei Cipriano de Ponteccio. Grande proveito espiritual foi observado nestes dias de santo recolhimento.

O Exmo. Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese, que bem conhece a nossa Paroquia e admira o seu piedôso e Santo Vigario; não se descuida de mandar-lhe, quando possivel, um Coadjutôr.

E' assim que em 14 de dezembro do ano a que venho me ocupando, chegou a Macau nôvo Coadjutor — Pe. Manoel Pereira da Costa.

Sacerdote recem-ordenado, a sua cooperação aqui foi passageira, dado o minguado tempo que aqui passou, entretanto, ele deixou na alma de cada catolico, a saudade, à admiração que conquistou pelo seu muito zêlo sacerdotal demonstrado, pelas suas aprimoradas virtudes.

O Sr. Arcebispo chamou-o para entregar-lhe a direção de uma paroquia vaga.

Em janeiro do corrente ano (1952) em que a Paroquia se prepara para festejar o Jubileu Sacerdotal do Exmo. Revmo. Mons. Honorio, Macau recebeu a honrosa visita de dois Missionarios Capuchinhos — Frei Damião de Bozzano e Frei Fernando de Massa, que a convite do mesmo Vigario aqui pregaram Santas Missões e realizaram outros apostolicos trabalhos, com abundantes frutos espirituais.

Conforme o já expôsto acima, o Exmo. Sr. Arcebispo, no corrente ano, nomeou para Vigario Cooperador desta Paroquia o Revmo. Pe. José Severino de Araújo, sacerdote virtuôso, otimo pregadôr e que vem fazendo um verdadeiro apostolado.

E' paraibano e pertence a diocese de Penêdo, no Estado de Alagôas.

Conseguindo com o seu Bispo licença de 1 ano, veio à Natal em visita à parentes, tomando o nosso querido Prelado Arquiepiscopal a feliz resolução de nomea-lo Coadjutor de Macau.

Aqui chegando, não vem medindo sacrificios para o melhor desempenho do seu sagrado ministerio.

Na Semana Santa, cujos atos eram sempre oficiados pelo Vigario, ao lado deste, o Pe. José Severino trabalhou sem canceiras, sem desfalecimento. Durante a Semana Santa o Pe. Severino pregou admiravelmente.

No dia 6 (domingo de Ramos), 7 e 8 pregou tomando por tema — o Pecado, a Confissão e Exame de Consciência. Os sermões da Paixão e Ressurreição, bem afirmaram ser o Padre Severino um excelente oradôr sacro. Pregou, ainda, o Coadjutôr na Solenidade do Lava Pés e deu explicações por ocasião de outras cerimonias da Semana da Paixão de Cristo.

MONSENHOR JOAQUIM HONORIO, em visita de desobriga, à Ilha de Santana

Veio o mês de Maio, 31 dias, fôram 31 pregações do Pe. José Severino.

Este ilustre Ministro de Cristo, auxiliado pelos católicos, prepara o programa comemorativo das Bôdas de Ouro Sacerdotais de Mons. Honorio.

Como fica subtendido das noticias acima: durante este frutuôso segundo paroquiato (14 anos) do nosso atual Vigario, que agóra completa 50 longos anos de fecundo labôr apostolico, a religião aqui tem progredido admiravelmente.

Sua Excia. Revma., honra e gloria do clero norte-riograndense, zelôso Guia Espiritual do rebanho que lhe é confiado, com suas excelsas virtudes, com o seu exemplo admiravel, constantemente a balbuciar preces, tudo consegue em bem de seus paroquianos e de sua Paroquia.

Todos os anos, sob a presidencia de tão Santo Sacerdote, realiza-se em 31 de dezembro a Vigilia Eucaristica: Exposição de Jesus Sacramentado, com adoração pelos fieis, até a meia noite, encerrando-se com a Benção do Santissimo, quando anunciam os sinos, a auróra do novo ano.

Segue-se a Santa Missa com canticos e preces pela felicidade do Brasil. Prega o Vigario.

A Virgilia Eucaristica é aqui realizada (feliz coincidencia) desde dezembro de

MARIA DE LOURDES BEZERRA, presidente da Pia União das Filhas de Maria

1902, quando do inicio do 1.º paroquiato do atual Vigario.

São realizados com toda piedade os atos liturgicos da Semana Santa, sempre com avultada afluencia de fieis à Sagrada Mesa Eucaristica, com esplendôr e piedade são celebrados os mezes consagrados a Maria Santissima, ao Sagrado Coração de Jesus e os exercicios do Santo Rosario, diante do Santissimo Expôsto e ainda o mês das benditas almas do Purgatorio. As solenidades da Primeira sexta-feira: Missa, comunhão, Exposição do Santissimo, Hora Santa, Benção e reunião mensal.

As festas do Martir S. Sebastião, do Gloriôso S. José, de Corpus Christi, do Dulcissimo Coração de Jesus, da Virgem do Carmélo, de N. S. do Perpetuo Socorro, de N. S. dos Navegantes, do Serafico S. Francisco, da Pia União de Santa Terezinha, de Cristo Rei, com 1.ª comunhão de crianças e a festa de nossa Excelsa Padroeira, como vimos acima, são realizadas todos os anos com brilhantismo e sob a presidencia do incansavel Pároco que nos governa espiritualmente.

O nosso Vigario, que é tambem o Diretôr Espiritual das diversas Associações da Paroquia, incansavelmente, preside as Sessões Mensais das mesmas.

Esta Paroquia é rica em Associações.

Irmandade de N. S. da Conceição, Apostolado da Oração, Pia União das Filhas de Maria, Doutrina Cristã, Pia Associação das Almas do Purgatório, Confraria do Santissimo Rosario, Confraria de N. S. do Carmo, Transito de S. José, Irmandade de Nossa Senhora dos Navegantes , Arquiconfraria de N. S. do Perpetuo Socôrro, Congregação Mariana de Môços, Propagação da Fé, Conferencias Vicentinas, Ordem Terceira de S. Francisco, Associação dos Santos Anjos, Pia União de Santa Terezinha e Vocações Sacerdotais.

Já falámos acima do fundador do Apostolado e de quem presidiu a comemoração de suas Bôdas de Ouro, dos fundadores da Associação dos Santos Anjos e Pia União de Santa Terezinha.

Em resumo, uma noticia dos fundadôres das outras Associações: Irmandade da Conceição, fundada em 1834, por Resolução do Presidente da então Provincia do Rio Grande do Norte, Bacharel Antonio Bernardo dos Passos.

Aos 16 de abril de 1923, Monsenhor Alfredo Pegado de Castro Cortez, de saudosa memoria, por autorisação Diocesana, aprovou o Nôvo Compromisso da Irmandade, atualmente em vigôr.

Pia União das F. de Maria e Doutrina Cristã fundadas, respectivamente, em 1905 e 1907, pelo nosso atual Pároco. Ambas comemoraram, sob a presidencia de Mons. Paulo Heroncio, as suas Bôdas de Prata. Pia Associação das Almas do Purgatorio e Confraria do Santissimo Rosario, foram fundadas em 1910, ainda no primeiro paroquiato de Monsenhor Honorio.

Ambas festejaram suas Bôdas de Prata, em 1935, sendo desta vez sob a presidencia do Pe. Jorge O'Grady de Paiva.

Em 1914 e 1915, no paroquiato do Pe. Fortunato Alves da Arêa Leão, foram fundadas duas Associações: Confraria de N. S. do Carmo e Transito de S. José. Em 1939 e 1940, sob a presidencia do nosso atual Pároco, estas duas citadas Associações comemoraram o seu 25.º aniversario de fundação Irmandade de N. S. dos Navegantes, que tambem já comemorou, sob a presidencia de Mons. Honorio, suas Bôdas de Prata em 1946, foi seu fundador em 1921 o Pe. Julio Alves Bezerra, Vigario, por autorização de D. Antonio dos Santos Cabral. Arquiconfraria de N. S. do Perpetuo Socorro, foi seu fundadôr em 1925, o Exmo. Revmo. D. José Pereira Alves ,então Bispo da Diocese, quando do paroquiato do Mons. Julio Bezerra.

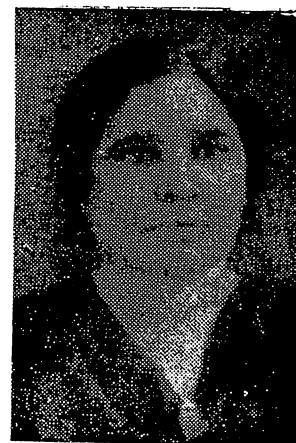
Em 1950, sob a presidencia de Mons. Honorio, assistimos as comemorações das Bôdas de Prata desta Associação e no corrente ano, sob a presidencia do mesmo e por ocasião de uma festa religiosa a Associação dos Santos Anjos, tambem comemorou o seu 25.º ano de fundação.

Congregação Mariana de Môços, foi seu fundadôr em 1938, Monsenhor Joaquim Honorio.

Propagação da Fé, fundada em 1936, no paroquiato do Pe. Luiz Teixeira de Araújo.

A Veneravel Ordem III de S. Francisco, foi seu fundadôr em 1940 o Revmo. Capuchinho Frei Agatangelo de Cingulis, tambem no paroquiato do atual Vigario.

Ha as Conferencias Vicentinas sob o patrocinio de N. S. da Conceição, S. José e Santo Antonio, que fôram fundadas, respectivamente, pelo Mons. Francisco de Assis Albuquerque, D. Antonio dos Santos Cabral, quando Bispo Diocesano.

Vê-se claramente que muitos dos Sodalicios existentes em nossa Paroquia, foram fundados por este ilustre Sacerdote, nosso querido Paroco Colado, que esta terra, não nos cansaremos de repetir, tem a felicidade suprema de homenagea-lo

ANA HONORIO DA SILVEIRA

por ocasião do seu longo e Santo Ministerio Sacerdotal.

Quiz, ainda, a Divina Providencia que este zelôso Pároco, presidisse as comemorações do Jubileu de Prata de Associações outras que não fundou.

Nos apontamentos colhidos escapounos nomes de ilustres Sacerdotes que nos visitaram e de alguns que fôram Coadjutores:

Padre Francisco Tanajura, baiano, Pe. João Wagner, de nacionalidade alemã, Pe. Bianôr Aranha, que aqui esteve em 1941, Pe. Esmerino Gomes, em 1943 e Pe. Luiz Guimarães, do clero cearense.

Ainda cumpre-nos registrar nesses apontamentos a honrosa visita feita ao Municipio, pelo Exmo Revmo. D. João Batista Pôrtocarrero Costa, então Bispo de Mossoró, por ocasião da festa do cincoentenario da Vila de Pendencias, realisado em 1945.

Fica, aqui, em resumo uma parte da Historia Religiosa de Macau.

Que a Excelsa Virgem da Conceição, derrame muitas bençãos e graças sobre a nossa Paroquia e o seu desvelado Pastôr.

ANA DOS PRAZERES AVELINO, ex-presidente da Confraria do Santissimo Rosario, já falecida

A significação de uma data

MONS. PAULO HERONCIO DE MELO

Festeja o Mons. Joaquim Honório seus cinquenta anos de padre.

O Jubileu de ouro do venerando e querido sacerdote é motivo de profundas reflexões.

Não se trata de uma simples comemoração de aniversario, nem apenas de uma oportunidade de prestar justissimas homenagens a quem fecha meio século de vida consagrada à gloria de Deus e ao bem do próximo.

As bôdas de ouro sacerdotais do grande macauense falam de um ministério que está acima de toda glória humana.

O sacerdócio é uma função mui sagrada.

Entre os povos todos houve e ha templos. Mesmo nas terras onde se quer riscar o nome de Deus da consciência humana, apezar da propaganda oficial do ateismo, e a despeito das mais tremendas perseguições.

Nos carceres como nos cemitérios de vivos que são os campos de concentração, iludindo a mais rigorosa vigilância, padres celebram o santo sacrifício da Missa.

A história da hamunidade não se escreve sinão diante dos altares.

Sacrifícios marcaram, em todas as épocas, os anceios do coração humano desejoso de aproximar-se de Deus, manifestando suas preces, seus louvores e sua contrição através do sangue que se derramava nas aras sacrificiais.

Sacrifícios que foram simbolos, tão somente, e que não conseguiram transpôr os limites do finito. O verdadeiro sacrifício realizou o Messias.

A vinda do Filho de Deus à terra é um mistério que se completa com o da sua morte na cruz.

O Cristo é a figura central do mundo. E seu sacrifício compendiou a angustia da alma humana, tornando-a capaz de elevar-se às regiões do infinito, pela divindade que a dignificou.

Porque o sacrifício divino-humano devia ser perene, Jesus antecipou o Calvário no Cenáculo e perpetua-o no altar.

A Missa é o mesmo sacrifício redentor do Golgota. Diferencia-se aquele desta apenas porque um foi cruento e o outro é místico. O milagre da transsubstanciação imola a mesma vítima da sexta feira santa.

O Cristo sacrifica e sacrifica-se. E' sacerdote e vítima ao mesmo tempo. Para perenizar o seu sacerdócio e, consequentemente, o seu sacrifício, serve-se de homens, assinalando-os com o sacramento da Ordem.

O padre é um outro Cristo que todos os dias sobe o altar, para oferecer ao Pai Celestial, em holocausto, a hóstia pura, santa, imaculada, que o Filho de Déus transforma em seu corpo, sangue, alma e divindade, pelos lábios do celebrante dizendo: "Isto é o meu corpo", "Isto é o meu sangue".

A data aurea do Mons. Joaquim Honório vem falar-nos do profundo significado do sacerdócio católico.

E' à luz da fé que devemos festejar tão auspiciosa comemoração, olhando no homem a grandeza de que se acha revestido ha cincoenta anos.

Sacerdote do Altíssimo, escolhido por Deus entre milhares de almas para seu ministro, instrumento de suas mãos na realização do mais solene ato, da maior cerimonia que ha sobre a terra — eis o que é o Mons. Honório.

Na consciência da sua dignidade, e na ventura da sua transfiguração, parece dizer-nos o venerando padre, através do "Magnificat" que sualma entôa: Vinde cantar comigo a glória do meu sacerdócio, a Deus agradecendo o meio século de Missas que tenho celebrado, sustentando nas minhas mãos, todos os dias, o Divino Cordeiro; que, por meu intermédio, oferece ao Eterno Pai, em seu nome e pela humanidade inteira, um sacrifício de adoração e de ação de graças, de propiciação e se suplica.

Hino a Monsenhor Joaquim Honório

Letra de OLDA AVELINO
Musica de Avelino Faustino Costa

Cantai, ó sacerdotes!
Na torre canta o sino,
A Igreja está cantando
Um jubiloso hino.

Em Monsenhor Honório,
Macau tem um tesouro,
Um sacerdote santo,
Que hoje comemora
As suas Bodas de Ouro.

Cantai, cantai, crianças,
Em notas argentinas,
Cantai, ó mocidade
Da terra das salinas.

Macau está cantando,
De alegria num transporte,
Está, mesmo, abraçando
E parabenisando
O seu filho sacerdote.

Cantai, ó pescadores,
Também sabeis cantar:
A voz do vosso peito
E' a grande voz do mar.

Em Monsenhor Honório,
Macau tem um tesouro,
Um sacerdote santo,
Que hoje comemora
As sua Bodas de Ouro.

Cantai, cantai, marujos,
Cantai homens do mar.
Macau está cantando,
Também deveis cantar.

Macau está cantando,
De alegria num transporte,
Está, mesmo, abraçando
E parabenisando
O seu filho sacerdote.

Cantai trabalhadores
Do sal, cantai, então.
O canto das salinas
Trazei com expansão.

Em Monsenhor Honório,
Macau tem um tesouro,
Um sacerdote santo,
Que hoje comemora
As suas Bôdas de Ouro

Cantai, cantai, moinhos,
Festejando êste dia,
Deixai na voz dos ventos,
A vossa melodia.

Macau está cantando,
De alegria num transporte,
Está mesmo abraçando
E parabenizando
O seu filho sacerdote.

Cantai, ó rio Açú,
Com quem Macau se estreita,
Num demorado abraço,
Ficando-lhe à direita.

Em Monsenhor Honório,
Macau tem um tesouro,
Um sacerdote santo,
Que hoje comemora
As suas Bôdas de Ouro

Cantai "farol velante",
Farol de Alagamar,
Cantai, hoje, conosco,
Ficai, hoje, a cantar.

Macau está cantando,
De alegria num transporte,
Está, mesmo, abraçando
E parabenizando
O seu filho sacerdote

Saudando neste instante,
Ao nosso Monsenhor,
Erguemos para o Céu,
Um hino de louvor.

Em Monsenhor Honório,
Macau tem um tesouro,
Um sacerdote santo,
Que hoje comemora
As suas Bodas de Ouro.

9 — 11 — 952.

AMOR E SANTIDADE

Pereira da NÓBREGA

Recordo-me ainda, era bem moço, jovem acadêmico de direito, ao que me parece, defrontei-me certo dia, na região seridoense, com a figura elegante, simples de um sacerdote, forte na expressão física, simpático e magnifico nas atitudes.

Era um dia cheio de luz e de calôr. O sertão de minha terra, o Seridó, naquêle dia, como sempre, abrasador e cálido, aprsentava para mim uma bela oportunidade para conhecer e admirar a figura sincera e digna do sacerdote que, em tôda sua vida de vigário de Cristo, foi a expressão mais alta e o testemunho mais evidente de sua carreira santa.

Êsse sacerdote, encarnação perfeita da vida simples e pura, foi o Mons. Joaquim Honório da Silveira, filho dêste rincão potiguar, que, sem favôr algum, assemelha-se em tudo com a vida de Cristo, tanto na humildade, na fé, nas virtudes, quanto no espírito de renúncias e caridade.

A sua vida, mormente no exercício santo da carreira sacerdotal, por onde passou, tanto nas freguezias do Estado, quanto no Estado do Rio de Janeiro, como em múltiplas funções outras, foi sempre digna de um sacerdote honrado e inteligente.

Ninguém até hoje, que se diga com ufania, atreveu-se a mal dizer de seu passado de sacerdote, tais os dotes morais, tal a sua honestidade pessoal, tal o zêlo inexedivel pelas coisas santas de que dignamente se incumbiu, como sacerdote de Cristo.

Como magistrado désta comarca, há quase três anos, convivendo com o ilustre sacerdote, venho acompanhando de perto a sua carreira, e sempre o vi digno, operoso, risonho, sincero nas suas atitudes, evangelizando com doçura a palavra de Deus, quer da tribuna santa, quer com o exemplo, quer por meio de consêlhos.

O seu passado, pois, é um testemunho evidente de uma belissima formação moral e eclesiástica. Nasceu, Mons. Honório, não há dúvida, para os altos mistérios da santidade que, sem dúvida, lhe aguarda no futuro que Deus lhe reservou.

Êle, portanto, viveu para os arcanos do AMÔR santo, onde o necta da vida ungiu a sua alma de sacerdote, conduzindo-o aos santos desígnios de Deus. Foi néssa afinidade espiritual que êle, na estrada maravilhosa da Vida, na terra, conheceu a Jesús a quem consagrou tôda a sua existência, amando-o, por êle se sacrificando.

Monsenhor MURINO, em uma de suas maravilhosas prédicas apologéticas, disse que cristão equivale a um outro Cristo: "Cristo na inocência da vida, Cristo na verdade da doutrina, Cristo na submissão à autoridade, Cristo na caridade que se expande, Cristo na séde do sacrificio e na constância da prova".

Aquí está, portanto, um cristão, que é sacerdote de Cristo, e que, em verdade, equivale a figura de Cristo, na acepção de Mons. MURINO.

Cingindo a simples batina de um padre, despretenciosamente, vejo diariamente celebrando a santa missa na matriz désta freguezia, o Mons Honório, já alquebrado pelos anos, todavia sem queixumes, representando o papel verdadeiro de sua elevada missão na terra. Tôdos o ouvem com carinho e distinção. respeitando-o, amando-o, venerando-o.

Até no pregar o santo Evangelho, no altar, vestido liturgicamente, êle traduz a veneranda figura de Cristo, manso como um cordeiro, justo nas suas observações, prudente nas admoestações.

A única arma dêsse sacerdote, em tôda a sua vida, é a ORAÇÃO. Vive orando, mesmo entre os amigos, em momentos de intimidade, e ora por outra, êle balbucia preces e orações. A oração, disse alguém, é a rainha do mundo. Porisso, Mons. Honório, vive orando.

A sua vida é santidade! Após a expulsão de Adão e Eva do Paraizo, os seus descendentes tomaram dois caminhos: o hebraismo e o paganismo, mas, como disse MURINO, em um e noutro houve sempre o sentimento e necessidade da oração.

> "Orava o pôvo hebreu nos faus-
> "tosos eventos como nos tristes
> "sucessos de sua vida, orava en-
> "tre os ferros da escravidão,
> "quando, dependuradas as citras
> "mudas nos salgueiros da Ba-
> "bilônia, fazia ouvir as lamen-
> "tações de sua alma cheia de
> "dôr. Orava quando, quebrados
> "os grilhões e readquirida a li-
> "berdade, sacrificava oblações a
> "seu Deus, entoava-lhe o cântico
> "triunfal da vitória. Orava o pa-
> "ganismo quando os seus sequa-
> "zes prestavam culto aos idolos
> "de madeira e de pedra, fazendo
> "ecoar as suas orações nas abó-
> "badas dos templos, no fundo de
> "alguma floresta sagrada ou
> "junto a uma fonte dedicada à
> "divindade".

Jesús Cristo, na sua vida na terra, inculcava muitas vêsês a oração dizendo: "E' necessário orar, orar sempre, sem cessar". Disse ainda: "Orai e quando pedirdes em meu nome, tudo recebereis". Assim, orando constantemente, vive o ilustre sacerdote referenciado.

> "Ora-se debaixo das abóbadas
> "austeras dos nossos templos, no
> "silêncio dos claustros onde
> "muitas vêses, alta noite, ressôa
> "doce a palavra da oração nos
> "labios das virgens cristãs, que
> "madrugam à espera do Celeste
> "Espôso para que as não deixe
> "de amar".

Foi pela oração, pela fôrça da préce fervorosa, que o Mons. Honório vem se tornando o apóstolo da Fé cristã, o símbolo reverenciado por tôdos que o conhecem, o padre santo da paróquia de Macáu.

Amando o próximo, respeitando-o, e servindo à causa de Deus, no exercício contínuo de sua santa missão, êle passará à posteridade como expressão viva de amôr e santidade, sem nenhum favôr humano.

Encerrando estas despretenciosas alusões à sua personalidade de sacerdote, fazendo justiça aos que se sacrificaram pela nobre e santa causa de Deus, almejo vê-lo, no futuro, entre os justos e santos na Galeria Imortal dos que lutaram **Ad majorem Dei Gloriam.**

ANTONIO HONORIO DA SILVEIRA, já falecido

Um sacerdote santo atrai sobre si as bençãos de Deus e a simpatia dos seus paroquianos.

Capélas existentes nesta Paroquia de N. S. da Conceição de Macáu

MANOEL JUSTINO BESSA

A da Vila de Pendencias, que tem como Orago o Gloriôso São João Batista, foi edificada em 1895 por Felix Rodrigues Ferreira, na gestão do virtuosissimo Monsenhôr Francisco de Assis Albuquerque, de saudossima memoria e sua benção foi dada em 8 de abril de 1901, no paroquiato do Pe. Gifoni.

Existe alí, bem florescentes o Apostolado da Oração, a Ordem Terceira de S. Francisco de Assis e um Centro de Catecismo.

Durante o paroquiato do nosso atual Diretor Espiritual, a Capela daquela progressista Vila tem sido convenientemente remodelada, devendo-se em grande parte ao esfôrço (além de outros dedicados católicos) do Sr. Francisco Alves de Queiróz e sua senhóra D. Isaura Queiroz e da senhorinha Maria Rodrigues de Mélo, zelósa Ministra da Ordem III. Praticariamos uma ingratidão se não nos ocupassemos demoradamente em tôrno do nome desta senhorinha — Maria Rodrigues de Melo. Católica fervorósa, Ministra da Ordem III, Zeladôra do Apostolado da Oração e dedicadissima catequista, trabalhou infatigavelmente pela religião na terra de Felix Rodrigues. Como Ministra da Veneravel Fraternidade da Ordem Terceira, iniciou em 1950 os trabalhos da casa de São Francisco, que teve formal aprovação do Vigario e do Revmo. Capuchinho Visitadôr, áquela época, construção que não terminou por lhe faltarem recursos pecuniarios e em virtude de sua saúde abalada, que obrigou-a a ir residir na Capital do Estado.

Inteligente e dotada de sentimentos tão nobres, com uma visão bem nitida em espalhar o bem à humanidade, creou alí naquela Vila uma escola para crianças pobres, cuja matricula bem satisfazia.

Os Estatutos da Casa de São Francisco falam evidentemente de sua capacidade administrativa:

"Destina-se a amparar e proteger a velhice e a infancia abandonadas, proporcionando-lhes meios de subsistencia material, educativa, moral, religiosa e profissional; mantendo um Curso de alfabetização, além de cursos práticos de sapateiro, pedreiro, funileiro, etc.

Fazendo esse ligeiro registro, elevamos ao Creadôr as nossas preces pela sua cura radical, para que dentro em breve, possa voltar a praticar o Bem à terra que lhe é tão cara.

D. Ana Martins Fernandes, cerca de dez anos, foi esforçada e zelósa Presidente do Apostolado e terceira franciscana, tudo fazendo pelo desenvolvimento da religião em Pendencias. Suas filhas Perpetua e Judite Martins, como catequistas não tinham canceiras e trabalhavam ao lado de sua mãe. Atualmente residem na séde do Municipio.

D. Ana Martins é viúva do saudôso João Martins Fernandes que trabalhou interruptamente pelo progresso espiritual da Vila.

Muito se destinguiram alí como Ministros da Ordem Terceira, o Sr. Firmo Fernandes e D. Zulmira Gurjão Fernandes. Ambos muito fizeram pelo Catecismo. D. Zulmira, na arte de catequisar se destacava admiravelmente, revelando muita aptidão, muita paciencia, muita dedicação.

E' justo mencionar neste registro, os nomes de D. D. Maria Moura da Rocha, Mafalda Vieira, Adelia Paiva, Laura Bezerra, Elisa Bessa, Julia Rodrigues e outras cujos nomes escapa-nos à memoria; tôdas têm sua bem consideravel soma de bons serviços prestados à Igreja de S. João Batista, dessa catolica e progressista Vila de Pendencias.

José Martins Ramos, de saudosissima memoria, ofereceu tambem a esse templo sagrado, o seu vultôso auxilio: concluiu às suas expensas o trabalho da torre, construiu o corredôr direito da Igreja, construiu o altar de S. José, deu um sino à Igreja e sua bolsa sempre pronta quando lhe solicitavam um obulo em beneficio da Igreja e das festas religiosas.

Foi um continuador, como já disse alguém, da obra de Felix Rodrigues e do seu filho João Macario.

Recordações do Padre Honório

ROMULO C. WANDERLEY

Mesmo que não houvesse outros motivos de ordem afetiva, que me ligassem a monsenhor Joaquim Honório, uma eu ressaltaria enquanto vida me désse Deus. E' que foi êle o primeiro padre que meus olhos fitaram, naqueles longínquos dias de 1916 ou 1917, no Assú.

Menino de calças curtas, preso à disciplina da boa Mãe Aninha, que me criava tão bem quanto a minha própria Mãe, eu pouco ia à rua, gosar a folga prolongada das aulas caseiras. Quando, porém, me matricularam no Grupo Escolar, cuja frequência me obrigava a fazer um longo trajeto, do Macapá à Rua S. Paulo, onde ficava o velho educandário, ia diariamente, aproveitando a sombra das casas amigas, quasi sempre olhando os seus interiores, na curiosidade natural das crianças.

Foi nessas caminhadas, que conheci o vigário da freguezia — o padre Joaquim Honório da Silveira, que a todos "inspirava respeito, impunha simpatia", como diria o poeta.

x x x

Para uma cidade como o Assú, que sempre fôra curada por sacerdotes dignos dentre os mais dignos, êle constituia um presente dos Céus. A sua humildade era proclamada e a sua paciência se tornara proverbial e evangélica. Preocupava-o, antes de tudo, o serviço de Deus. Os ofícios religiosos, desde os mais simples até os mais solenes, como os do mês de junho, em honra do Padroeiro, absorviam-no totalmente.

O seu desprendimento dos bens materiais estava isento de qualquer restrição. Fazia questão de viver na mais franciscana pobreza, metido numa batina que era, invariavelmente velha, e tendo à mão um **Breviarium** que devia datar dos primeiros dias do seu apostolado.

Padre Honório era uma figura integrante da comunidade assuense. Porisso, grande foi o pesar de todos quando chegou a notícia de que êle iria deixar-nos, para acompanhar o Bispo D. José Pereira Alves a Niterói. E a notícia, como sempre acontece ao que se não deseja, tornou-se realidade.

x x x

Ainda hoje me lembro do dia de sua partida, em 1925, depois de onze anos de paroquiato, nos quais não desagradara a ninguém, não dera lugar à menor queixa, nem jamais deixara de ministrar os Santos Sacramentos a quem lhes solicitava, fôssem qual fôssem a hora e a distância. Houve lágrimas nos olhos de muita gente. Lagrimas espontâneas, de quem via ausentar-se o querido pastor, que sòmente vivera para o seu rebanho.

x x x

Anos depois, ei-lo que regressa ao Estado natal e desta vez para fixar-se definitivamente na sua cidade, a encantadora Macáu, que, de longe, pelo nome, parece uma cidade chinesa, e de perto, é, no entanto, o mais nordestino dos retiros praieiros, onde as naus descansam das longas jornadas, fitando de perto as brancas pirâmides de sal.

Voltou para, junto da sua gente, render graças ao Creador por lhe permitir comemorar meio século de existência a seu serviço, no mais piedoso e fecundo dos apostolados, em meio à obediencia e à religiosidade de uma população que é bôa e pacífica, temente a Deus e à sua Igreja.

Grupo de meninas pertencentes a Associação dos Anjos, vendo-se ao centro a Poetisa Olda Pinheiro Avelino, diretora da referida Associação

E agora a capéla recebe o influxo de sua nóva bemfeitôra. D. Isaura Queiroz trabalhando ativamente entre os catolicos dali, substituiu o tecto, cobrindo a Igreja com têlhas francêsa e fez outros serviços importantes na remodelação da mesma e pretende, dentro em breve, mosaicar todo o piso.

Mensalmente o Vigario faz ali a sua Visita Paroquial, quando avultado número de fieis faz a sua comunhão.

Quando ha Coadjutor na Paroquia, são feitas ali as 1.ªs sextas-feiras de cada mez.

A Capela de Mulungú, cujo termino de sua construção foi em 1943, em 15 de outubro de 1944, com assistencia de muitos católicos dali e das localidades visinhas, teve lugar a sua Benção, oficiando na mesma o nosso Pároco Mons. Joaquim Honório da Silveira.

O movimento espiritual nesse dia foi bastante animadôr, comungando quasi 200 pessôas.

Em 23 de setembro de 1941, ainda sob os alicerces da Capela, foi celebrada ali uma Missa, havendo nesse dia 31 batisados e 70 fieis se aproximaram do Banquete Divino.

Em 1944, foi creada naquela localidade uma Escola para o que cooperou o Mons. Honorio. Logo após a creação da Capéla começou a progredir aquele nucleo de população, sendo daquela data para cá, construidas ali 32 casas. A Capela sob a invocação de N. S. do Perpetuo Socôrro, está construida em terreno doado em 1907 por D. Ana Francisca Loureiro, já falecida e que residia no lugar denominado Môrro do Cel. Jeronimo.

A imagem de N. S. do Perpetuo Socôrro, foi um presente de D. Maria Madalena e o pôvo adquiriu para a Capela uma bela imagem do Sagrado Coração de Jesus.

Dentre outros melhoramentos de carater espiritual, o nosso bondôso e atual Vigario, creou ali em 25 de novembro de 1945, o Centro do Apostolado da Oração e em igual data do ano seguinte a Obra das Vocações Sacerdotais, não se des- [illegible] aquela Capela, as alfaias necessárias ao culto.

Ali está a Capéla ao zêlo do Snr. Joaquim Mauricio da Cunha.

Capela de Umburanas Altas, que ainda não foi erecta canonicamente, está porém, com licença provisoria, sendo dada a Benção em 20 de dezembro de 1942 por Mons. Joaquim Honorio e está sob a invocação de São Jorge.

Foi iniciativa do Snr. Manoel André Diaz, então Agente da Organização Henrique Lage e construida às expensas daquela grande Emprêsa, que é tambem proprietaria de Umburanas Altas, onde tem suas grandes salinas.

Capela de Soledade, foi construida durante o paroquiato de Mons. Francisco de Assis Albuquerque, que lhe deu a Benção e tem como Orago o Santissimo Coração de Jesus.

Capela de Guamare, erigida em 1783, está sob a proteção de N. S. da Conceição e tem o seu patrimonio. Foi ali instalado um Sub-centro do Apostolado e a Obra das Vocações Sacerdotais.

Não consegui outros esclarecimentos a cerca desse modesto templo sagrado, construido há mais de 1 1/2 século.

Capela de Barreiras — Seguras informações me foram fornecidas pelo ilustre e velho amigo Francisco Honorio da Silveira, irmão dessa veneranda figura de Sacerdote — Mons. Honorio, em tôrno da Capela acima mencionada.

Em 1913, quando das Missões aquí pregadas pelos jesuitas, portuguezes, que a convite do então Pé. Joaquim Honorio

CAETANO MANGIA, tesoureiro da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição

vieram à Macau, o informante acima mandou construir um cruzeiro, que foi colocado naquele ano por um dos mencionados Sacerdotes de nome Bernardino Araújo, no terreno onde depois (1913) foi construida a primeira Capela, com frente de alvenaria e o côrpo de taipa, depois demolida e construida a atual, toda de tijôlo e que em breve (é pensamento dos catolicos dali) será remodelada.

Deu a benção o Revmo. Pe. João

CLEOFINA CAVALCANTE DE MENDONÇA, presidente do Apostolado da Oração

Clemente de Morais Barreto, de saudosa memória. Este Sacerdote era macauense e faleceu como Vigario de Flôres, hoje Florania.

O Padroeiro é São Sebastião, cuja imagem foi adquirida por Cr$ 460,00.

D. Isabel Fernandes Martins, antes de falecer dôou para aquisição da citada imagem a quantia de Cr$ 150,00 e o restante foi angariado entre o pôvo.

O terreno onde está a Capela, foi doado verbalmente pelo falecido Zacarias Fernandes.

Como patrimonio tem a Capela uma casa de taipa e têlha com 4 coqueiros, tudo doado pela falecida D. Joana de Brito Marques, conforme escritura em poder do atual Vigario.

Além do Padroeiro, tem a Capela as seguintes imagens: Nossa Senhora do Livramento, doada à Igreja pela familia Honorio. São Vicente de Paula, Sagrado Coração de Jesus, S. Luiz de Gonzaga e São Pedro, cuja aquisição foi feita às expensas dos católicos de Barreiras.

Santa Terezinha do Menino Jesus, oferta do Sr. Francisco Honorio Filho e familia. Nossa Senhora das Graças, pelo Dr. Deoclecio Duarte.

Tomaram o maior interesse em angariar donativos para a primitiva Capela e sua reconstrução, os seguintes: Luiz Martins da Silva, Francisco Honorio da Silveira, João Leandro de Maria, Francisco Xavier de Menezes e João Martins da Silva.

Há ali um Sub-Centro do Apostolado, das Vocações Sacerdotais e um Centro de Catecismo.

CRUZEIRO

Ao sul desta Cidade, à margem esquerda do rio Assú, no lugar denominado Ilha de Santana, ha um Cruzeiro que alí é venerado.

Em 1856 chegavam na Ilha, procedentes de Santana de Matos, Angicos e Assú, os seus primeiros habitantes, em 1864 chegavam novos retirantes e todos ficaram sob a proteção da familia Xavier, proprietaria alí.

Nesse mesmo ano atacou impiedosamente o colera, que alastrou-se pela então Vila de Macau, seu municipio e o de Assú, sendo muitas das vitimas da terrivel molestia sepultadas na Ilha mencionada, o que deu lugar a que fosse alí erigido um Cruzeiro de Mangue Canué.

Em 1877, treze anos depois, acossados pelo flagelo da grande sêca, afluiu para aquele lugar muita gente, rebentando novamente a epedimia, acressida desta vez de bexiga e beriberi, cujas vitimas eram sepultadas no Cemiterio improvisado, isto repetindo-se nos anos de 1918 e 1934, quando grassava a hespanhóla e novamente a bexiga.

Em 1934 o cruzeiro sofreu uma refórma, sendo que o atual foi construido em 1945 pelos Snrs. João Teodosio e João Cassiano, auxiliados por outros colegas operarios do estaleiro da Cia. Comercio e Navegação.

Em 8 de janeiro de 1946, o nosso atual Páraco Colado, dava a benção a nóva Cruz da Ilha, para onde foi feita uma romaria ao cantico de hinos sacros pela Congregação Mariana e membros de outras associações.

O oficiante rezou com o pôvo um têrço pelas almas dos que ali estavam sepultados.

Em 8 de outubro de 1944 fôra celebrado, nas proximidades do Cruzeiro, na residencia do Sr. Antonio José dos Santos, pelo nosso Monsenhor Honorio, o Santo Sacrificio da Missa com canticos e uma 1.ª comunhão de 46 creanças preparadas por D. Ana Medeiros e outras catequistas, havendo, ainda, avultado número de comunhão de adultos. O Vigario pregou ao Evangelho. Houve casamentos e batisados.

Foi conferida fita de catequista a D. Terêza dos Santos, espôsa do dono da casa e a mais duas pessôas.

Em seguida foi oferecido um café aos néo-comungantes e pessôas presentes.

Em 24 de agôsto do ano em curso foi, novamente, celebrada uma Missa na Ilha, sendo esta ao pé do Santo Cruzeiro, com pregação e acompanhada a canticos, pelo Mons. Honorio com assistência de muitos fiéis dali e desta Cidade.

O Vigario e o pôvo, atravessaram o rio em embarcações encarregadas do transporte. Ao chegar na rampa do lado apôsto, estava, devidamente aparelhado, um cavalo à disposição do Vigário que o levou até ao local da cruz, quasi 1 quilometro da margem do rio.

Um belo altar artisticamente preparado, tudo embandeirado e no alto de um mastro tremulava o auri-verde pendão da nossa Pátria.

Contam que alí no modesto Cemiteria da Ilha está sepultado um Cidadão tambem modesto e como que quasi esquecido — o Sr. Amaro Piano que na grande enchente do Rio Assú em 1924, tornou-se um verdadeiro heroi, trabalhando ativamente na sua frágil embarcação, durante os dias da enchente, na salvação dos inundados, socorrendo com admiravel destreza homens, mulheres, crianças e até aos proprios animais. Fazendo esse ligeiro registro, rendemos uma homenagem a esse heroi desconhecido.

O Sr. João de Aquino Silva, funcionário da Cia. Comercio e Navegação de pouca instrução, mas inteligente e de uma memoria prodigiosa, ao ponto de gravar todas as datas, colheu e me forneceu mentalmente os apontamentos acima.

Não é exagêro dizer-se que o Aquino, se fosse preparado intelectualmente, seria um historiadôr: sagração de bispos, ordenação de padres, acontecimentos importantes, falecimentos, desastres, etc., tudo em fim o Aquino traz em sua extraordinaria memoria, que se pode chamar de rarissima.

Nesta Cidade, na hoje "Praça Café Filho", se ergue suntuôso no centro da citada Praça um Santo Cruzeiro, alí erigido numa tarde chuvosa do inesquecivel dia 29 de junho de 1905, quando pregava Missões o Pe. Caetano Benvenuti, da inclita Companhia de Jesus, que aqui esteve durante 30 dias (16—7—1905 a 16—8—905) por um especial convite que lhe foi dirigido pelo então Vigario Padre Joaquim Honorio da Silveira, nosso atual Páraco Colado.

O Santo Missionario, o Vigario e o pôvo, querendo perpetuar aquele movimento essencialmente religiôso, erigiram o Santo Cruzeiro da Praça, que continúa de braços abertos, como que a abençoar a nossa Cidade e alí está dia e noite ao zêlo constante e incansavel do Snr. José Pedro dos Santos (José Pequeno).

O Snr. Prefeito, num dos seus belos gestos, ordenou a aposição de duas lampadas eletricas, no Santo Cruzeiro.

Despedida do Mons. Paulo Heroncio quando deixou a Paroquia de Macáu

Deixo aqui a minha saudade e a minha profunda gratidão ao querido povo de Macáu. Depois de sete anos e oito mezes de paroquiato deixo esta bôa terra que me cativou a ponto de me tornar um legitimo, como os mais bem nascidos neste rincão abençoado. As manifestações que recebi, o empenho do povo perante o exmo. sr. Bispo para que eu ficasse, tudo o que se passou nos últimos dias da minha estadia aquí, veio demonstrar o carinho do largo coração macauense. O banquête que me ofereceram, a linda medalha que me ofertaram, as palavras dos oradores, as lagrimas que se derramaram mais uma vez me prendeu à generosa terra das salinas. Sigo hoje para São José de Mipibú, nomeado vigário daquela paróquia. Não sei como deixarei Macáu. Deus sabe como eu sinto esta separação! Mas Ele assim o permite porque assim o quer. Sêja feita a vontade do Altissimo na pessoa do seu humilde servo e ministro.

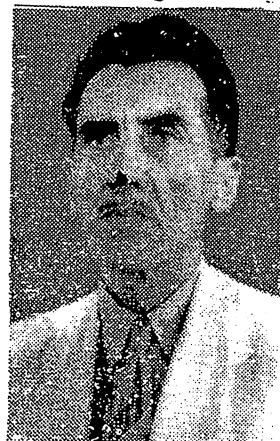
Virgem da Conceição, padroeira desta terra, mãe carinhosa, abençoai Macáu.

Macáu! Fazes parte integrante da minha vida! Adeus, associações, querida mocidade; familias, creanças do catecismo, adeus. Adeus igreja branca de formosos altares! Como te vejo, na hora da partida, branquejada pelo luar que vai mergulhar reflexos de prata nas aguas do rio. Adeus salinas alvadias, brancas como a puresa das almas desta terra ! Saudades, muitas saudades de quem parte com o coração despedaçado de tristesa! Mas eu estarei sempre convosco povo macauense, porque eu vos levo no sacrario do meu peito. Adeus!

A's 2 horas da manhã do dia 31 — 10 — 1933.

a(Padre Paulo Heroncio de Mello

Meus agradecimentos aos valiosos cooperadores **Caetano Mangia, Raimundo Nonato de Albuquerque, Francisco Honório da Silveira, Antonio Honório da Silveira, Manoel Eloi Sobrinho, Joaquim Pedro de Moraes Coêlho, Bernardina Menezes, Olda Avelino, Julieta Alves, Ana Avelino, Clara Tetéu e José Antunes de Miranda.**

a) Pe. Paulo Heroncio

FIRMO FERNANDES, da Ordem Terceira dos Franciscanos

O "Educandário Nossa Senhora das Vitórias" e o Monsenhor Joaquim Honório da Silveira

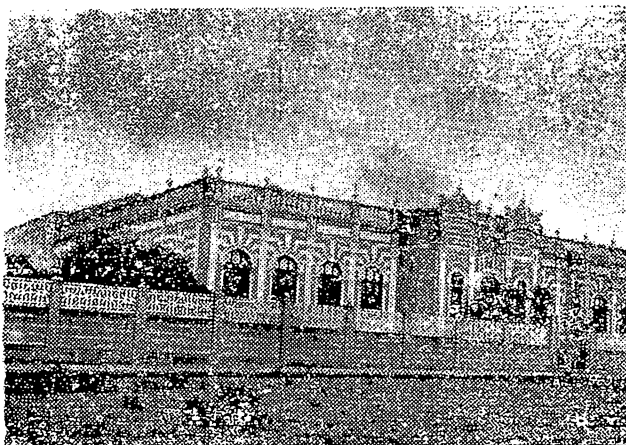
PALMERIO FILHO

Educandario Nossa Senhora das Vitorias, do Açu

Todo mundo sabe e creio mesmo, ninguem ignora, que, a realização do "Educandário N. S. das Vitórias", foi obra do Monsenhor Joaquim Honório da Silveira, quando diretor espiritual da paroquia de Açu, de 1914 a 1926. E' bem verdade que ele nunca reivindicou para si, o mérito desta iniciativa grandiosa, que tão bons e assinalados serviços vem prestando à juventude de nossa terra. Nós, porém que assistimos e acompanhamos os seus passos em pról da realização desta maravilhosa idéia, damos aqui o testemunho inconcusso de sua incansavel atividade para que o "Educandário" se fizesse e tivesse o resultado desejado.

A sua correspondencia trocada com as mais destacadas figuras do episcopado brasileiro, no sentido de adquirir preceptoras competentes para dirigir e lecionar no "Educandario Nossa Senhora das Vitorias", foi mais um triunfo, uma vitoria a mais, pela elevação moral e cultural do referido estabelecimento de ensino e educação que há 26 anos vem sendo um verdadeiro servidor do nosso torrão natal — servidor abnegado na significação propria e legítima do termo.

Ao Monsenhor Joaquim Honorio da Silveira, ao seu esforço, a sua dedicação, a sua bôa vontade e finalmente ao seu prestigio proprio deve Açu este grande melhoramento, esta boa obra que tem como credenciais a recomendar-lhe o nome, a competencia, o desprendimento e as nobres virtudes das abnegadas irmãs do Amôr Divino, — indice eloquente do saber e do valor moral, desta magnifica e proveitosa instituição, que tão bons frutos tem dado à mocidade açuense, e que tem em cada discipulo seu, os mais nobres sentimentos de amor à Religião e à Pátria.

Em se tratando, pois, de comemorar o jubileu de ouro sacerdotal do Monsenhor Joaquim Honorio da Silveira, deste lutador incansavel que no seu aspecto de sacerdote humilde e virtuoso, muito tem feito pela santificação das almas e pela glória de Deus, não podia o "Educandario Nossa Senhora das Vitorias" ser indiferente a esta demonstração de justo aféto e carinho, a pessôa do seu inesquecivel fundador, por isto que vem, enfeixar nas páginas primorosas desta poliantéa, este feito glorioso da vida do Monsenhor Joaquim Honorio da Silveira, como subsidio para a história e como dever de gratidão, pelos seus serviços prestados à construção do "Educandário" desde a sua base até ao seu completo acabamento.

Quem estas linhas escreveu conhece bem a orientação inteligente e honesta do creador do "Educandário Nossa Senhora das Vitorias", que soube angariar amigos e cooperadores para levar a efeito o gigantesco empreendimento que muito honra a nossa terra e dignifica a nossa gente.

Amigo da instrução, e consequentemente, das crianças, conseguiu dotar o Açu, desta obra de grande vulto e de extraordinaria utilidade.

Estas as informações que podemos dar à Comissão encarregada da festa comemorativa do Jubileu de Ouro sacerdotal do Monsenhor Joaquim Honorio da Silveira, para que fique registrado, como penhor público do muito que fez pela nossa terra, o querido e venerando Sacerdote, que teve o arrojo e coragem de dotar o Açu de um estabelecimento de ensino e educação, a altura do seu conceito e das suas gloriosas tradições.

★★★★★★

MINHA HOMENAGEM

A "POLIANTÉIA" presta hoje junto aos paroquianos de Macáu, a sua justa homenagem ao virtuoso MONSENHOR JOAQUIM HONÓRIO DA SILVEIRA, pela passagem das bôdas de ouro do seu sagrado presbiterato.

Falar em MONSENHOR JOAQUIM HONÓRIO DA SILVEIRA, é lembrar o passado de uma vida toda inteiramente dedicada a religião e aos seus paroquianos, é falar bem alto na figura sabia e veneranda que todos admiram e estimam, é falar no sacerdote virtuoso de alma bonissima e coração transbordante de generosidade, enfim, é falar de uma vida devotada inteiramente ao bem das almas, uma vida de piedade que não precisa de apresentação, pois, é de todos já bastante conhecido.

Nascido a 14 de Janeiro de 1879, nesta heroica cidade das salinas, filho de Francisco Honório da Silveira Canuto e Ana Honório da Silveira, um casal eleito pela sorte, tendo sido batisado no da 2 de Março do mesmo ano, sendo os seus padrinhos — Joaquim Rodrigues Ferreira e Ricardina Rodrigues Cavalcanti. Recebeu a sua primeira comunhão no dia 1.º de Novembro de 1892, e desde então demonstrou tendencias para a vida eclesiastica. Aos 16 anos de idade ingressou no Seminario Episcopal da Paraíba, ou seja, no dia 29 de Março de 1895, sob a benção e proteção do Padre Francisco de Assis e Albuquerque, sendo um menino dotado de magnificas qualidades morais e espirituais soube conquistar largo circulo de amisade entre os seus colegas de Seminario. Recebeu a prima tonsura em Novembro do ano de 1898, quando passado mais um ano, recebe as ordens menores, sempre destacando-se como inteligente e distinto em seus estudos. No dia 7 de Julho de 1901, foi sub-diaconato e em Novembro do mesmo ano diaconato. Em 9 de Novembro de 1902, foi-lhe conferido o sagrado presbiterato por D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, na cidade de João Pessoa, Estado da Paraíba do Norte. A sua primeira santa missa, cantou-a em sua terra natal no dia 8 de dezembro de 1902 tendo como assistentes os Reverendissimos Padres Irineu Otavio de Sales e Silva e Conego Estevam José Dantas, tendo o primeiro pronunciado uma bela e comovente oração gratulatoria. Em seguida, foi nomeado vigario de sua terra natal e passou de Dezembro de 1902 até Agosto de 1913 destribuindo aos paroquianos de Macáu, um rosario de exemplos dignificantes, patrimônio maior de sua vida sacerdotal.

No dia 15 de Agosto de 1913, tomou posse da Paroquia de N. Senhora d'Apresentação de Natal, um ano depois, ou seja, no dia 21 de Março de 1914, tomou posse da Paroquia de São João Batista, do visinho municipio de Assú, onde permaneceu até 12 de Março de 1926, e a mercê de seus próprios esforços e capacidade de trabalho, conseguiu para a cidade de Assú, a fundação de um colégio, nos moldes do Educandário Nossa Senhora das Vitórias, sob a direção das Irmãs e Filhas do Amôr Divino; no mês de julho de 1923, ausentou-se da Paróquia de Assú para o cargo de Diretor Espiritual do Seminário de São Pedro em Natal. Tendo dirigido posteriormente, o Colégio Diocesano de Santo Antônio. Em 1927 foi Reitor do Seminario São Pedro. Em 1928 regeu também a Paroquia de Ceará-Mirim, tendo se retirado para Niteroi, Estado do Rio de Janeiro, em Julho do mesmo ano, onde foi Secretario de D. José Pereira Alves, Bispo daquela Diocese, foi ao mesmo tempo, paroco na freguesia de São Domingos, seviu de Cape-

Associações Paroquiais

MANOEL JUSTINO BESSA

Em outro modesto trabalho que já escreví e que vai inserido nesta revista, já falei ligeiramente das Associações religiosas desta Paróquia e de seus fundadôres.

Venho, todavia, mais circunstanciadamente falar dos mesmos sodalicios, falar, principalmente, dos catolicos que passaram e que estão à frente das suas diretorias.

Possivelmente, fazendo esta descrição das Associações da Paróquia de N. S. da Conceição de Macáu, sou forçado a repetir algo do que já disse quando rabisquei o trabalho supra citado.

Irmandade de N. S. da Conceição.

No art. 1.º do Compromisso da Irmandade, lê-se o seguinte:

"A Irmandade de N. S. da Conceição fundada em 1854, é uma sociedade que se destina a promover e propagar o culto a SS. Virgem, interessar-se pelo bem espiritual de seus membros e trabalhar pelos melhoramentos materiais da Igreja Matriz.

Art. 2.º — E' constituida de pessôas de ambos os sexos, que sejam católicas, tenham bons costumes e não pertençam a seitas condenadas pela Igreja.

Art. 3.º—Fará anualmente, no tempo prescrito pela liturgia a festa de sua inclita Padroeira.

Art. 4.º — A Irmandade é governada por uma Diretoria eleita anualmente em Assembléia Geral, por escrutinio secreto, no primeiro domingo depois da festa da Padroeira e empossada no dia 31 de dezembro.

Art. 5.º — A Mesa Regedora compõe-se de Provedôr, Juiz, Secretario, Tesoureiro e Procuradôr e mais 12 irmãos mesarios.

Este compromisso que data de 8 de dezembro de 1926, no paroquiato de Monsenhor Paulo Herôncio de Mélo e que tornava sem efeito o antigo Compromisso aprovado em janeiro de 1898, dá a seguinte diretoria:

Francisco Honorio da Silveira — Juiz; Joaquim Pedro de Moráis Coêlho — Escrivão; Raimundo Nonato de Albuquerque — Tesoureiro; Caetano Mangia — Procuradôr. Mesarios: Manoel Eloi Sobrinho, Agostinho Monteiro, Vicente Gomes Barbosa, José Gomes Barbosa, Miguel do Carmo, Joaquim Virgolino de Souza, Noberto Batista Pereira e José Francisco Pinheiro.

Em 16 de abril de 1928, Mons. Alfrêdo Pegado de Castro Cortês, de saudosissima memória, comissionado pelo Governo Diocesano, aprovou o citado Compromisso, conforme Portaria de igual data.

Vê-se claramente que este é o terceiro Compromisso, uma vez que atesta a existencia do primeiro a Copia da Resolução de 28 de agôsto de 1854, da Presidencia da Provincia do Rio Grande do Norte, aprovando o primeiro Compromisso da Irmandade de N. S. da Conceição, quando Presidente o Bacharel em Direito Antônio Bernardo dos Passos.

Como vimos, a sua diretoria é eleita todos os anos, por ela passaram muitos Irmãos, cujos nomes não nos foi possivel anotar.

A sua atual Diretoria, é a seguinte: Provedôr — Luiz Xavier da Costa; Juiz — Joaquim Pedro de Morais Coelho ; Tesoureiro — Caetano Mangia; Secretário — Severino Gomes Barbósa; Procuradôr — Manoel Eloi Sobrinho. Vicente Gomes Barbósa, Leão Xavier da Costa e Amaro Felix de Lima, respectivamente Adjuntos de Tesoureiro, Secretario e Procuradôr.

O Provedôr, o Tesoureiro e Procuradôr que vêm sendo reeleitos por unanimidade de votos, têm sua recomendavel fôlha de serviços em pról da Irmandade.

O novo Secretário, môço de bons sentimentos católicos, muito fará no exercicio do cargo que lhe foi confiado. Foi reeleito alguns anos e prestou valiosa cooperação como Secretário, o Sr. Luiz Gomes da Silva. Reune-se a Irmandade, três e quatro vezes por ano, sob a Presidencia do Diretor Local o atual Vigário — Mons. Joaquim Honorio.

APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Em 4 de outubro de 1895, Mons. Francisco de Assis Albuquerque, fundou nesta Paróquia o Centro do Apostolado da Oração, Liga da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e da Comunhão Reparadôra.

Sua primeira Mêsa Regedôra ficou assim constituida:

D. Maria Rosa Fernandes, Presidente; D. Josefa Maria de Menezes — Secretária; D. Praxedes Leopoldina de Andrade — Tezoureira.

Seguiu o Apostolado na sua trajetoria, de mais e mais difundir a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, havendo na sua diretoria, as seguintes modificações:

No cargo de Secretaria:

Em 1898 substituiu a D. Josefa Maria de Menezes, D. Maria Alice Cabral, que ficou nesse pôsto até o ano de 1906, ano em que tomou posse desse cargo D. Clara Tetéu, que permaneceu nele com muita proficiencia até o ano de 1937, passando nesse ano a exercer o cargo D. Eulina Moura e em seguida D. Maria Fagundes da Conceição Menezes, D. Cleofina Cavalcante de Mendonça, srs. Servisio Fernandes, Manoel Justino Bessa e atualmente é zelósa Secretaria D. Idalina Gomes da Silva.

Na Presidencia:

Em 1916 com o falecimento de D. Maria Rosa Fernandes, foi a Presidencia entregue a D. Ana Amalia Fernandes, que esteve nesse cargo até o ano de 1920 quando faleceu, sendo sua substituta D. Bernardina Menezes, que bem soube se conduzir neste cargo até 1939, já tendo ocupado o da Vice-dita na presidencia de suas duas antecessôras.

Durante a gestão de D. Bernardina Menezes, ocupava o cargo de Vice-dita D. Josefa Maria de Menezes, que a substituiu neste ano (1939) no de Presidente, ficando como Vice-dita, a zeladôra Ana Lopes Ribeiro até ao ano em curso, sendo substituida pela zeladôra Ana Martins Fernandes.

Em 1945 passou D. Josefa Menezes à Presidente Honoraria e para o cargo de Presidente Efetiva a Zeladôra D. Maria da Conceição Fagundes, que no ano seguinte tendo mudado de residencia foi substituida por D. Clara Teteu que dirigiu os destinos do Apostolado até 1948, ano em que foi eleita D. Maria Gomes Lopes, cuja saúde seriamente abalada obrigou-a a pedir exoneração, ficando em seu lugar a atual Presidente D. Cleofina Cavalcante de Mendonça.

---

lão da Vila Pereira Carneiro, da Confraria de Nossa Senhora da Conceição e do Asilo S. Leopoldina e tendo sido também Reitor do Seminario São José. No ano de 1933, esteve encarregado da Paroquia de Nossa Senhora da Conceição de Bom Jardim, no Estado do Rio de Janeiro. Depois de tanta luta distante de sua terra natal, depois de haver cumprido em terras distantes os seus deveres sacerdotais, cheio de desprendimento e amôr ao proximo, qualidades que cultiva como verdadeiro apanágio de seu virtuoso coração, retorna ao Estado do Rio G. do Norte e vem assumir a Paroquia de Macáu no dia 21 de Maio de 1938, e neste dia, as grandes e expressivas manifestações que MONSENHOR JOAQUIM HONÓRIO DA SILVEIRA recebeu por parte dos paroquianos de sua terra natal, é inteiramente impossivel descrevê-las nestas resumidas linhas, pois, de outra maneira não poderia ser, porque durante os 11 longos anos em que MONSENHOR JOAQUIM HONÓRIO DA SILVEIRA conviveu com o povo de Macáu, semeando o bem com toda sua dedicação, pregando a verdade com suas excelsas qualidades cristãs, com todo seu esforço de ministro de Cristo, sempre pregando pela maior gloria de Jesus Hostia, e por êstes muitos outros motivos, foi MONSENHOR JOAQUIM HONÓRIO DA SILVEIRA recebido neste memoravel dia de verdadeiro triunfo para a religião catolica e para os catolicos de Macáu.

UM CATOLICO

Adiante falaremos da atual Diretoria.

No cargo de Tesoureira:

D. Praxedes Leopoldina de Andrade, D. Bernardina Menezes, D. Maria Perolina de Mendonça, D. Idalina Teixeira Fagundes, D. Francelina Teixeira da Silva, D. Luiza Maria de Menezes, D. Maria Carolina da Rocha. Manoel Justino Bessa (atual)

Segundas Secretarias: Joana de Oliveira Passos, Maria Carolina da Rocha, Sebastiana Pedrosina de Santana (atual).

Em 4 de outubro de 1895, o Apostolado foi agregado a Primaria de Roma. Já comemorou as suas Bodas de Ouro, quando da presidência de D. Joséfa Menezes, única socia fundadôra sobrevivente áquela época.

No altar do Sagrado Coração ha uma lápide com a seguinte inscrição : "Lembrança das Bôdas de Ouro do Apostolado da Oração de Macau. Coração de Jesus, Salve o Brasil — 4-10-1895 — 4-10-1945.".

Este sodalicio faz piedosamente as primeiras sextas-feiras de cada mês, com a Sessão Mensal e avultado número de comunhões.

Atualmente se acha na Diretoria do Apostolado: D. Cleofina Mendonça que não mede sacrificios para a maior glória do Santissimo Coração, como Presidente.

D. Ana Martins Fernandes, dedicada Vice-Presidente. D. Idalina Gomes da Silva, zelósa e competente Secretaria. Manoel Justino Bessa, Tesoureiro.

Merece especial elogio pelo muito que vem fazendo pelo Apostolado, o seu atual Diretôr Local — Monsenhor Joaquim Honório da Silveira.

Ouvi de um informante referencias bem lisonjeiras, do muito que fizeram quando na presidencia do Apostolado, as seguintes zeladôras:

D. Maria Rósa Fernandes, D. Bernardina Menezes, D. Joséfa Maria de Menezes, D. Maria Gomes Lopes.

D. Clara Tetéu, que esteve na diretoria durante 33 anos, desempenhou um papel preponderante em beneficio deste sodalicio.

E' um fato sua valiosissima atuação como zeladora do Apostolado da Oração, seu esfôrço incansavel durante longos anos pelo maior desenvolvimento da religião em Macáu, como dedicada e competente catequista, promovendo edificantes e inúmeras comunhões de crianças, organisando brilhantes festas do Apostolado e de outros sodalicios da Paróquia, em cujas diretorias sempre aparece o nome de D. Clara Tetéu, onde sempre se faz sentir a sua eficiente e desvelada dedicação.

Professôra durante 42 anos, dirigiu 23 anos uma Escola pelo Municipio e o resto do tempo (19 anos) uma outra Escola às expensas da poderosa Emprêsa Cia. Comercio e Navegação, cargo para o qual revelou muita vocação, ministrando conhecimentos, inclusive doutrina cristã, a muitas centenas de crianças.

PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA

Fundada em 1905, pelo nosso atual Pároco Colado — Mons. Honorio; em 1930, sob a presidencia de Mons. Paulo Heroncio, comemorou as suas Bôdas de Prata.

Esta Associação, cuja elevada finalidade é trabalhar pela maior gloria de Maria Santissima vem merecendo dia a dia as Graças e Bençãos de Nossa Senhora.

Pelos livros que fôram apresentados não nos foi possivel colher completos apontamentos e a escassez de tempo obriga-nos a falar deste sodalicio muito ligeiramente.

Atualmente conta com 41 congregadas, 3 aspirantes e 1 candidata a aspirante.

Toma parte ativa nas festas do Dia Mundial do Congregado Mariano (segundo domingo de Maio), no encerramento do mês consagrado a Virgem Santissima, no dia 15 de agôsto, dedicado às Filhas de Maria e em 8 de dezembro, na festa de nossa Excelsa Padroeira.

Nesses dias a Pia União das F. de Maria, devidamente incorporada, faz desfile que sempre parte da residencia de sua Diretôra para a Matriz, entoando hinos a Nossa Senhora, assiste a Missa, tomando parte nos canticos e fazendo sua comunhão geral.

Nas solenidades do encerramento do mês de Maio e na festa da Imaculada Conceição, ha sempre recepção de fitas.

Nos últimos anos passaram por sua diretoria as seguintes Congregadas:

Safira Fernandes, que deixou o cargo de Presidente que dignamente ocupava, por ter ido fixar residencia em Natal, Ana dos Prazeres Avelino, Maria Vicencia, Francisca Franco, Maria O. Mariano, Maria Lourdes Mendonça, Maria Lidia, Maria Isaura e Maria do Rosario Barbosa.

Sua atual Diretoria:

Diretora — Elisa Maia Bessa; Vicedita — Natividade Teixeira; Presidente — Maria de Lourdes Bezerra; Vice-dita — Julia Moura; Secretaria — Ana Batista Ferreira; Tezoureira—Mariêta Abrêu; 1.ª assistente — Amelia Maria de O. 2.ª assistente — Alice Galdino; 1.ª Consultôra — Ana Lopes; 2.ª Consultôra—Maria do Carmo Silva; 3.ª Consultôra — Francisca Souza; Mestra de Aspirantes — Oida Avelino.

Faz as suas reuniões mensais, sob a presidencia do seu fundadôr, o atual Diretôr Local — Mons. Joaquim Honório da Silveira.

DOUTRINA CRISTÃ

E' mais uma semente do Bem aqui plantada em 1907 pelo nosso atual Pároco Colado — Mons Joaquim Honorio.

Em 1932, sob a presidencia do Mons. Paulo Heroncio, a Doutrina Cristã fez a festa comemorativa do seu 25.º aniversario.

Esta tão útil quão necessaria Associação, foi fundada com a seguinte diretoria:

Presidente — Ana dos Prazeres Avelino; Secretaria — Patricia Amelia Ferreira Souto; Tesoureira — Clara Tetéu.

Nas diretorias seguintes, temos :

Presidentes — Bernardina Menezes, Olga Vanderlei e Oida Avelino.

Vice-Presidentes: — Terêsa Aurelio e Ana Lopes.

Secretaria e Tesoureira: — Clara Tetéu e Maria Vicencia de Souza.

Atualmente a Doutrina Cristã tem a diretoria seguinte:

Ana Lopes Ribeiro — Presidente ; Ana Medeiros Menezes — Vice-dita, ocupando o cargo de Tesoureira; Secretaria — senhorinhas Maria das Dores Silva, Maria Vicencia de Souza, bem soube desempenhar os cargos que ocupou e se revelou uma das mais esforçadas catequistas.

Ana Lopes Ribeiro e Ana Medeiros de Menezes, respectivamente, Presidente e Vice-dita, têm uma larga fôlha de serviços nesta Associação, como dedicadas e incansaveis catequistas e organisadôras todos os anos da festa de Cristo Rei, que vem sempre coroada com uma muito crescida e edificante comunhão de crianças, inclusive as que pela 1.ª vez recebem o pão eucaristico.

Segundo colhí de apontamentos que me foram dados, merecem especial louvôr pelo muito que fizeram pelo Catecismo Paroquial, os seguintes Sacerdotes:

Monsenhor Joaquim Honório, atual Pároco, seu fundadôr, Pe. João Clemente de Morais Barrêto, Pe. Fortunato Alves de Arêa Leão, Mons. Julio Bezerra, Mons. Paulo Heroncio, Pe. Jorge O'Grady e Pe. Luiz Teixeira.

ASSOCIAÇÃO DAS ALMAS

A Pia Associação das Almas, foi ainda fruto do esfôrço de Mons. Honorio em 1910, afim de propagar nesta Paróquia a grande e salutar devoção em favôr das benditas prisioneiras do Purgatorio.

Na sua 1.ª diretoria, composta de almas piedosas, vêem-se os seguintes nomes: Presidente — Bernardina Menezes; 1.ª Secretaria — Januaria Gomes; 2.ª Secretaria — Joana de O. Passos; Tezoureira — Clara Tetéu.

Posteriormente, passaram pela diretoria desta Associação, os seguintes nomes:

Vice-Presidentes: Ana Amalia Fernandes, Aguida Costa, Clara Teteu, Ana Teixeira de Souza e Analia Andrade.

Secretarias: Maria Vicencia de Souza, Clara Tetéu, Maria Silvina de Menezes, Maria Francisca da Costa, Joana de O. Passos, Maria Gomes Lopes, Albertina Tetéu Lemos, Maria de Góes Vieira e Elisa Rodrigues da Fonsêca.

Tesoureiras: Aguida Costa, Eufrosi-

na Medeiros, Maria Gomes Lopes e Adelaide Tetéu Cruz.

Procuradora: Tereza de Jesus Aurelio.

Atualmente, a Pia Associação das Almas, tem a frente dos seus destinos :

Presidente — Clara Tetéu; Vice-dita — Analia Andrade; Secretario — Manoel Justino Bessa; Tesoureira — Joana de O. Passos; Procuradora — Joana Maria de Oliveira.

Já festejou as suas Bôdas de Prata em 15 de maio de 1935, presidida pelo Vigário Pe. Jorge O'Grady de Paiva, que com sua palavra eloquente abrilhantou as solenidades deste dia: Missa de Requiem com Ibera cantado e Sessão Solene à tarde.

Sua Revma. mandou que se inserisse na ata uma inscrição, qual lápide comemorativa que assinalasse a passagem desta data e legasse aos posteros conhecimentos desta solenidade. Mandou, Sua Revma., que fosse transmitido ao Mons. Honório, que se achava no sul do País e que foi o fundadôr desta Associação, o seguinte telegrama:

"Monsenhor Joaquim Honório
Palacio Episcopal
Niteroi
Associação Almas comemorando hoje bôdas prata congratula-se V. Revma. seu digno inesquecivel fundadôr. (ass.) Pe. Jorge Paiva, Bernardina Menezes, Clara Tetéu, Maria Francisca Eufrosina Miranda.

Esta Associação que visa unicamente sufragar as aimas do Purgatorio, a sua Presidente apresenta no fim de cada ano, o Natal das Almas, que submetido á apreciação do Diretôr Local, o envia ao Mons. Ascanio Brandão, culto e virtuoso Sacerdote, residente no Sul do País.

O Natal consta de inumeras Missas, comunhões, visitas ao S. S., terços, jaculatorias, visitas ao Cemiterio, Deprofundis, esmolas, novenas e atos diversos feitos durante o ano, tudo em bem das santas almas do Purgatorio.

CONFRARIA DO SANTISSIMO ROSARIO

Em 18 de dezembro de 1910, no 1.º paroquiato de Mons. Joaquim Honorio, foi instalada a Confraria do Santissimo Rosário, explicando o fundador a felicidade que advinha às paroquias onde se achava a Confraria do Rosário que desejando mais e mais o progresso espiritual desta Paroquia, mediante Circular do Exmo. Snr. Bispo, D. Joaquim de Almeida, havia solicitado autorização da Direção Central do Rosario em Uberaba, para um Centro nesta Paróquia.

Foi lida a faculdade do Revmo. Pe. Jacinto Maria Cornier, Prepôsto Geral da Ordem Dominicana, concedendo o pedido solicitado e nomeando Diretor Local o Monsenhor Joaquim Honorio da Silveira.

Em seguida procedeu-se a imposição de fitas, medalhas e terço.

Ficou assim constituida a sua primeira direção :

Chefe de Divisão: Joaquim Pedro de Morais Coêlho; Presidente — Ana dos Prazeres Avelino; Secretaria — Clara Tetéu; Tesoureira — Maria Vicencia de Souza.

Chefes de Secções — Germano Jeremias da Silva, Maria Rosa Fernandes, Bernardina Maria de Menezes, Inês Terêsa do Nascimento, Januaria de Morais Gomes, Rósa Monteiro de Freitas, Ana Amalia Fernandes, Maria da Anunciação de Melo e Antonia de Carvalho Fagundes.

Segunda diretoria: Presidente—Ana Amalia Fernandes; Vice dita — Bernardina Maria de Menezes; Secretaria — Clara Tetéu e Ana dos Prazeres Avelino; Tesoureira — Maria Vicencia de Souza.

Terceira diretoria: Presidente — Francelina Teixeira da Silva; Vice-dita Bernardina Maria de Menezes e Ana Avelino; Secretaria — Ernestina Moura; Tesoureira — Francisca de Souza Ramos; 2.ª Secretaria — Julita Costa; 2.ª Tesoureira — Maria Dalva.

Quarta diretoria: Presidente — Ana dos Prazeres Avelino; Vice-dita — Maria José de Góes. Secretaria — Olda Pinheiro Avelino; Tesoureira — Maria Vicencia de Souza; 2.ª Secretaria — Maria das Dores Silva; 2.ª Tesoureira — Hilda Alves Paiva.

Em agosto de 1942, continuava a quarta diretoria acima retirando-se a Vice-Presidente D. Maria José de Góes, sendo substituida por D. Luiza Duarte. Em dezembro de 1943, realizou-se a eleição para 1944, sendo reeleitos quasi todos, a exceção de Maria das Dôres Silva, que renunciou sendo substituida por Adelaide Nepomuceno. Em janeiro de 1946, a Chefe Adelia Abrêu substituiu a Chefe Hilda Paiva e os demais fôram reeleitos.

Na sessão de 3 de Setembro de 1950, o Diretor Local apresentou uma proposta de profundo pezar pelo falecimento da Presidente Ana dos Prazeres Avelino que durante longos anos prestou muitos serviços a Confraria do Santissimo Rosario, pela qual tinha ilimitada e desvelada dedicação.

Tinha D. Ana Avelino verdadeira devoção por N. S. do Rosario e costumava dizer: — "o Rosario é conhecido, porém não compreendido". A Confraria do Santissimo Rosario perdeu uma incansavel e zelosissima Presidente.

Donana, como era por todos conhecida, não tinha canseiras, não tinha enfado, a sua idade já avançada não a fazia recuar quando se oferecia o altar do Rosario a ornamentar, quando uma festa (inclusive o mês de outubro) à organizar.

Logo após o falecimento de sua inesquecivel Presidente, já em novembro, realizou-se a eleição para sua nóva e atual diretoria, que ficou assim constituida:

Presidente — Luiza Duarte da Silva; Vice-dita — Maria José de Góis (reeleita) Secretaria — Maria Rodrigues, que já vinha exercendo interinamente ; 2.ª Secretária — Adelaide Nepomuceno; Tesoureira — Luiza Paiva

D. Luiza Duarte (Dona Luizinha, na intimidade) catolica fervorosa, está satisfazendo a todo contento a lacuna que parecia impreenchivel com o desaparecimento de sua antecessôra.

Como um milagre da Virgem do Rosário, o seu altar, a sua Confraria está recebendo atualmente os mesmos cuidados de outróra. Nossa Senhora do Rosário, derramará suas graças.

OUTRAS NOTAS

Em janeiro de 1911 passou de Confraria Simples a Confraria do Rosário Perpetuo e foi recebido o diploma de agregação à Primaria de Roma. Em abril do mesmo ano foi designada a recitação quotidiana do terço em comum no altar do Rosário. Em outubro de 1915, teve lugar a benção do vulto de Nossa Senhora do Rosário.

Em 1922, foi fundado um Centro de catecismo intitulado: "Centro do Rosário".

As solenidades dos primeiros domingos tem dado muitos frutos: Missas, comunhões e procissão ao redor da Igreja. O mês de outubro destaca-se pelas suas solenidades, com terço recitado diante do S. S. Expôsto, encerrando-se com Missa Cantada, procissão e consagração das Chefes.

Em 1935, Pe. Jorge O'Grady presidiu as comemorações das Bôdas de Prata desta Confraria.

No dia do 25.º aniversario, como um ramalhête oferecido à Virgem do Rosario, à contar de 1910 a 1935, no relatorio apresentado, consta de 50.223 comunhões, 335 Missas e 305 reuniões. Desde o começo de sua fundação que assina ininterruptamente o Mensageiro.

CONFRARIA DE N. S. DO CARMO

A Confraria da Virgem do Carmo foi fundada em 16 de julho de 1914, pelo Pe. Fortunato Alves Arêa Leão e tambem já festejou em 16 de julho de 1939 as suas Bôdas de Prata, no paroquiato do nosso atual Vigario, o designado pela Virgem do Carmélo, à presidir as cerimonias deste dia, a qual constou de Missa com canticos e pratica ao Evangelho, encerrando-se o Santo Sacrificio com a Benção do S. S. Sacramento e à tarde realizou se uma sessão solene.

Em julho de 1951, esta Confraria tomou parte ativa nas comemorações do 7.º Centenario da Entrega do Santo Escapulario pela Virgem do Carmo à São Simão Stock, conforme já fiz referencia em outra noticia sobre a Paroquia, inserida nesta Revista.

A sua primeira diretoria: Presidente — Bernardina Menezes; Vice-dita — Maria Perolina de Mendonça; Secretaria—Clara Tetéu; Tesoureira — Josefa Menezes.

Diversas outras zeladôras, ocuparam cargos na diretoria:

Presidentes: Clara Tetéu e Maria Gomes Lopes.

Vice-Presidentes: Maria Perolina de Mendonça, Francisca Gomes Franco, Francelina Teixeira da Silva, Maria Gomes Lopes, Maria Carolina da Rocha e Clara Tetéu.

Secretarias: Clara Tetéu, Mariêta Teixeira, Maria Maura Monteiro, Isabel Gomes Barbosa, Maria Carolina da Rocha, Maria Vicencia de Souza e Idalina Gomes da Silva.

Diretoria atual :

Presidente — Idalina Gomes da Silva; Vice-dita — Francisca Martins da Silva; Secretaria — Ana Lopes Ribeiro; Tesoureira — Ana Medeiros de Menezes.

TRANSITO DE S. JOSÉ

Pe. Fortunato Alves de Arêa Leão, em 1915, como Vigario da Paroquia, fundou a Associação de S. José, que já festejou o seu 25.º aniversario de fundação.

Presidiu a festa comemorativa das Bôdas de Prata, o atual Diretor Local — Mons. Honorio e o Pe. Francisco Tanajura, então Coadjutor da Paroquia.

Como lembrança dessa data tão gloriosa para esta Associação, ficou no altar do seu patrono, uma lápide contendo a seguinte inscrição: "Lembrança das Bôdas de Prata do sodalicio de S. José em Macau". Neste dia houve a Benção da Imagem de Santa Tereza de Jesus, propagadôra da devoção a São José.

Na diretoria desta Associação vêm-se os seguintes nomes:

D. Clara Tetéu, sua primeira Presidente, que se conserva neste cargo.

Vice-Presidentes — Maria Calorina da Rocha, Josefa Maria de Menezes, Maria Gomes Lopes e Ana Lopes Ribeiro, que vem prestando relevantes serviços.

Secretarias — Etelvina da Silva Coêlho, Maria das Dôres Ciriaco, Candido Vanderlei de Albuquerque, Maria Lidia de Morais, Maria Tetéu Bezerra, Maria Francisca da Costa, Idalina Gomes da Silva, Irací Alves de Paiva e a atual Maria Navegantina de Andrade.

Tesoureiras — Amalia Cardoso de Carvalho, Maria Alves de Arêa Leão, Maria das Dores Ciriaco, Maria Madalena Marques, Ana Lopes Ribeiro, Genuina Martins da Silveira, Francisca Tetéu, Mario do Carmo Bilro, Etelvina da Silva Coêlho, Maria Gomes Lopes e atualmente a Zeladôra Idalina Gomes da Silva.

Assegurou-me a digna Presidente deste sodalicio que todas as Zeladôras que ocuparam a diretoria, muito fizeram, muito se esforçaram no desempenho do cargo que lhes foi confiado.

A Presidente do Transito de S. José, D. Clara Tetéu, recebeu no dia das comemorações acima muitos telegramas de felicitações, das seguintes autoridades eclesiasticas: D. Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas, Frei Isidéro, então Diretor do Centro Nacional em S. Paulo, Frei Damião de Valda, 2.º D. C. N. em São Paulo, Pe. Arnaldo Dante, atual D. C. N. em São Paulo, Pe. Jorge O'Grady de Paiva, Mons. Paulo Heroncio, Monsenhor Julio Bezerra, Pe. Ulisses Maranhão, Zeladoras: Nenen Heroncio, Candida Vanderlei e Maria Madalena de Menezes.

ACONTECIMENTOS ANTERIORES

Em 19 de Março de 1919 a festa do Glorioso S. José foi presidida pelo Exmo. Sr. Bispo da Diocese, D. Antonio dos Santos Cabral.

Ao Evangelho da Missa Cantada, Sua Excia. Revma. teceu fulgentes corôas de louvores ao Patrono da Igreja Universal, presidindo, ainda, às 15 horas a Sessão do sodalicio, passando o Visto em todos os livros. Constou na ata da Sessão, o elevado número de 810 comunhões nesse dia.

Dez anos depois, 19 de Setembro de 1929, Mons. Paulo Heroncio, que aquí se encontrava nos dirigindo espiritualmente, passou esta Associação para a Obra Universal da Pia União do Transito de S. José, á ser agregado a Primaria de Roma, sendo erecta mediante telegrama do Exmo. Sr. Bispo, D. Marcolino E. Souza Dantas. Mons. Heroncio, oficiou a Frei Isidóro, D. C. N. em São Paulo, enviando um cheque corespondente a 30 liras e juntando copia do decreto do Sr. Bispo, para ser remetido a Primazia de Roma.

Em 25 de abril do ano seguinte, foi agregado, conforme diploma recebido.

Em 19 de setembro de 1931, aquí se encontrava o Exmo. Revmo. D. José Tomaz Gomes da Silva, então Bispo de Aracajú, de saudosissima memoria, que celebrou a Missa comemorativa do 16.º aniversario desta Associação, fazendo ao Evangelho uma belissima alocução.

Sua Excia, ilustre filho do Estado, aquí veio em visita à pessôa de sua familia, que se achava residindo nesta Cidade.

NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

Em 3 de dezembro de 1921, no paroquiato do então Pe. Julio Alves Bezerra, por autorização do Exmo. Sr. Bispo, D. Antonio dos Santos Cabral, foi solenemente instituida na Igreja Matriz, a Irmandade de Nossa Senhora dos Navegantes, ficando composta a Mesa Regedôra dos seguintes Irmãos:

Juiz — Comandante Joaquim Francisco Bichão; Escrivão — Euclides Rodrigues: Tesoureiro — Salustiano Silva ; Procuradôr — Absalão Dantas.

Ainda ocuparam cargos nas diretorias posteriores, os seguintes: Deliro Martins de Souza, Fabio Cabral de Oliveira, José Gomes Barbosa, Luiz Mendonça, Manoel Braz de Melo, Cornelio Martins da Silva, Manoel Faustino da Silva, Cromacio Hermogenes Bulhões, Alfredo Caetano, Policarpo Bezerra da Silva, Agostinho Alves de Paiva, Miguel Pereira de Brito, Afonso Solino Bezerra, Antonio Guilherme de Andrade e Valdemar Bichão.

Em 1.º de abril de 1928, assumiu o cargo de Provedôr o Irmão Fabio Cabral de Oliveira, com a retirada do Sr. Francisco Bichão que mudou de residencia, ficando como Provedôr Honorario.

Em março de 1930, por proposta dirigida ao Diretor Local, do Secretario da Irmandade, foi reformada a Diretoria, ficando contemplado na mesma como Provedôr o Irmão Antonio Honorio da Silveira, que prestou relevantissimos serviços a Irmandade.

Antonio Honorio da Silveira, de saudosissima memoria, se conservou até a sua morte, com muita lisura, com inexplicavel zêlo, no desempenho do cargo para o qual foi eleito.

Diretòria da Veneravel Irmandade dos Navegantes, por ocasião do falecimento do Sr. Antonio Honorio, que ocorreu em 13 de dezembro de 1951:

Provedôr — Antonio Honorio da Silveira; Secretario — Manoel Justino Bessa; Tesoureiro — Afonso Solino Bezerra; Vice-Provedôr — Cornelio Martins Silva; Procuradôr — Antonio Guilherme de Andrade.

Todos os anos a Irmandade promove, com a cooperação de todos os maritimos, a festa de sua Excelsa Padroeira — a Virgem dos Navegantes.

A festa, precedida de um novenario solene, consta de Missa Cantada, Sermão e as imponentissimas procissões maritima e terrestre.

Para o maior brilho da procissão fluvial muito concorrem, pondo à disposição da Igreja as suas diversas embarcações, os mui dignos Gerentes das grandes Emprêsas aqui instaladas:

Cia. Comercio e Navegação S. A., Industrias Reunidas F. Matarazzo, Organização Henrique Lage, Loide Brasileiro, Severo Irmão & Cia. Ltda. e particulares.

Desempenham papel muito importante nas procissões, prestando os seus serviços profissionais, os Encarregados do Trafego Maritimo de cada uma dessas Emprêsas.

ASSOCIAÇÃO DOS SANTOS ANJOS

Esta Associação dos Santos Anjos foi fundada nesta Cidade no dia 19 de Março de 1927, por Mons. Paulo Heroncio de Mélo, quando Vigário desta terra e com prévia autorização do então Bispo. Diocesano.

As finalidades do aludido sodalicio, são as seguintes:

"Honrar os celestes Mensageiros de Deus e preparar futuras e piedosas Filhas de Maria.

Conta atualmente com a seguinte diretoria:

Diretor — Monsenhor Honorio; Presidente — Olda Pinheiro Avelino; Vicedita — Julia Moura; Secretaria — Raimunda Fagundes, Tesoureira — Este cargo está vago, servindo nele a digna Presidente.

D. Olda Pinheiro Avelino, Presidente, com a sua verdadeira vocação de ensinar, com a sua esclarecida inteligencia e competencia à tôda prova, prepara convenientemente, eficientemente às jovens que se associam a este sodalicio, às futuras Filhas de Maria.

FRATERNIDADE DA ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Esta Associação, sob as bençãos do Serafico Santo de Assis, foi fundada nesta Paroquia em 7 de março de 1941 por Frei Agatangelo de Cingoli.

Esta graça nos veio do Céu, no paroquiato de Mons. Honorio, seu atual e zelôso Diretor Espiritual.

Primeira Diretoria :

Ministra — D. Clara Tetéu, que pela vontade unanime dos da Ordem, se conserva neste cargo; Vice-dita — Joséfa Maria de Menezes, já falecida; 1.º Secretario — Salustiano Silva, já falecido ; 2.º Secretario — D. Ilnah Carvalho Vieira, atualmente residindo em Portalegre, deste Estado; Tesoureira — Cleofina C. de Mendonça; Mestra das Noviças — Maria Gomes Lopes.

Passaram, ainda, por sua diretoria, os seguintes Irmãos: Sérvisio Fernandes, Firmo Fernandes, Afonso Solino Bezerra, José Pedro dos Santos, Lucilia Barros, Zulmira Gurjão, Elisa Maia Bessa, Francisca de O. Souza, Ana Lopes Ribeiro, Maria Rosa da Purificação, Maria Santana Fraga, Ana Maria de Jesus, Francisca Canuto de Souza, Maria do Carmo Nascimento, Ana Martins Fernandes, Joana Maria de Oliveira, Joana Alves do Nascimento, Francisca Martins Barbosa e Maria da Luz Silva.

Diretoria atual:

Ministra — Clara Tetéu; Vice-dita — Rosa Barbosa da Fonseca; Secretario — Manoel Justino Bessa; Tesoureiro — Leão Xavier da Costa; Mestra dos Noviças — Maria Gomes Lopes; Vice-dita — Francisca de O. Souza.

Todos os anos a fraternidade recebe a Visita Canonica de ilustres Capuchinhos do Convento Santo Antonio, de Natal e por ocasião da mesma é pregado o Retiro aos seus membros e os noviços fazem a sua profissão.

Esta Fraternidade foi instituida com 68 membros e atualmente conta em suas fileiras com 58 associados.

CONFERENCIAS VICENTINAS

São três as Conferencias Vicentinas existentes nesta Paroquia, que infelizmente se acham quasi inativas.

Estão sob o patrocinio de N. S. da Conceição, S. José e Santo Antonio, que fôram fundadas, respectivamente, pelo Mons. Francisco de Assis, por D. Antonio dos Santos Cabral, quando Bispo Diocesano e esta última não conseguimos o nome de seu fundadôr.

A primeira sob o patrocinio da Conceição, já festejou suas Bôdas de Ouro e tem a seguinte diretoria: Presidente — Francisco Honorio da Silveira; Secretario — Luís Gomes da Silva; Tesoureiro — Joaquim Pedro de Morais Coêlho.

Esta quasi sempre faz suas reuniões graças ao esfôrço persistente do seu digno Seretario — Luís Gomes da Silva.

O seu presidente reside fóra da Cidade, sendo justificada a sua ausencia.

A de S. José, tem a seguinte diretoria:

Presidente — Luiz Xavier da Costa; Secretario — Afonso Solino Bezerra; Tesoureiro — Manoel Eloi Sobrinho; Vice-Presidente — Vicente Gomes Barbosa.

A terceira, a de Santo Antonio, sua diretoria:

Presidente — Leão Xavier da Costa. Secretario — Napoleão Barbosa da Silva; Tesoureiro — Afonso Solino Bezerra.

Estas Associações vicentinas, cujo fim é cuidar dos desamparados, não se descuidam de cumprir esse grave dever, quando lhes permitem as suas condições financeiras.

ARQUICONFRARIA DE N. S. DO PERPETUO SOCORRO

Esta Arquiconfraria, sob o patrocinio de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, foi fundada em 1925, no paroquiato do Mons. Julio Bezerra, presidindo as solenidades, o Exmo. Revmo. D. José Pereira Alves, então Bispo da Diocese.

Associação que tem na sua Presidencia a Exma. D. Juliêta Alves da Silveira, vem plenamente satisfazendo a sua elevada finalidade que é a de propagar a devoção, o culto devidos a Excelsa Rainha do Perpetuo Socorro.

No último domingo de cada mês, promove este sodalicio suas solenidades : Missa com canticos e comunhão geral de suas associadas, realisando a sua Sessão Mensal, tudo sob a presidencia do atual Diretôr Local — Mons. Joaquim Honório da Silveira.

Sob a presidencia do citado Diretôr Local, em 1950, esta Arquiconfraria comemorou festivamente, piedosamente as suas Bôdas de Prata de fundação.

Conta atualmente a Arquiconfraria da Virgem do Perpetuo Socorro com 44 membros e à frente dos seus destinos tem a seguinte diretoria:

Presidente: D. Juliêta Alves da Silveira, cargo que vem exercendo com muito zêlo e execessiva dedicação; primeira Secretaria — Olda Avelino; segunda Secretaria — Rosalina Oliveira ; Tesoureira — Este cargo está sendo acumulado pela mui digna Presidente.

Ao ser fundada foi eleita a seguinte diretoria:

Presidente — Alice Barata Nogueira China; Vice-dita — Maria Elisa da Costa; primeira Secretaria—Albertina Gonçalves de Mélo; segunda secretaria — Claudina Antunes; primeira tesoureira — Maria Amelia da Costa; segunda tesoureira — Francisca Cristina de Oliveira.

Esta primeira diretoria muito cooperou pelo progresso espiritual da Associação.

Outras Zeladôras ocuparam cargos na diretoria, cujos nomes não colhemos.

OBRA DAS VOCAÇÕES SACERDOTAIS

Obra das Vocações foi fundada nesta Paróquia, no paroquiato de Mons. Honorio, pelo Revmo. Vigario Geral da Diocese, Mons. João da Mata Paiva, que no momento explicou a grande finalidade da instituição, que é a de concorrer para a manutenção no Seminário de jovens chamados ao sacerdocio, mas que por si sós não poderão atender ao chamado divino. Entre Sacerdotes surgidos nesta situação salientou o Conego Leão Fernandes, Vicente Pimentel e muitos outros Sacerdotes dignos e santos que honram o clero, mas, que estas vocações se teriam perdido se não fosse a auxilio de benfeitores.

Eleita a diretoria, ficou assim constituida:

Diretor — Mons. Joaquim Honorio; Presidente — Srta. Jurací Ramalho; Secretaria — Srta. Safira Fernandes ; Tesoureira — D. Albertina Queiroz.

Atualmente existem 30 membros.

Em 1944 assumiu o cargo de Tesoureiro, o zelador Manoel Justino Bessa, que se conserva neste cargo.

Na sessão de 8 de abril do ano proximo passado foi recebido um pedido de exoneração do cargo, da Presidente D. Jurací Ramalho, por motivo justo, prometendo, todavia, esta senhorinha continuar a trabalhar pelas Vocações.

Foi nomeada Presidente pelo Diretor Local, a senhorinha Maria de Lourdes Bezerra, que vem a contento desempenhando as suas funções.

Por ter ido fixar residencia na Capital do Estado, afastou-se do cargo de Secretaria a senhorinha Safira Fernandes, deixando uma bem sensivel lacuna, como dedicada cooperadora que era. Este cargo continúa vago. Nunca é demais falar do esfôrço do Pe. Luís Galdino da Costa, ex-coadjutor desta Paroquia, em favôr da O. V. S.

Sua Revma. bem soube compreender o valor dessa obra tão meritoria, em favor do Seminário.

Em 1942, 1943 e 1944 este Centro de Nossa Senhora da Conceição de Macáu, recebeu a Visita do ilustre Monsenhor João da Mata Paiva, Diretor Diocesano e no ano seguinte a do Cônego Eugenio de Araújo Sales.

JUVENTUDE FEMENINA CATOLICA

Em 23 de maio de 1948 a Juventude Femenina Católica de Macáu, em obediencia as determinações emanadas da Diretoria Diocesana de Natal, realizou solenemente a sua instalação oficial, com a presença de seu D. D. Assistente Eclesiastico — Monsenhor Joaquim Honorio da Silveira, Revmo. Pe. Henrique Spitz e uma delegação da citada Diretoria Diocesana.

Ás festividades promovidas nesse dia, constaram de Missa em Ação de Graças

pela manhã e à tarde solene Te Deum, havendo a benção da bandeira e promulgação da Diretoria Paroquial da Associação, que assim se constituiu:

Assistente Eclesiastico — Monsenhor Joaquim Honorio da Silveira; Presidente — Safira Fernandes; Secretaria — Maria de Lourdes Medeiros; Tezoureira — Maria de Lourdes Bezerra; Delegada de Ação Social — Zuila Abrêu; Delegada de Ação Catequetica — Mariêta Abrêu; Bibliotecaria — Haidê Gonçalves.

A's 20 horas desse dia houve uma Sessão Solene, sob a presidencia de Monsenhor Honorio.

Iniciada com o canto do Crédo, falaram a Delegada de Ação Social Diocesana e a Presidente da Juventude Feminina Catolica e após alguns números de arte, foi encerrada com o hino oficial da Ação Catolica.

A Juventude, um ramo da Ação Catolica destina-se sobretudo a fazer intenso, constante e santo apostolado em todos os ambiente: em casa, na sociedade e até no trabalho.

Cumpre, porém, aos membros da Ação Católica dedicar-se a outros mistéres de alto valôr cristão.

Cumprida a sua importante Missão, é dever, ainda, de cada um ajudar em atividades outras, como seja: ensinar o catecismo, trabalhar pelas Vocações Sacerdotais, etc., ficando a formal promessa de cada membro trabalhar pela cristianização do seu lar.

Ha muita cousa edificante no bem estudado programa da Juventude, que precisariamos de muito espaço nas colunas dessa revista para falar dos mesmos. Haja visto as Páscoas Coletivas aquí realizadas à cargo das môças da Juventude.

O Centro Social Pio XI,, com seus estatutos e com sua escola funcionando regularmente é uma creação de vulto da J. F. C.

E' sua atual Diretoria:

Presidente — Safira Fernandes; Secretaria — Maria Rodrigues; Tesoureira — Maria de Lourdes Bezerra; Delegada de Ação Catequetica Mariêta Abrêu; Delegada do Centro Social — Maria das Dores Pinheiro; Bibliotecaria — Haidê Gonçalves.

A Juventude compõe-se atualmente de 22 senhorinhas, sendo: 8 socias efetivas e 14 estagiarias.

Já fizeram o seu solene juramento, além de 4 das senhorinhas da atual diretoria, mais as seguintes: Maria Nina Gomes, Maria do Rosario Silva, Maria do Carmo Bessa Nunes e Alzira Eliete Costa.

A srta. Safira Fernandes, Presidente desde sua fundação, desenvolveu junto às suas dedicadissimas companheiras intenso, admiravel e proveitôso apostolado, muito realizando dentro de curto espaço de tempo.

Acha-se residindo na Capital do Estado, contudo, não esquece a Juventude quando se oferece oportunidade para o seu valiôso concurso.

Na sua ausencia é substituida pela senhorita Zuíla Abrêu que tambem demonstra muita vocação, muita aptidão para o cargo, promovendo o progresso espiritual do sodalicio.

CONGREGAÇÃO MARIANA

Em 8 de dezembro de 1938, era erecta canonicamente na Capela-Mór da Igreja Matriz desta Cidade, a Congregação Mariana de Nossa Senhora da Conceição e Santo Estanislau Kostha.

Com as formalidades do ritual, foi lido pelo então menorista Pedro Luz, o decreto de erecção canonica expedido pelo Exmo. Sr. Bispo, hoje nosso querido Arcebispo Metropolitano.

O Vigario Encarregado da Paroqia e Diretor da Congregação instalada, procedeu a imposição de insignias de aspirantes a 11 pessoas a de congregados a igual número, todos devidamente preparados.

Tão edificante cerimonia teve a presença mui honrosa do Revmo. Pe. Manoel Tavares, Vigario de Angicos, Pe. Valentim Quinter, Missionario da Sagrada Familia, o então Seminarista Raimundo Gomes Barbosa, o Congregado Aluisio Alves e 51 membros da Congregação Mariana de Angicos. Na ocasião da ereção fez uma Conferencia o Pe. Manoel Tavares de Araújo, Diretor das Congregações Marianas de Angicos, Epitacio e Afonso Bezerra, cujo tema foi: "A religião cristã e o cumprimento do dever que cabe ao Congregado Mariano."

O Congregado Aluisio Alves, que em 1938 muito cooperou na fundação da nossa Congregação, fazendo conferencias preparatorias é atualmente nosso mui digno representante na Câmara dos Deputados, renomado escritor conterrâneo e emerito jornalista.

Católico de convicção inabalavel, tem o Exmo. Deputado prestado muitos serviços à causa da nossa Santa Religião e ainda como membro de destaque de Associações Beneficentes do Estado.

De inicio foi nomeada a Diretoria que ficou constituida de: Presidente — Leão Xavier da Costa;; Secretario — Salustiano Silva; Tesoureiro — Afonso Solino Bezerra.

Passaram outros Congregados a ocupar cargos na Diretoria.

Atualmente estão na diretoria, os seguintes:

Presidente (desde a fundação) — Leão Xavier da Coscta; Assistente, — Afonso Solino Bezerra; Tesoureiro — Francisco Felipe Cavalcante; Secretario — Francisco Bezerra da Silva; Bibliotecario — João Nunes de Souza.

Pelo carnaval de 1939, os Congregados Marianos, à convite do Vigario de Angicos e do então Congregado Aluisio Alves, fizeram em conjjunto com as Congregações daquela Paróquia, da de Epitacio Pessôa e Afonso Bezerra, o Retiro Espiritual, que foi dirigido pelo Padre Manoel Tavares e pregado pelo então diacono Alair Vilar.

O Retiro foi realizado na fazenda Arabia, de propriedade do sr. Adalgiso Santiago, do municipio de Angicos.

Em 1940, realizou-se na aprazivel praia de Alagamar um Retiro Fechado pregado por Pe. Ulisses Maranhão, professor do Seminario Diocesano, que muito se esforçou pelo bom êxito do mesmo, empregando todo interesse e solicitude para que fosse uma renovação verdadeiramente espiritual, o recolhimento dos marianos naquela localidade.

Em 1941 na fazenda Quixadá, de propriedade do Sr. Lucas Evangelista da Silva, a Congregação Mariana, representada por 42 membros, fez novamente o seu retiro, sendo pregador o mesmo Sacerdote do ano anterior, que deixou na alma de cada retirante uma profunda e Santa consolação.

Em 1942, houve um Retiro, sendo desta vez pregador o atual Diretor Local e fundador desta Congregação — Monsenhor Honorio, cujos frutos espirituais foram assaz satisfatorios.

Nos anos seguintes, sempre o Retiro do Carnaval, em todos se observando abundantes frutos, presididos por otimos pregadores e com assistencia de todos que compõem essa piedosa e edificante Associação religiosa.

Dia a dia vem a Congregação Mariana, sob a sabia, prudente e desvelada orientação do seu atual Diretor Local, este Santo Sacerdote que Macau alegremente festeja na data que hoje transcorre o seu Jubileu de Ouro Sacerdotal, merecendo a confiança do mesmo, progredindo espiritualmente, tornando-se, assim, um verdadeiro exercito de dedicados soldados devotos da Excelsa Rainha Celestial.

E' claro que os legionarios da fita azul, rejubilados com a grande efemeride de hoje, que, pode-se afirmar, é a maior data da nossa historia religiosa, associando-se às grandes festas do dia com preces e comunhões, vêm reverentemente beijar, genuflexos, a dextra do homenageado, do seu Santo, venerando e querido Diretor Local — Monsenhor Joaquim Honorio, este vulto de Sacerdote, honra e gloria do clero da Diocese de Natal, bem conhecido e acatado pelas suas excelsas e acrisoladas virtudes.

AJUDAR POR TODOS OS MEIOS A OBRA DAS VOCAÇÕES SACERDOTAIS E' DEVER DE TODOS OS CATOLICOS

Descendência da Familia "Honório da Silveira"

FRANCISCO HONORIO FILHO

Casal :
JOSE' JOAQUIM DA SILVEIRA
ANTONIA DE PAULA DA SILVEIRA

Filhos :

Francisco Honório da Silveira	n.	em	19-11-1843	
Joaquim Honório da Silveira (Abolicionista)	"	"	11- 4-1853	

Casal :
FRANCISCO HONORIO DA SILVEIRA
ANA HONORIO DA SILVEIRA

Filhos :

Maria	n.	em	27-11-1876	— falecida
Luiza	"	"	13-12-1877	"
Joaquim	"	"	14-1-1879	
Francisco	"	"	30- 5-1880	
José	"	"	19- 3-1882	— falecido
Antônio	"	"	16- 3 -1884	"
Manoel	"	"	3- 9-1885	
Ana	"	"	14-10-1886	
João	"	"	5- 9-1887	— falecido
Amaro	"	"	6-10-1889	"
Teodorico	"	"	4- 3-1896	"

JOAQUIM HONORIO DA SILVEIRA, ordenado em 9-11-1902, nomeado Monsenhor Camareiro Secreto do Papa, e Vigário Colado da Paróquia de N. S. da Conceição de Macáu, onde nasceu.

Casal :
FRANCISCO HONORIO DA SILVEIRA
MARIA MARTINS DA SILVEIRA

Filhos :

Francisco	n.	em	11- 1-1908	
Paulo	"	"	6- 8-1909	
Adelino	"	"	3- 1-1910	
Maria de Lourdes	"	"	29- 6-1914	
Fernando	"	"	6- 5-1916	— falecido
Jonas	"	"	11- 6-1918	

Casal :
JOSE' HONORIO DA SILVEIRA
FRANCISCA DE MORAIS SILVEIRA

Filhos :

Diva	n.	em	24- 8-1906
Antonio	"	"	7- 1-1907
Maria das Dôres	"	"	3- 8-1909
Maria Zuila	"	"	29- 9-1914

Casal :
ANTONIO HONORIO DA SILVEIRA
JULIETA ALVES DA SILVEIRA

Filhos :
Enoi
Hildete
Alda
Almir
Ernani

Casal :
FRANCISCO HONORIO
FILHO
MARIA DA GLORIA BORGES DA SILVEIRA

Filhos :

Zélia	n.	em	18- 1-1932	— falecida
Terezinha	"	"	22-12-1933	"
José	"	"	6-10-1934	
Maria Elizabeth	"	"	31- 3-1937	
Reynaldo	"	"	13-11-1938	
Maria Jeane D'arc	"	"	19- 5-1940	
Maria Ferdinanda	"	"	24- 1-1944	

FRANCISCO HONORIO FILHO, autor do presente trabalho

★★★★★★★★★

OPERARIO MACAUENSE

RUY MOREIRA PAIVA

A similitude do trabalho maritimo comparativo a Macáu e Areia Branca é quasi perfeita. Entretanto, a ideología dominante em razão de fatores que aquí não cabe comentar, tem trazido para Macáu certa incompreensão que o meu modesto depoimeneto está sempre pronto a elucidar.

— O operário macauense, apesar das vicissitudes que tem de enfrentar para cumprir com os seus deveres, é, em qualquer circunstância um paradigma de honestidade, de valôr, de coragem. Quando exercí função de mando num setor de trabalho desse grande porto salineiro, tive inumeras ocasiões de comprovar esta minha afirmativa. Em situações dificilimas, arrostando o rigor de intempéries que ameaçavam até à sua vida, o operário macauense, sempre estoico, sempre decidido e bravo, enfrentava os insultos da própria natureza para executar a sua tarefa. Foram incontaveis as páginas anonimas dessa coragem, dessa bravura que ficaram indeleveis em minha retina.

— Quando se comemora o cinquentenario da ordenação de Monsenhor Honório, razão expressiva desta poliantéa, é com orgulho que aproveito a excepcional oportunidade para dizer as minhas palavras de louvor ao operário macauense, que ainda que anonimo e por vezes incompreendido; resoluto e injustamente incriminado de isocronía à ideologias exoticas que ele altivamente repele; a esse operario bom e amigo que na realidade é uma das maiores forças propulsoras do progresso de nossa terra.

Francisco " " 29- 3-1941 — falecido
Maria da Gloria " " 24- 6-1946
William " " 22- 9-1947
Francisco de Assis " " 10- 2-1950
Joaquim " " 16- 2-1952

Casal :
PAULO HONORIO DA SILVEIRA
JOSEFA BORGES DA SILVEIRA
Filhos :
Maria Aparecida
Maria Stela
Paulo
Francisco de Assis
Paulo

Casal :
ADELINO HONORIO DA SILVEIRA
IRENE DE GOIS DA SILVEIRA
Filhos :
José Augusto " " 9- 3-1935
José Tarcisio " " 27- 2-1936
Irene " " 12- 5-1937

Casal :
MARIA DE LOURDES DA SILVEIRA CARNEIRO
DR. ERICO CARNEIRO
Filhos:
Maria Auxiliadora
Carlos Augusto
Mirian
Marco Aurélio
Erico Fernando

Casal :
JONAS HONORIO DA SILVEIRA
CACILDA HONORIO DA SILVEIRA
Filhos :
Marilene

Casal :
DIVA MORAIS SILVEIRA ANDRADE
ANGELITO ANGELO DE ANDRADE
Filhos :
Eglantina " " 21- 5-1935

Casal :
MARIA ZUILA DE MORAIS SILVEIRA
JOÃO FRANCISCO DE BARROS
Filhos :
João Bosco
Maria Izabel
Maria José
João Francisco

Casal:
ENOI ALVES DA SILVEIRA CARNEIRO
TENENTE EURICO CARNEIRO
Filhos:
João Bosco
Eurico
Maria da Conceição
Nely
Antonio Angelo

Casal :
HILDETE ALVES DA SILVEIRA CASADO
MANOEL CASADO DA SILVA
Filhos:
Suely
Eudes
Délio

Casal:

Modelo de pároco

OTTO GUERRA

Completa seus 50 anos de pároco o nosso prezadissimo mons. Joaquim Honório.

Meio seculo ao Serviço de Deus e ao serviço do proximo.

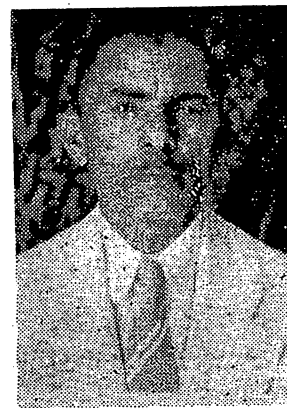
Continúa a ser a paróquia católica o foco de irradiação, a grande escola de formação para o apostolado e para a vida espiritual.

Procuram os comunistas depositar o máximo de sua confiança na celula, que eles procuram multiplicar por toda parte.

Pois a paróquia catolica vale muito mais. E' a grande, a magnifica reunião das familias.

Como centro dessa vida, a Eucaristia. E como animador humano de toda essa vida divina, o sacerdote.

Mons. Honório, com seus cabelos brancos como algodão, reune à confiança do pároco, a bondade do pai.

Homem forte, com essa fortaleza que o serviço de Deus, fonte da Juventude não abate, mons. Honorio ainda monta a cavalo no exercicio do seu paroquiato, atravessa estradas à busca dos enfermos e das almas.

MANOEL ELOI SOBRINHO, membro da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição

SALUSTIANO SILVA, Congregado mariano, já falecido

O conhecimento da Doutrina da Igreja é uma necessidade nos tempos modernos, sobretudo se tivermos em vista a multiplicidade de doutrinas hereticas e anticatolicas que infestam o mundo. A melhor maneira de combater pois o perigo das doutrinas anticristãs é conhecer bem os livros sagrados.

MONSENHOR HONORIO

Américo de Oliveira Costa

Existem criaturas humanas tornadas pontos de referencia no espaço e no tempo. Afirmam-se como testemunhos e exemplos, irradiam-se em sugestões, nucleando acontecimentos, situações, perspectivas.

Monsenhor Joaquim Honório participa, nos quadros macáuenses, dessa condição excepcional.

Há longos anos vigário da paróquia, exercendo uma missão religiosa que se reveste, no seu caso, de profundas e imensas proporções morais, — para muitos já hoje o bom e velho padre independe das contingencias do limitado destino da espécie.

Seu nome é um signo e uma âncora, e nêle se revêem e se reencontram as gerações, vencidas as distancias e as diferenças naturais à categoria humana.

Sentinéla do Espirito no territorio de Macáu, rodeia-o, em vida, um halo de imortalidade. Suas armas, entretanto, não são o gladio ou a espada. E sim um grande, generoso e manso coração de apóstolo, — o mais humano e compreensivo coração, sem dúvida que tenha florescido em amor, bondade e perdão na abençoada terra macáuense.

MARIA MELO e suas auxiliares com um grupo de crianças que fazem sua primeira comunhão, em Pendencias, vendo-se ao centro o Mons. Joaquim Honorio

ALDA ALVES DA SILVEIRA DIAS
EPIFANIO DIAS FERNANDES

Filhos:
Nilze
Ney
Nélio
Nilma

Casal:
ERNANI ALVES DA SILVEIRA
JOANA D'ARC SARAIVA DA SILVEIRA

Filhos:
Amom
Mona

NOTA :
JOAQUIM HONORIO DA SILVEIRA (irmão de Francisco Honorio da Silveira), casado com D. MARIA DA CRUZ HONORIO DA SILVEIRA.

Filhos:
JOANA HONORIO DA SILVEIRA

Casal:
JOANA HONORIO DA SILVEIRA MOURA
PEDRO MOURA DE VASCONCELOS

Filhos:
Selda
Geraldo

MONSENHOR JOAQUIM HONORIO

EDINOR AVELINO

Lidando no seu belo e santo apostolado,
Igual a frei Damião e ao padre João Maria,
A' contrição e ao bem de todos devotado,
Para a graça de Deus o caminho alumia.

As criancinhas estão quasi sempre ao seu lado:
A inocencia êle atrai, como Jesus fazia.
O enfermo, o triste, o cégo, o faminto, o aleijado,
Abençôa, consola e ampara, todo o dia.

Ensinou-lhe a ser manso, humilde e sorridente,
A ter no coração — caridade e doçura, —
São Vicente de Paulo, o meigo São Vicente.

Quando disser, na terra, a prece derradeira,
Ha de subir ao céu a alma serena e pura
De Monsenhor Joaquim Honorio da Silveira.

IDALINA GOMES DA SILVA, Presidente da Confraria de Nossa Senhora do Carmo

Realizações do Prefeito Albino Gonçalves de Mélo

Escreve **HELIO ANTUNES BEZERRA**

Emprêsa ardua, quér pela complexidade do assunto, quér pela exiguidade do tempo, a de relatar com justiça e imparcialidade, o que tem sido a obra realizadôra do Prefeito Albino Gonçalves de Mélo.

Filho de tradicional e numérosa família macauense, sócio de uma das mais importantes firmas de nosso comércio, alheio à politica e excessivamente modesto, sincero nas suas convicções, revelou-se Albino Gonçalves de Mélo como um grande administradôr, progressista e desassombrado.

Iniciando seu governo a 4 de Julho de 1948, sendo esta a vez primeira que vem de ocupar cargo eletivo, traçou a conseguiu executar, graças à sua tenacidade e inteligencia, um plano de governo e de realizações, em bases sumamente práticas, preenchendo as lacunas que mais se faziam sentir e solucionando problemas de vital importancia para o progresso e desenvolvimento do Municipio.

Tomando contacto diréto com a máquina administrativa, auscultando a opinião pública, sem se deixar levar por interesses politicos ou pessoais, não lhe foi dificil, verificar os claros existentes, os problemas que precisavam ser resolvidos, o que era muito natural, para uma Prefeitura que na época arrecadava Cr$ 800.000,00 por ano.

O Sal, pedra angular de nossa riqueza, espinha dórsal do nosso sistema tributário, dadiva de Deus a esta Terra abençoada e bôa, produzido e colhido em nossas magestósas salinas, canalizava para os cófres da União e do Estado milhares de contos, enquanto o Municipio, fonte produtôra do artigo, arrecadava minguados tostões, resultado da má divisão das rendas públicas.

O problema afetava diréta e principalmente o nosso Municipio, como o maior produtôr de Sal o Estado, quiçá no país, mas para não causar alteração na balança comércial, o assunto se revestia de suma delicadêsa; necessario foi que se consultassem as outras Comunas, tambem produtôras do artigo e interessadas na solução equilibrada do caso.

Iniciaram-se demarches entre os Chefes do Executivo dos principais Centros produtôres de Sal no Estado, entendimentos que fôram por fim corôados de pleno êxito, com a realização de uma mêsa redonda, em Outubro de 1948, na qual tomaram parte Albino Gonçalves de Mélo, José Solon, Dixsept Rosado Maia e Edgard Borges Montenegro, representando os Municipios de Macáu, Areia Branca, Mossoró e Açu, respectivamente.

ALBINO GONÇALVES DE MÉLO
Prefeito do Municipio

Acordaram unanimemente estes esforçados e abnegados administradores, pertencentes às mais divérsas correntes politicas do Estado, colocando os interesses dos Municipios que dirigiam acima dos seus proprios interesses, vencendo barreiras que a muitos pareciam intransponiveis, elevar de Cr$ 2,50 para 10,00, a Taxa sobre cada tonelada de Sal produzido em suas salinas.

Foi esta a primeira grande vitória do Prefeito Albino Gonçalves de Mélo a receita do Municipio que em 1948 estava orçada em Cr$ 800.000,00 elevou-se no ano seguinte para Cr$ 2.000.000,00.

Iniciou-se então uma fase de construções e melhoramentos, urbanização e industrialização, que vem caracterizando a gestão do atual Prefeito.

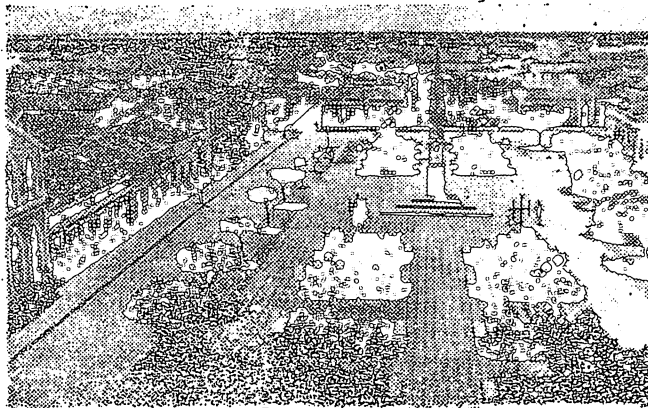
ENERGIA ELETRICA

E' no setôr das obras públicas que mais se tem feito sentir e notar a ação administrativa do atual Prefeito.

A construção do Prédio da Uzina de Força e Luz é uma obra que enriquecendo o Patrimonio Municipal, póde bem definir uma administração; sólido e amplo, a Uzina de Força e Luz de nossa cidade póde ser considerada com justiça como a mais bem aparêlhada de quantas existem no Estado.

Dispondo de dois motôres "Blakstone" de 160 H. P., cada, em cuja aquisição o Municipio dispendeu um pouco mais de um milhão de cruzeiros, adquiridos na atual administração, e mais um motôr "Deutz" de 80 H. P., já existente, todos a oleo, está a Uzina de Força e Luz, capacitada a atender a sua alta finalidade, permitindo a ligação de novas instalações e possibilitando a ampliação da rêde eletrica até à zona suburbana de nossa cidade.

CEMITERIO PUBLICO

A construção de um Cemitério Público para a cidade era uma obra inadiavel, uma necessidade que "clamava aos céus" e que vinha oferecendo um espe-

LINDO ASPECTO DA PRAÇA DA CONCEIÇÃO

taculo triste e degradante áqueles que nos visitavam.

Obedecendo a uma planta préviamente elaborada, dentro dos requisitos tecnicos indispensaveis a uma obra desta natureza, o Cemiterio Público, cuja construção foi iniciada em 1949 e prestes a concluir, nada ficará a dever aos existentes nos centros mais adiantados, se aquiparando ao de nossa capital, ficará pelo tempo afóra como um marco indestrutivel de uma administração fecunda e progressista.

DR. JOSÉ AUGUSTO VARELA, Médico, ex-Governador do Estado e ex-Deputado Federal

DR. AMERICO DE OLIVEIRA COSTA, representante do Governador Silvio Pedroza e Secretario Geral do Estado

CONSTRUÇÃO DE CALÇAMENTOS

A construção de calçamento de ruas, mais uma grande iniciativa e realização do governo Albino Mélo, teve inicio em Novembro de 1948, ante a indiferença de uns e o cepticismo de outros, tais as dificuldades encontradas e obstaculos e vencer.

Todavia, pouco e pouco as dificuldades fôram sendo superadas pela inteligencia e tenacidade e hoje grande parte da cidade já se encontra calçada, sendo digno de registro as seguintes artérias: Ruas Benjamin Constant, Joaquim Honorio, Amaro Cavalcanti, Pereira Carneiro, Martins Ferreira e São José até o Cemitério Público; Travessas 15 de Novembro, São João e Pereira Carneiro; Praças J. da Penha e da Conceição.

PRAÇA DA CONCEIÇÃO

Macáu possui hoje a melhór Praça Pública do Estado; a Praça da Conceição, solene e festivamente inaugurada à 7 de Setembro de 1950, é como um oasis de harmonia e socêgo nas areias causticantes de um deserto, um desafio as intemperies em nosso clima e em nosso meio.

BIBLIOTECA PUBLICA "RUI BARBOSA"

Outra obra de excepcional relêvo, de grande significação para a vida do Municipio, é a Biblioteca Pública Municipal "Rui Barbosa", a mais recente realização do Prefeito Albino Mélo, inaugurada festivamente no dia 7 de Setembro do corrente ano.

Instalação confortavel, mobiliario simples ao par de uma perfeita organização, prédio magnifico, a Biblioteca Pública Municipal constitue sem dúvida um verdadeiro incentivo às letras, um justo orgulho para nós macauenses.

SERVIÇO DE ALTO-FALANTES

O Serviço de alto-falantes é outra grande realização do atual Governo do Municipio; com 100 poltronas, palco auditório e possante amplificadôr R. C. A., equipado com 6 projetôres de som instalados nos principais logradouros públicos da cidade, vem constituindo um grande melhoramento para a nossa "urbs".

BANDA DE MUSICA MUNICIPAL

Não ficou alheio o atual administradôr à situação precarissima em que se encontrava a Banda de Musica Municipal, cujo instrumental, adquirido em 1922, já reformado, se apresentava defeituôso; adquiriu, na Fabrica "Weril" de São Paulo, um completo e moderno instrumental, que veio preencher desta maneira, uma lacuna que dia a dia se acentuava.

EDUCAÇÃO PUBLICA

Não se descuidou o atual Chefe do Executivo Municipal, da Educação Pública no Municipio; durante a sua gestão, além das Escolas Municipais já existentes, fôram criadas, na zona rural, 3 escolas de alfabetização, cuja frequencia vem correspondendo e justificando plenamente a sua criação.

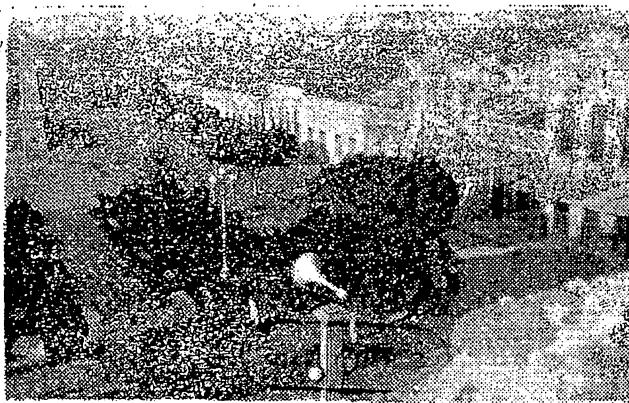
Fez melhoramentos e refórmas nos prédios do Grupo Escolar "Duque de Caxias" e das Escolas Reunidas do Porto do Roçado, estabelecimentos de ensino primário mantidos pelo Governo do Estado, cujos proprios enriquecem o Patrimonio do Municipio.

Construiu um galpão no Grupo Escolar "Duque de Caxias", para a criação e funcionamento do Jardim de Infância.

Distribuiu fardamento aos escolares pobres e criou uma Bolsa de Estudo para escolares de comprovada aplicação que desejassem continuar seus estudos em estabelecimento de Ensino oficial.

Incentivou e facilitou o ingresso nas escolas áqueles que assim o desejassem, fazendo distribuir, além de fardamento, farto matérial didatico às Escolas Municipais.

Concedeu aos leais e abnegados Servidôres do Municipio 3 sensiveis aumentos de vencimentos, tendo em vista a elevação progressiva do custo de vida e o cargo que cada um exerce.

Infelizmente não lhe é possivel concretizar uma grande aspiração, a construção da Vila dos Funcionários, cujo projéto e construção já idealizara.

OUTRA VISTA DA PRAÇA DA CONCEIÇÃO

Para fundar uma Cooperativa

JUVINO DOS ANJOS

HORACIO DE OLIVEIRA NETO, Presidente da Câmara Municipal

A fundação de uma cooperativa, olhada de forma simplista, restringe-se ao preenchimento de uma relação de subscritores de capital à organização de uns estatutos e à realização de uma Assembléia, onde sejam aprovados os estatutos, eleitos os conselhos de administração e fiscal, lavrando-se a respectiva ata.

Num meio rural, de baixo nivel de educação intelectual, onde haja grande necessidade de crédito e exista um homem de influencia merecedor da confiança de todos, será facil a esse homem mobilizar o povo da sua localidade, fundar a Cooperativa, conseguir o seu registro no Serviço de Economia Rural, assim como, o financiamento do Banco do Brasil, baseado na idoneidade moral e economica dos membros do Conselho de Administração.

Deste modo, a Cooperativa funcionará, satisfazendo as necessidades imediatas dos associados, embora estes pouco saibam de cooperativismo e a Cooperativa seja para eles, apenas uma caixa de emprestimos que a juros mais baixos substituiu o coronel que os financiava.

Entretanto, para os meios de nivel de cultura mais elevada, onde o desenvolvimento do comercio permitiu um progresso material e criou u'a mentalidade inspirada no mercantilismo, a fundação de uma cooperativa para satisfazer as necessidades que a evolução social vai impondo às coletividades, precisa de sério trabalho de esclarecimento, para merecer aceitação.

Não se ama o que não se compreende.

E' preciso, portanto, que antes da fundação de uma Cooperativa, os interessados sejam instruidos sôbre a doutrina, a lei, a pratica e as vantagens do Cooperativismo, afim-de-que possam compreende-lo, assim como, interessar-se pela criação da Cooperativa para resolver os seus problemas economicos, no menor tèmpo.

Macáu, uma das grandes cidades do Estado, deve o seu progresso, a uma dadiva da natureza — o sal — cuja exploração industrial e comercial, é de grande rendimento financeiro, para o Municipio, o Estado e a União.

Macáu possue quase tudo quanto encontramos em uma cidade no seu grau de civilização: estabelecimentos comerciais, instalações industriais, casas de diversões, serviços públicos municipais em beneficio do conforto e da cultura do seu povo, uma bôa igreja e um virtuoso e venerando sacerdote, o Monsenhor Joaquim Honório, maternidade, campo de aviação e outros melhoramentos.

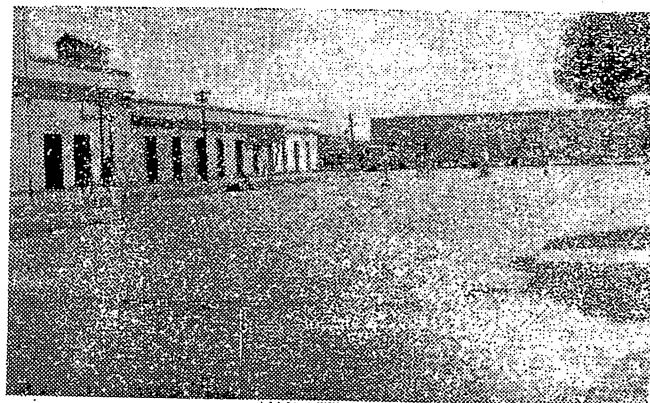
Entretanto, por estranho que pareça, não possue nenhum estabelecimento de crédito de natureza mercantil ou cooperativo.

Movimentam-se agora, alguns dos mais esclarecidos cidadãos de Macáu, para a fundação de uma Cooperativa de Crédito, contando com o apoio do prefeito sr. Albino Melo.

DEP. JOÃO FERNANDES DE MÉLO, representante do Municipio na Assembléia Legislativa do Estado

Não obstante estar se processando, tambem, no municipio, uma campanha, politica, aliás num clima de grande elevação democratica e educação politica como tive ocasião de observar, a propaganda da Cooperativa, em razão destas circunstancias especiais, está sendo feita dentro do principio de neutralidade politica do Cooperativismo e recebendo a participação tanto dos candidatos como dos militantes dos varios partidos.

Está faltando, porém, para que a idéia seja melhor aceita, o conhecimento da doutrina e das normas do cooperativismo, o que procuraremos levar ao conhecimento do povo macauense, nos comunicados seguintes.

RUA SÃO JOSÉ, CALÇADA NO GOVERNO ALBINO MELO

Trecho da Praça José da Penha, calçada no governo Albino Mélo

Homenagem aos mortos (1)

LEÃO FILHO

Senhor Prefeito Municipal
Dignas autoridades
Minhas Senhoras
Meus senhores:

Nesta hora festiva, em que se prestam oportunas e jústas homenagens a dois ex-governadores dêste município, às figuras nobres e venerandas que foram o Cel. Francisco Tertuliano e o Major Emidio Bezerra da Costa Avelino, com a aposição de suas fotografias na Galeria dos Prefeitos de Macau, é de meu dever, já que me associei jubiloso a esta manifestação, fazer conhecidos do público aquí presente, ou que me ouve através do serviço de alto-falantes do município, alguns dados biográficos acêrca dos homenageados.

Major Emidio Bezerra da Costa Avelino :

Filho de Vicente Maria da Costa Avelino e de dona Ana Bezerra Avelino, nasceu na cidade de Angicos, dêste Estado, no dia 22 de Março de 1858.

Em meados de 1888, aos 30 anos de idade, portanto, fixava êle residência nesta cidade, onde passou a exercer, incontinenti, a sua profissão de advogado, em a qual se salientou, quer pela sua honestidade, pela sua probidade, pela sua inteligência invulgar, quer pelo destemor com que enfrentava os seus antagonistas.

Os seus contemporâneos, sem nenhuma dúvida, recordar-se-ão nêste momento, com toda a certeza, daquêles dias passados e tumultuosos em que o Major Emídio Bezerra da Costa Avelino, na Tribuna do Juri expargindo a luminosidade do seu verbo fluente e convincente, enfrentando quasi sempre causídicos de renomada reputação jurídica, conseguiu brilhantes vitórias, que ainda hoje o povo comenta com profundo respeito.

E não somente no juri foi que êle se fez respeitado e admirado por todos. Os processos arquivados em os cartórios desta comarca, áquele que se propuzer manuzeá-los, fornecerão suficientes elementos comprobatórios da atividade incansável que exerceu no fôro desta Comarca, tanto no civel quanto no crime.

Ao ser fundada no Município a Cia. de Salinas Mossoró-Assú, foi contratado para seu advogado, isto ha mais de 50 anos, cargo que exerceu até a encampação daquela Emprêsa de Sal e Navegação, cujo acervo foi posteriormente adquerido pela Companhia Comercio e Navegação, a qual, não podendo prescindir dos seus serviços, teve-o como defensôr dos seus interesses em juizo, por quatro décadas consecutivas, e, não fôra a morte ceifar-lhe a existência, em 21 de novembro de 1945, depois de curta e fatal enfermidade, êle, conquanto aposentado e exausto, propiciaria ainda, nos dias atuais, áqueles que lhe batessem à porta à procura de amparo legal, fecundas e sábias orientações, adqueridas à custa de amôr aos livros e à profissão que abraçara.

Não era Bacharel em Direito, mas ao provisionar-se perante o Egrégio Tribunal de Justiça dêste Estado, nada deixou a desejar aos seus examinadôres e perante a Ordem dos Advogados do Brasil, secção do Rio Grande do Norte, na qual era inscrito, era tido em alto conceito e ótima reputação, que ainda hoje se manifesta através de referências elogiosas e merecidas, sempre que o seu nome é relembrado no seio dos seus colégas.

Ainda em virtude dos seus reconhecidos conhecimentos jurídicos, exerceu por 4 mezes a Promotoria da Capital, ocupando, ainda, em várias oportunidades, nesta comarca, o cargo de Promotor Interino, em cujas funções marcou época pelos belissimos pareceres que emitia.

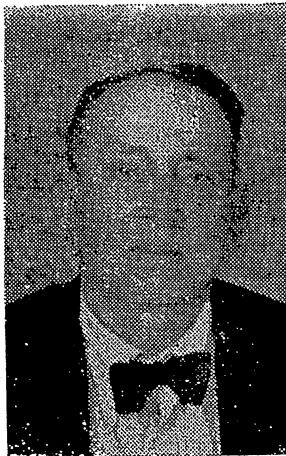
Como político foi marcante a sua atuação à frente do partido a que pertencía.

Foi Deputado à Assembléia Estadual em diversas legislaturas.

Foi Delegado Escolar durante muitos anos, pugnando pelo melhoramento dos estabelecimentos de ensino existentes e pela criação de cursos de alfabetização de adultos.

Foi Secretário da Intendencia durante a gestão do Cel. Eufrásio Alves de Oliveira, que, segundo dizem, antes da aceitação de sua candidatura, declarou ser condição "sine-qua-non" para dar o seu assentimento, a aceitação da secretaría pelo Major Emídio Bezerra da Costa Avelino.

Poucos anos depois, veio então de ocupar o cargo de Presidente da Intendencia, equivalente ao atual cargo de Prefeito, motivo porque está sendo alvo, hoje, juntamente com o Cel. Francisco Tertuliano, desta significativa e merecida homenagem.

Ao deixar o Governo Municipal, foi o Major Emídio Bezerra da Costa Avelino nomeado advogado do Município, cargo que desempenhou sem solução de continuidade até o inicio do Governo Armando China que, por motivos políticos o demitiu, sabída que era, de todos, a intransigência com que o major Emídio Bezerra da Costa Avelino defendia na arena política, as suas convicções a respeito dos homens e de seu modo de governar.

Cel. Francisco Tertuliano de Albuquerque :

Eis os dados biográficos que conseguí acêrca de sua nobre pessôa:

Nascído em Aracatí, no Estado do Ceará, aquí chegou por volta de 1880, como Administrador da Mesa de Rendas Federais.

Mesmo assim, como funcionário da Fazenda Federal, pouco depois de aquí chegar iniciou atividades no comércio, indústria salineira, bem assim como armador de pequena e media cabotagem, coadjuvado pelo seu primo Dr. Euclides Cavalcanti, político conceituado que ocupava nesta cidade o lugartenente do Partido Conservador, do qual era chefe nêste Estado o Dr. Amaro Bezerra Cavalcanti.

Como comerciante dotou a cidade de um modelar estabelecimento que, por vários anos dominou sôbre os demais.

Apezar das inúmeras emprêsas de que fazia parte, nêste Município e no Estado de Pernambuco, fundou em Mossoró a firma importadôra e exportadôra "TERTULIANO FERNANDES & CIA.", que lhe subexistiu, da qual se retirou deixando como seus sucessôres e continuadores da sua obra, aos seus dedicados amígos e auxiliares Raimundo e Vicente Fernandes.

Como industrial-salineiro, incansável no terreno das pesquizas científicas pela melhoria da qualidade do sal fabricado no município, veio, afinal, depois de longas e exaustivas observações, a conseguir um método de saturação da agua, que lhe permitiu aplicá-la na limpeza da lama e demais residuos aderidos aos cristais, cujo processo é hoje por todos usado sem qualquer modificação.

Fundou nêste Município, visando desenvolvimento maior na indústria salineira, a Companhia de Salinas Mossoró-Assú, posteriormente encampada pela Emprêsa de Sal e Navegação que, por sua vez, foi absorvida pela Cia. Comercio e Navegação, hoje a maior emprêsa salineira do País.

Na qualidade de armador destacou-se dos seus contemporaneos, chegando nessa época a ser grande acionista e um dos diretores da Cia. Pernambucana de Navegação, com séde em Recife, Capital de Pernambuco.

Durante a sua permanência nesta cidade, teve o casal Francisco Tertuliano de Albuquerque dois filhos, — Domingos e Maria Clara, sendo que esta

casou-se com o renomado poeta pátricio OLEGARIO MARIANO.

Como político gozou na sua época de grande e invulgar prestigio, e, pertencendo como pertencia ao Partido Conservador, ascendeu ao governo do município após brilhante e expressiva vitória eleitoral, que veio de confirmar a simpatia de que desfrutava em todos os meios sociais.

Ao terminar o seu triênio administrativo, vários eram os melhoramentos que se observavam na cidade, dentre êstes a ampliação do prédio da INTENDENCIA, ainda hoje existente e que foi ha poucos anos reformado durante a gestão do ex-prefeito João Mélo.

Desta cidade transferiu-se para Recife, onde fixou sua nova residência à rua Paisandú, 36, jámais, porém, esquecendo esta bôa terra, da qual, em sinal de gratidão nada retirou, e para quem, a todo instante, tinha frazes repassadas de sentida e atroz saudade.

Estas suas expressões, ditas a alguém que o visitou em Recife, naquela época, já acamado e desenganado pelos médicos, diz bem do seu amôr a Macau.

Vejamos:

"Não fôra o haver me retirado de Macau, não estaria eu prostado nêste leito a esperar a morte. Estou certo de que se tivesse continuado alí, esta não me ceifaria senão daquí a uns trinta anos".

Sôbre os homenageados, vale citar aquí o **grande RUY**:

"Sêbre êstes varões dignos e puros não ha o brado lugubre das torres, mas há o murmurio da imortalidade, que para os homens ilústres é dupla. O simbolo do Cristo, buscando em vão no sepulcro invisivelmente aberto, no sepulcro incapaz de conte-lo, e já redivivo, livre, radiante, como que se reproduz cada vez que uma inteligencia excepcionalmente poderosa, cada vez que um homem extraorinariamente justo deixa a terra. Onde êle não está é debaixo da lápide; mas está, e vive, cintila, cresce progressivamente na veneração dos que o contemplaram, passado por entre os homens como um vulto quasi sobrenatural. A desforra exercida sôbre vultos assim, pois, é somente impiedade: é inépcia. Êle já não existe entre nós, mas sobreviver-nos-á em nossos filhos; renascerá de geração em geração, enquanto esta lingua soar".

Palavras de Agradecimento (1)

Exmo. Sr. Prefeito
Dignas autoridades
Minhas senhoras
Meus senhores.

Como já disse alguém, a justiça é uma palavra simples, de significação divina. Sob a sua inspiração, nada é mais dignificante do que enaltecer o mérito, honrar o nome e a memória daqueles que, cumprindo a missão de orientar e dirigir, alguma coisa fizeram pela grandeza e a felicidade do nosso importante município. Por isso, recebe gerais aplausos a iniciativa do operoso prefeito, mandando fazer, nesta casa, a aposição dos retratos dos que, dirigindo os destinos desta comuna, se tornaram merecedores da sincera admiração e do apreço da nossa gente, — uns pela relevância dos próprios cargos que exerceram, outros pelos seus serviços e pelas suas qualidades cívicas e morais. Por motivos já esclarecidos pelo prezado conterrâneo Albino Melo, a galeria de honra deste salão foi inaugurada, ainda incompleta, ficando hoje acrescida dos retratos de três antigos chefes do Executivo Municipal, um dos quais é Emídio Bezerra da Costa Avelino, a respeito de quem me cumpre falar, neste momento.

O homenageado, a que me refiro, nasceu a 22 de Março de 1858, em Angicos, glorioso berço do capitão José da Penha, do jornalista Pedro Avelino, de Afonso Bezerra, do senador Georgino Avelino, do deputado Aluizio Alves e de outros homens ilustres. Eram seus pais Vicente Maria da Costa Avelino e Ana Bezerra Avelino. Na sua terra natal, lhe foram ministrados o ensino primário e elementos de instrução secundária pelo seu progenitor, pelo professor Juvêncio Xávier de Menezes e outros espíritos mais esclarecidos daquela época. Foi um homem, durante toda vida, dedicado ao estudo de sérios assuntos, a longas e meditadas leituras, que lhe proporcionaram uma série natural de conhecimentos, conseguindo, assim, pelo próprio esfôrço, elevar-se de modestas condições a vários cargos de relevo social e político.

Depois de contrair matrimônio com

ALFREDO TEIXEIRA DE SOUZA, Farmaceutico e Vereador

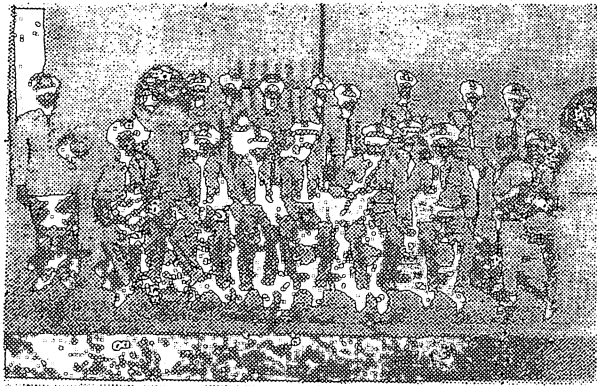
Maria Irinéia Pinheiro Avelino, transferiu a sua residência, por algum tempo, da então vila de Angicos para a cidade de Açú, onde foi notário e onde, também, veio a iniciar-se nas lides forenses, tomando parte nos movimentos intelectuais, liderados pela bela inteligência do Dr. Luís Carlos Wanderley, na tradicional cidade sertaneja. Aquí chegou ainda muito moço, radicando-se perfeitamente, em nossa terra, a que muito queria e de cujos problemas e necessidades gerais, era exato conhecedor, e onde passou quase toda existência, numa completa identificação espiritual e afetiva com o nosso povo.

Não tardou a obter, em nosso meio, prestígio e popularidade, como homem de sociedade e competente causídico, a todos demonstrando o seu cavalheirismo e, com a maior solicitude, ouvindo e aconselhando a quantos o procuravam, sempre atento na defesa dos direitos dos seus constituintes, muitos dos quais se achavam nas classes humildes e eram os menos favorecidos da fortuna.

Provisionado pelo Egrégio Superior Tribunal de Justiça, deste Estado, dedicou-se, largamente, aos misteres da sua profissão nas comarcas de Macau, Açu, Santana do Matos, Touros e Areia Bran-

EDIFICIO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

---

(1) Discurso pronunciado pelo autor, no dia 7 de setembro de 1952, por ocasião da homenagem prestada pelo município de Macáu, à memoria de Francisco Tertuliano de Albuquerque e Emídio Bezerra da Costa Avelino, com a aposição de suas fotografias na Galeria dos Prefeitos.

Banda de Música Municipal, cujo instrumental foi adquirido pelo prefeito Albino Melo

JOÃO BATISTA CARMO,
Tabelião Público

ca, patrocinando, com pleno êxito, numerosas causas, algumas de excepcional importância.

Teve de sustentar calorosos e interessantes debates no Tribunal do Juri, por vezes, com hábeis e conceituados cultores do Direito, conquistando grande evidência e esplêndidos triunfos nessas memoráveis pugnas judiciárias.

Advogado da Companhia Nacional de Salinas Mossoró-Açú e de outras antigas emprêsas, — com a dissolução destas, posteriormente, passou e exercer as mesmas funções na Companhia Comércio e Navegação, que muito lhe deve, no tocante à legalização e defesa de grande parte do seu vasto patrimônio de terras e salinas, neste e noutros municípios. Prestou os seus serviços profissionais, à referida Companhia, desde o ano de 1905 até 21 de Novembro de 1945, data de sua morte.

Várias vezes, também, exerceu a Promotoria Pública, nesta cidade. Pertencia a Ordem dos Advogados, Secção do Rio Grande do Norte.

A sua honesta colaboração no setor administrativo e na política local, data do primeiro decênio da República, e durou cerca de 30 anos. Inicialmente, foi secretário na gestão de Eufrásio Alves de Oliveira, estando, por volta de 1899, à frente dos destinos de nossa terra, como presidente da Intendência Municipal, a que, mais tarde, prestou os seus serviços de advocacia, durante longos anos.

Na esfera da disciplina e lealdade partidárias, gozou a confiança de alguns dirigentes, dos quais veio a ser um prudente e autorizado conselheiro, sempre inspirado no bem público. Vem, da época mencionada, a sua mais intensa atividade política, como membro do Partido Republicano Federal, chefiado pelo Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, seu eminente amigo e compadre. Tendo governado o município duas vezes, algum tempo depois, era eleito deputado à Assembléia Legislativa do Estado, sendo, daí por diante, o seu mandato renovado, alternativamente, em várias legislaturas, até o ano de 1923. O representante de Macau impunha-se pela sua eloquência e operosidade, debatendo os mais importantes assuntos trazidos ao plenario, sendo, sem contestação, uma das mais destacadas figuras do Congresso Estadual do seu tempo.

Nobre lidador, em sua vida pública desenvolveu ação proveitosa, no sentido do bem estar coletivo e dos altos interesses da nossa terra.

Perdoava, sempre, aos seus detratores. No último período de existência, enfrentou, corajosamente, a adversidade, lutando e sonhando — com o pensamento voltado para a evolução, para as conquistas da liberdade e os melhores destinos da democracia. Eis, em ligeiros traços, a vida de meu pai. A ele, também se ajusta o que escreveu Rui Barbosa, sob a forma de epitáfio para o próprio túmulo: "Estremeceu a justiça, viveu no trabalho e não perdeu o ideal".

São estas, meus senhores, as comovidas palavras de evocação e ternura, que tinha a dizer, em nome da família Avelino, agradecendo ao ilustre prefeito a homenagem prestada ao querido pai, ao desvelado chefe desaparecido, mas sempre presente em nossa memória e em nossos corações, no culto da nossa maior saudade e da nossa gratidão imorredoura. Também agradeço, cordialmente, a todos que compareceram a esta solenidade.

---

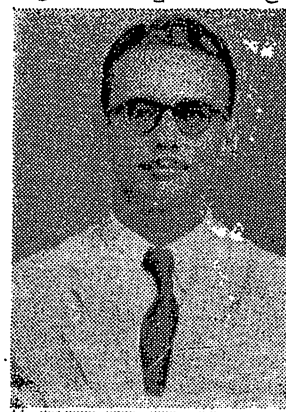
(1) Discurso escrito pelo poeta Edinor Avelino e lido, em nome da familia, pela poetisa Olda Avelino, filh. lo homenageado.

Escola Comercial de Macáu

Por todo o mês de Janeiro de 1953 será fundada a Escola Comercial de Macáu, por iniciativa do Governo do Municipio em cooperação com o Serviço Nacional do Comercio, (SENAC).

E' uma iniciativa deveras louvavel e digna de encômios, já pela significação que isto representa para o desenvolvimento do nivel intelectual da cidade, já pelos beneficios que a Escola Comercial virá trazer sob o ponto de vista técnico e profissional.

Nesse mistér deverá visitar brevemente a nossa cidade, o professor Raimundo Nonato da Silva, encarregado desse serviço na capital do Estado.

HELIO ANTUNES BEZERRA, Secretario da Prefeitura

DR. ANTONIO LUIS AGUIAR DE MATOS SEREJO, Promotor Público

Escreve Luís da Câmara Cascudo:

UAS ACTAS SOBRE MACAU

A ILHA DE MANUEL GONÇALVES

Atraente como um mistério, diziam os antigos. A Ilha de Manuel Gonçalves, na foz do rio Assú, tem esse privilégio. Ninguem esquece a terra povoada de salineiros e pescadores, com ruas e capelinhas, festas votivas a Nossa Senhora da Conceição, amores, esperanças, comercio, trabalho organizado, derruida, polegada a polegada pelas ondas, varrida pelas marés de sizigia, mastigada lentamente, devorada pelo mar.

Hoje as canôas e barcas passam onde se erguiam os telhados. Através das aguas claras, transparentes na luz tropical, vêm-se as sombras dos escombros, dormindo no fundo azul do abismo.

Teve nome do sesmeiro que a possuia no seculo XVIII. Diversas referencias, especialmente orais, fixam reminiscencias. Foi o primeiro nucleo de concentração demografica. Quando começou a descer, assaltada pelas enchentes, a população se foi transferindo para o lugar denominado Macau, ainda deserto em 1797.

Frei Vidal, missionário capuchinho, em 1811 chantara o Cruzeiro monumental, três metros de alto, extremidades em flôr de liz. Em 1825 esse Cruzeiro fôra transportado para Macau, com as levas iniciais dos moradores, abandonando a ilha condenada pelo mar.

A Ilha de Manuel Gonçalves possuiu Mesa de Arrecadação em 1836, Juizado de Paz e Subdelegacia de Policia. Augusto Fausto de Souza ("Fortificações do Brasil") informa que chegará a ter um Fortim ou Bateria. No documentário que conheço ha menção na barra do Amargoso ou Assú.

Quando a Ilha desapareceu? Não houve um cataclismo, maremoto devastando, nalgumas horas, todas as vidas e sacudindo a ilha para as areias abismais. Não se repetiu a estoria miraculosa da Atlantida. Deu-se uma invasão demorada, diária visivel, infiltradora. Os moradores foram procurando outro pouso. E Macau ia nascendo na morte vagarosa da Ilha que se desmanchava nas espumas do preamar.

Em oficio de 17 de janeiro de 1845, o Chefe de Policia do Rio Grande do Norte, dr. João Paulo de Miranda, sugeria ao Presidente da Provincia, Brigadeiro Venceslau de Oliveira Belo, tio materno do Duque de Caxias, que suprimisse a Subdelegacia policial na Ilha de Manuel Gonçalves, **por se achar quasi deserta e proxima a ser coberta pelo mar, bastando que tenha um Inspetor de Quarteirão enquanto de todo o mar não fizer desaparecer a ilha.**

No mesmo janeiro de 1945, o Presidente aceitava a sugestão, incorporando o territorio ao Distrito da Povoação de Macau, como fizera em 1843 com o Juizado de Paz e em 1844 com a Mesa de Rendas.

A Ilha continuou vivendo nos mapas e portulanos. Vive na carta de Villiers d'Ile Adam, de 1848, no Roteiro de José Saturnino da Costa Pereira, em 1848, no Dicionario de Millet de Saint Adolphe, em 1854. O Roteiro de Souza Aguiar, em 1857, anuncia a vitoria do mar... foi esta ilha desmoronada até que deixou de existir.

Tive a alegria de interessar o comandante Eugenio de Castro no assunto. Escreveu um ensaio lindo, onde a erudição e o encanto se equilibram, publicado na revista do nosso Instituto Histórico, vol. XXXII-XXXIV, 1940, p. 153. E' definitivo para a bibliografia na especie.

Nas lendas, a Ilha de Manuel Gonçalves revive iluminada de assombros, emergida do oceano, cheia de vida misteriosa, acima do Passado e da Morte...

O MUNICIPIO DE NOME CHINÊS

Macau é o único municipio, do Rio Grande do Norte e no Brasil, a possuir nome no idioma chinês.

A possessão portuguesa no Oriente, a mais antiga colonia europeia na China, a 40 milhas de Hongkong, fica aderente por um istmo de 50 braças de largo à ilha de Hanchan ou Heong Shan (Montes Odoriferos), distrito da imensa provincia de Kuangtung.

Que quer dizer Macáu?

Escrevi a dom José da Costa Nunes, Bispo de Macau, mas o prelado estava ausente, em visita ad sacra limina. Respondeu-me o deão Manuel Patricio Mendes, vigario geral e governador da Diocese, enviando, gentilmente, sua opinião e um ensaio completo na especie.

Macau é uma contração de **Ama-goa** ou **Ama-kao**, valendo "porto de Ama", "abrigo de Ama". Ama é a deusa Neong-ma, protetora dos navegantes, dizendo-se comumente "Ma" por "Ama".

Contam que uma vez uma moça desconhecida pediu aos negociantes de Fu-Kien que a transportassem para o sul. Nenhum a quiz aceitar nos barcos, exceto um pobre barqueiro que a embarcou no seu "junco". Partiram todos mas uma tempestade fez sossobrar todas as ricas embarcações, poupando apenas o "junco" em que a moça viajava por esmola. Atinge finalmente um porto de salvamento, guiado pela mão da misteriosa mocinha. Quando o "junco" toca em terra, a moça salta, agradece, sobe a uns rochedos e eleva-se para os céus. O dono do "Junco" reconheceu em sua salvadora a deusa Neong-Ma. A fama desse milagre, numa região de navegação e pesca, motivou a construção de um templo (pagode) chamado "Ma-Kok-Miu", à entrada da barra, em honra e louvor da deusa. Esse pagode é a origem da povoação de Macáu, fundada pelos portugueses, moradores já em 1555.

Do Macau chinês, porto da deusa Ma, senhora dos navegantes, nos veio a denominação para o nosso Macau salineiro e acolhedor.

Macáu aparece em documentos do século XVIII mas só os conheço nos fins da centuria.

Não mereceu as honras imediatas do povoamento por não ter agua. As ilhas do Lagamar e de Manuel Gonçalves, hoje desaparecida, constituiram os nucleos demograficos iniciais.

E quando Macau começou a povoar-se? Deve ter sido nos primeiros anos do seculo XIX.

Num interessante documento que Nestor Lima divulgou (rev. Ins. His. R. G. N. XXXV-XXXVII, 215) informa-se: — **A ilha denominada Macau com uma legua de Leste a Oeste, meia de Norte ao Sul, não é avitada (habitada) e nem serve para crear por não ter agua.**

Infelizmente o documento não revela origem nem data. Posso, entretanto, deduzir que é posterior a fevereiro de 1781, porque o coronel Cristovão da Rocha Pita, dado como falecido, estava naquela data bem vivo e requerendo sesmarias.

No arquivo da Companhia Comercio e Navegação em Macau, o dr. Francisco Menescal mostrou-me uma escritura de venda, de 13 de maio de 1797, onde se alude **ao lugar chamado Macau**, ainda deserto.

Fôra Macau procurado pelos moradores da ilha de Manuel Gonçalves quando esta principiou a abater-se, destruida pelo mar. Os habitantes da insula iam-na abandonando na proporção que se dava a invasão maritima. Naturalmente o exodo não se deu de maneira coletiva. Saiam familias aos poucos, edificando casinhas na terra firme que era Macáu. Em 1811, se fama est veritas, ainda Frei Vidal, capuchinho, chantava um grande Cruzeiro, na ilha assaltada pelas aguas vivas. Este Cruzeiro, trazido para Macau em 1825, está na Matriz local, onde o visitei em dezembro de 1935.

Nesse 1825 parece ter tido Macau um surto de desenvolvimento. João Martins Ferreira, seu filho e quatro genros, pioneiros na fixação social, construiram a casa comercial, escrevendo na fachada, 1825 A legislação provincial continuou citando a ilha de Manuel Gonçalves quando esta já estaria inteiramente despovoada. A lei 28, de 5 de novembro de 1836 mandava criar uma Mesa de Arrecadação na Ilha de Manuel Gonçalves ou Macau, alternativa que denuncia a crescente importancia da povoação. O orçamento para 1844-45 mostra que a Meza de Arrecadação se instalou em Macau. Assim começou a viver e prosperar o municipio ilustre que tem nome chinês.

Macáu e seus primórdios

NESTOR LIMA
(Do Instituto Histórico)

Macáu, o rico e prospero municipio, que se extendo à margem direita do Rio Assú, já na sua chegada ao Atlantico, e aonde se abrem as tres ou quatro bocas, de que falam as velhas cronicas nacionais, foi elevado à categoria de comuna, pela primeira vez em virtude da resolução provincial n. 158 de 2 de outubro de 1847, que mudára para alí a séde da freguezia de Angicos, então extinta, e, como tal, foi conservado, anos depois, quando da restauração da vila e freguezia de Angicos, nos termos da lei n. 294 de 19 de agosto de 1854.

O territorio, que constitue o municipio atual, não foi alterado desde a sua constituição até a data presente.

E' bem verdade que existe uma dúvida de limites entre este municipio e o de Baixa Verde e que conviria resolver, agora que funciona o Poder Legislativo do Estado; é a que se refere à extrema norte de Xaixa Verde, creada pela lei estadual n. 697 de 29 de outubro de 1928, na parte que confina com o municipio de Macáu.

Nada diz a lei de creação a tal respeito; presume-se que tenha conservado os antigos limites de Touros, de que foi em parte desmembrada a nova comuna, e Macáu. Mas, o certo é que não ha na lei uma referencia a esse limite. Urge e vale completa-lo, solvendo a dúvida.

Pelo menos, a parte em que se verifica essa confusão e que se pode apreciar claramente de avião, como me aconteceu, a 23 de agosto último, é extremamente curiosa, porque é formada de rios, arrombados, pontaes e varias ilhas, entre as quais a de "Pisa Sal", que pretende ser encorporada ao velho municipio salineiro.

Ao tempo dos interventores, a população dessa Ilha de "Pisa Sal" enviou uma representação ao Governo do Estado no sentido de ser anexada a Macáu. A representação veio para o Instituto Histórico e aí permanece sem solução, à vista da falta de elementos para a informação necessária, que só seria útil e proveitosa si fosse precedida de observação **in loco**.

Todavia, o territorio de Macáu permanece integro, por isso que lhe não desmembraram jámais qualquer porção para a formação de novos municipios, como aconteceu a Ceará Mirim, Caicó, Jardim, Santa Cruz, Touros e outros.

De data remota, ha informação segura acerca dos primórdios deste municipio.

Possuo, em meu arquivo, um precioso documento que pertenceu ao meu finado tio Coronel Elias Souto, paciente investigador e colecionador de notas sobre o nosso passado, o qual me parece de muita importância para os primeiros tempos de Macáu, dada a exatidão das minucias e indicações sobre o seu antigo territorio. Não está assinado nem tem data o documento, mas, a admitir-se a autenticidade dele pela sua caligrafia, à ortografia e o estado do papel onde se acha exarado, bem como pela declaração, que contém, de referir-se "às terras do meu comando", forçoso será concluir que se trata de um documento do proprio comandante da Ribeira do Baixo Açu, nas éras do começo do seculo XVIII, atribuivel a um dos coroneis que alí exerceram o elevado munus militar e civil, antes da organização do nosso país em Estado independente.

Não haverá mal em supôr que esse documento seja talvez da autoria do coronel Jeronimo Cabral Pereira de Macêdo, conhecido por "Jeronimo do Morro", que, além de abastado fazendeiro naquele territorio, é tronco de numerosa e respeitavel familia compatricia.

De modo que, por esse documento, cujo valor ressalta da sua vetustez, Macáu era constituido por três leguas de comprido, às margens do Rio Açu, e pelas suas embocaduras sobre o Oceano Atlantico.

Ei-lo em sua propria grafia antiga:

"RELAÇÃO das 13 leguas de terras do districto do meo Commando, pertencentes ao Coronel Bento José da Costa, mor, na praça de Pernambuco, sendo administrador das mesmas João Moz. Ferr[a]., comprehendendo nestas a ILHA DE MANOEL GLZ., com hum coarto de legoa de Leste ao-Este, — 150 braças de norte a sul: está avitada com 30 fogos — a Ilha dominada BAT-PTIRAS (?), com hum coarto de legoa de Leste ao-Este 200 braças de Norte a Sul, não tem avitantes e nem serue p.[a] criar pr. não ter agoa. — a Ilha dominada JANDUIM, de igual comprimento não tem moradores e nem serue para criar pr. não ter agoa. — a Ilha dominada LAGAMAR, com huma legoa de Leste ao-Este e 25 braças de Norte a Sul, tem 12 fógos, tem agoa e não serue para criar, — a Ilha dominada BOCA DO RIO, com 3 legoas de Norte à Sul e huma de Leste ao-Este, tem 4 fógos, não serue para criar pr. não ter agoa e nem se planta. — a Ilha dominada MACAO com huma legoa de leste ao-Este, meia de Norte ao Sul, não he avitada e nem serue p.[a] criar, por não ter agoa. — a Ilha adominada COATRO-BOCAS, com huma legoa em coadro, he unavitavel pr. não ter agoa. — a Ilha dominada RIO DOS CAVALLOS com meia Legoa de comprida 100 braças de largura; estas linhas todas contestão pelo norte com ó Siano e pr. Leste e o Este com terras do mesmo coronel Costa e pelo sul com terras do capm-mór Pedro Pereira da Costa, mor. no "Morro" e com os herdeiros do fallido Cristovão da Roxa Pitta, moradores no districto da capitania da Bahia de Todos os Santos. Estas ilhas são repartidas pr. 5 barras nevegaves — a do Arrombado — Manoel Glz — Amargoso — Rio dos Cavallos — Conxas, todas na distancia de 3 legoas de Leste ao-Este. — na primeira Ilha já dita de Manoel Glz, pessue o d.[o] coronel Bento José da Costa 10 escravos e 4 canoas entregues ao administrador e occupaos em tirar sal e fazer curraes de peixe e os Avitantes dellas são pescadores e tiradores de sal e tem alguns negogociantes de peixe e Fazendas Secas e molhados. — Da barra das Conxas thé a Barra do Mosoró comtãose 10 legoas de Leste ao-Este e 6 de Norte a Sul com as datas de sobras e nestas estão situadas duas Fazendas de gado — **Cacimbas** e **Entrada**, a primeira com 1500 cabessas de vacum e 60 cavallar, 100 cabrum, 120 ovelhum, tem hum escravo de fabrica. — A segunda com 1000 cabessas de vacum, 30 cavallar, 50 cabrum, hum escravo de fabrica, estas terras são proprias de criar gados. Contestão pelo Norte com o Sianno pelo sul com terras dos Pittas da Fazenda do **Olho dagoa** da Fazenda do Arraial velho com os erdeiros do fallecido coronel Jeronymo Cabral de Oliveira e com os religiosos do Carmo e pr. leste com as ilhas já ditas e pelo-este com o rio Mosoró, nesta distancia abitão alguns pescadores ao tempo das pesqueiras, &".

Distrito de paz, em 1843, vila e freguezia em 1847, comarca em 1871 e cidade em 1875, (9 de setembro), Macau tem os fóros de elegancia e nobreza, que procura sempre manter com galhardia. Hospitaleira e progressista, era a cidade além da capital, que mantinha comercio

As "oficinas" de Assú e Mossoró

RAIMUNDO NONATO.

Já num estudo robustecido de citações na fonte, de argumentação e documentos, o historiador Tavares de Lira, um dos ilustres precursores dos trabalhos de pesquizas históricas norte-riograndenses, fizera menção às famosas charqueadas de Oficinas, no Assú, e de Mossoró, à margem dêste rio.

Alí, nos dois remotos lugarejos da Colônia, vivera, à época, uma industria que prometia florescer. E não fôra o regime de ordens emanadas dos govêrnos que puseram têrmo aos seus trabalhos, teriam êlas, alcançado, certamente, uma expansão maior, entre aqueles agrupamentos populacionais da região nordestina, ora estudados, em núcleos marginais presos ao cíclo da civilização dos currais e do couro de boi.

O fato, no entanto, não admite relutar, pois os indícios são claros e definidos.

De primeiro, como aceita aquele ilustre polígrafo, fôra a corôa lesada na cobrança dos seus dízimos, que tivera de determinar a suspensão da matança de gado nas duas ribeiras mencionadas, para permití-la, livremente, por todo o Vale do Jaguaribe e seus contravertentes.

Nêsse ponto, a nomenclatura local tomou tal importância, que alí a indústria da carne de gado salgada, ficou sendo conhecida pelos sertões, com o nome de "carne do ceará".

Mas, a história nem sempre é uma repetição de fatos imutáveis. Os seus juizos podem, não raro, ser objeto de nova interpretação, quando não, totalmente, modificados, à luz de outros argumentos, cuja clareza possa elucidar primitiva notas e registos, e decorrentemente, projetar a influência do grupo social em relação ao meio e a época.

Esse é, sem dúvida, um dos fatores mais curiosos da sociologia no setor da história, permitindo dar aos fatos uma apreciação mais social e menos cronológica.

Daí, é que, fatos como essês das charqueadas de Oficinas e de Mossoró, vão adquirindo refôrço, ante a documentação que se apresenta ao seu estudo.

Praticamente, as charqueadas de Oficinas e de Mossoró tiveram contra si, o império de circunstâncias iniludíveis, a que o próprio Govêrno da Capitania de Duarte Coelho, que se debatia numa crise assoberbante, encarou com o sentido de uma calamidade pública.

Áqueles dias, como ocorresse uma diminuição de produção, os assambarcadores de Minas, do Rio e do Recife, por meios duvidosos, dizem que até desonestos, se assenhorearam dos produtos, e as negociátas, que então promoveram, abriram sérios conflitos entre os consumidores e os monopolistas detentores das mercadórias.

O Govêrno teve, assim, de agir com pulso firme, à expressão do tempo: "com verdadeira mão de ferro".

Tal era o estado das coisas, que ao assumir o Govêrno da Capitania de Pernambuco, D. Tomaz de Melo, em 1879, não escondia o seu espanto, e no seu relatório, acentuava textualmente:

... "foi preciso tomar tambem promptas medidas a respeito da carne fresca, e salgada, da que já de outros anos atraz se experimentavam grandes faltas; informei-me da sua origem ouvindo na materia as pessôas que maior Razão tinham de o saber; e vindo a collidir que nos Portos de Assú e Mossoró, donde podiam vir os gados em pé para esta Praça e conseguir-se a fartura de carne fresca, havião varias officinas de salgar e seccar carnes, nas quaes se matavão os bois daquelles sertões visinhos e depois em barcos se transportavam as carnes para outras Capitanias não ficando nesta mais que 3 ou 4 barcos para o seu consumo annual; suspendi a labutação das ditas officinas nos mencionados Portos dando conta a S. Magestade pela Secretaria do Ultramar de como o ficava executando emquanto a mma. Senhora não mandasse outra coiza: e ordenei mais que os barcos empregados neste negocio fossem fazer as suas salgaçoens da Va. de Aracati para o Norte, e que viessem fundear, e dar entrada no Recife, para eu aqui deixar os que fossem bastante para sustentação da Praça e das Fabricas dos Engenhos de fazer assucar, e das gentes do trato, que de ordinario não uzão de outro alimento: bem persuadido de que não devia deixar a fome em caza para ir fazer a abundancia dos de fóra..." — GILBERTO FREIRE — SOBRADOS E MUCAMBOS.

Homem de coragem, êsse Governador Tomaz de Melo. E muita razão tem o sociólogo de Casa Grande & Senzala, quando afirma que essa iniciativa chamar-se-ia, hoje, um princípio de "economia dirigida".

Está aí, pois, um aspecto de sociologia, julgado em face de fato histórico, segundo o qual, um desequilíbrio na função econômica da Capitania de Pernambuco, viria matar uma indústria que mal nascia no Rio Grande do Norte, pelos quartéis do século XVIII, em cujas lutas se agitavam as primeiras idéias da autonômia nacional.

direto com o Rio e outras capitais do sul, devido ao intenso trafico de sal das suas imensas e belas salinas.

Quando os melhoramentos do porto de Macáu se tornarem algum dia, realidade, e a ponta do ramal da E. F. Central atingir o seu perimetro, Macáu ficará restaurada na sua grandeza e na sua opulencia.

Jornais de Macáu

Macáu não mereceu ainda as honras de um livro, estudando, nos diversos setores da atividade humana, o trabalho dos seus filhos, através de varias gerações.

E' uma iniciativa, tanto mais necessaria quanto inadiável, cujos primeiros passos estão sendo dados agora com a publicação desta Poliantéia.

Sendo a presente edição dedicada exclusivamente ao jubileu sacerdotal do Monsenhor Joaquim Honório da Silveira, nem porisso deixamos de publicar alguns trabalhos sobre a séde do municipio, divulgando assim, dados e notas que serão amanhã utilizados na **Historia de Macáu**.

Sobre a Imprensa, por exemplo, era bastante insignificante a relação apresentada por alguns historiadores e estudiosos locais.

Desta vez, porém, o número de jornais e revistas da velha cidade salineira sóbe a uma quantidade surpreendente, desfazendo assim o Tabú de que Macáu era uma cidade sem historia...

Só assim será possivel alimentar a esperança de que em breve teremos escrita e publicada a Historia no Municipio.

E' uma iniciativa que merece não só a simpatia do governo municipal, mas de todos aqueles que se interessam pela grandeza e prosperidade de nossa terra.

Damos abaixo a lista dos jornais e revistas até agora encontrados:

1—**O Macauense** 1886-1889
2—**O Patusco** 1886

(Conclue na pagina 44)

Dois abolicionistas macauenses

Por F. F. ARAUJO

Sempre que, no decorrer dos tempos, passa a memoravel data — 13 de Maio — comemorativa da lei que, no Brasil, deu logar à extinção da escravatura, me ocorre, nitida e forte, a lembrança de dois insignes vultos, cujos nomes esquecidos já talvez, foram grandes pugnadores pela causa da abolição.

Chamaram-se, pois que já não pertencem mais ao número dos vivos, Joaquim Honorio da Silveira e Francisco Honorio Canuto, filhos de José Joaquim da Silveira e d. Antonia de Paula da Silveira, e faziam parte da numerosa e conceituada familia Honorio, residente em Macau, em cujo número conta-se tambem o virtuosissimo Monsenhor Joaquim Honorio da Silveira, residente em Macáu.

Muito cêdo ainda dedicaram-se ambos à vida maritima, e, durante anos, peritos que eram na arte de navegar, amestraram embarcações à vela, de que tiravam honrada e arduamente os meios de subsistencia.

Conhecidos e bem relacionados em Recife, ponto sempre terminal de suas viagens, não lhes foi dificil estabelecer e manter bôas relações de amisade com o desembargador José Mariano e outras figuras proeminentes que, aií, eram, então, expoentes máximos do abolicionismo.

A esse tempo, quando ia já muito acesa a campanha pro-abolição, pois que de todos os meios e recursos lançavam mão os abolicionistas, no sentido de livrarem os negros do cativeiro, eram mestres: o primeiro do cuter "Jeriquity" e o segundo do hiate "João Valle".

Comungantes dos mesmos ideaes, o dr. José Mariano, via, nos dois Honorios, amigos de sua absoluta confiança, dedicados e capazes de auxilia-lo em tão humanitaria cruzada. E, na veradade, assim o foi.

Em uma sua propriedade, sita no arrabalde denominado Poço da Panella, em Pernambuco, o dr. José Mariano homiziava os escravos que o procuravam, desejosos de se livrarem do cativeiro.

Então, em dia previamente combinado com os mestres das embarcações citadas, os escravos, ocultamente, embarcavam nos dois cruzeiros, da liberdade, pois assim se deve chama-las, e, na viagem de retorno, eles, os mestres, deixavam-nos às vezes em praias deste Estado; outras, nas de Ceará, de onde nunca mais voltavam à **casa paterna**.

O abolicionista macauense Joaquim Honorio da Silveira, que em 1888 foi de Natal à capital do Ceará, sosinho, em uma jangada, requerer uma ordem de habeas-corpus em favor de escravos recolhidos à Fortaleza dos Reis Magos

Existindo em Pernambuco uma associação denominada, com muita propriedade, "Clube do Cupim", abolicionista, e reconhecendo a valiosissima cooperação dos mestres Honorios, condecorou-os com a medalha de merito, das quais sei que, uma delas vai ser oferecida pela familia ao Instituto Historico e Geografico do Estado.

Mas foi ainda além o esforço todo humanitario e por isto mesmo digno dos maiores encomios, de Joaquim Honorio da Silveira, constatado no que passo a narrar.

Em fins de 1887, achando-se presos e recolhidos à fortaleza dos Reis Magos muitos escravos acusados de terem cometido o **grande crime** de haverem fugido, mister se fazia que em favor deles, se impetrasse uma ordem de **habeas-corpus**, o que, naquele tempo, só em Fortaleza podia ser requerido, e era absolutamente preciso ir lá um emissário tratar do caso.

Na ausencia suprema de transporte pronto e rapido, para aquela capital, foi então que Joaquim Honorio da Silveira, abolicionista a toda prova, arriscando a propria vida, seguiu, ele só, num "paquete", (jangada de pequenas dimensões), e, lá chegando, impetrou a ordem de **habeas-corpus**, e sendo concedida, como aconteceu, foram todos os escravos recolhidos à fortaleza, postos em liberdade, o que deu logar aos abolicionistas contarem mais uma vitoria e Joaquim Honorio, o marinheiro intrepido, a glória de tão grande feito que nunca se apagará da história do Rio G. do Norte.

Pormenorisando, não é demais dizer que, na altura de Macau, faltando "rancho" para o prosseguimento da viagem, ele viu-se forçado a arribar a Lagamar (praia proxima áquela cidadade) onde foi bem acolhido pelo pratico da costa, Pedro Felipe de Menezes, que lhe forneceu **carne assada, rapadura e farinha**.

Regressando a Natal, a 3 de janeiro de 1888, foi festivamente recebido pelo povo que o carregou em triunfo até a casa de sua residencia à Rua Formosa (hoje Ferreira Chaves.)

Prosseguindo na sua carreira maritima, anos depois adoeceu, enlouquecendo. Internado na Tamarineira, em Recife, a expensas de sua familia, faleceu a 30 de maio de 1899, tendo sido sepultado na catacumba n.º 26 de Nossa Senhora da Luz, no cemiterio de S. Amaro, onde jazem os restos mortais do intrepido e valoroso marinheiro que, como ficou provado, prestou à causa da abolição os mais relevantes serviços, pois que **viajar só numa jangada**, é ter a sepultura aberta a todo momento

MORTA

A pobre mãe de soluçar não cança
Da filhinha a pensar na eterna ausencia
Naqueles olhos cheios de inocencia,
Ela via dois astros de esperança.

Digo, porém, — como és feliz criança,
Morrendo no começo da existencia,
Levou tua alma da pureza a essencia
Ao Paraiso, á sideral bonança.

Voaste branca, sem levar saudade,
Se eu tivesse morrido em tua idade,
Não contemplara, no passar dos anos,

Cheia de mágoa, que acabrunha e prostra,
Em cada quadro que o destino mostra,
O fantasma cruel dos desenganos.

SAUDADE

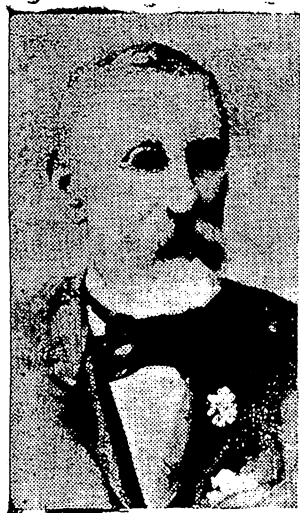
A saudade conhece quem perdeu
Um ente carinhoso e idolatrado.
E da saudade canta o triste fado,
Quem saudade conhece como eu.

Saudade, sentinela do passado,
Desse passado bom que se viveu,
Tendo de mãe o dôce amôr sagrado.
Saudade eterno sentimento meu.

Caminho onde a esperança não floresce.
Pranto sentido, dolorosa prece.
Queixa constante, cruz a que me abraço.

Minha saudade, eu te traduzo assim:
Da terra ao céo um poderoso laço
Que não separa a minha mãe de mim.

ALDA PINHEIRO AVELINO

JOAQUIM RODRIGUES FERREIRA

Joaquim Rodrigues Ferreira era filho do português Manoel Rodrigues Ferreira e da brasileira norte-riograndense Isabel Rodrigues Ferreira. Nasceu na fazenda Bôa Vista, do municipio de Macáu, a 26 de Outubro de 1827. Casou-se em primeiras nupcias com Generosa Rodrigues da Silveira, a 15 de Setembro de 1857. Deste consorcio houve seis filhos. Enviuvando a 15 de Maio de 1869, contraiu casamento segunda vez, com Ricardina Rodrigues Cavalcanti, a 21 de Outubro de 1873, havendo ainda dezesseis filhos. Fazendeiro e agricultor, dedicou-se particularmente ao comércio, no qual fez fortuna e conquistou amisades. Politico, militou sempre ao lado do Partido Conservador, no periodo monarquico, tendo como chefe o Padre João Manoel de Carvalho. Com o advento da República filiou-se ao Partido Republicano, acompanhando os Drs. Pedro Velho, Miguel Joaquim de Almeida Castro, Amintas Barros e outros. A sua influência política estendia-se da cidade de Macáu ao Baixo-Açu, onde contava com grande número de amigos e correligionários. Coronel da Guarda Nacional, exerceu o cargo de Administrador da Mesa de Rendas Estaduais, de Macáu, sendo ainda nomeado, em 1871, terceiro suplente de juiz municipal do termo de Angicos, cargo que não ocupou **"por não ter solicitado em tempo o respectivo título"**. Chefe de família numerosa, elevam-se atualmente a 77 pessôas o número dos seus descendentes, assim distribuidos : 6 filhos, 43 netos e 28 bisnetos. Simples, modesto, não traía a gravidade do seu porte sereno e calmo. Usava oculos, compondo assim o rosto longo, amaciado pela brandura dos gestos e pela imponencia do bigode e da cavanhaque. A sua fisionomia era calma, serena e socegada. Parecia estar constantemente em repouso. Essas caracteristicas lhe realçavam o porte de patriarca e de chefe. Era realmente um homem na legítima acepção do terno. Os velhos do seu tempo que com ele lutaram pela grandeza e prosperidade do municipio, falam com simpatia e satisfação da sua figura veneranda. Faleceu a 23 de Março de 1904, em sua fazenda "Alto do Rodrigues". Manuel Justino Béssa, o grande e devotado amigo do passado, que Macáu tem a honra de hospedar, copiou a meu pedido o seu registro de obito. E' o seguinte: — "Aos 23 de Março de 1904, faleceu e foi sepultado no dia seguinte, no Cemiterio Público desta cidade, Joaquim Rodrigues Ferreira casado com Ricardina Rodrigues Cavalcanti, tendo 66 anos de idade, recebendo os sacramentos da Penitencia, Eucaristia e Extrema-Unção e foi por mim encomendado. Para constar mandei lavrar este termo que assino. Vigário Joaquim Honório da Silveira. Neste termo noto apenas um engano. Joaquim Rodrigues Ferreira faleceu com 77 anos incompletos, enquanto o registro acusa 66. No mais, confere e dou fé.

***

NOTAS HISTORICAS DE MACAU

DE DISTRITO A CIDADE

A resolução n. 100, de 27 de outubro de 1943, creou um distrito de paz na povoação de Macau, então do município de Angicos.

A resolução n. 158, de 2 de outubro de 1847, creou a vila e freguesia de Macau.

A lei n. 644, de 14 de dezembro de 1871, desmembrou da Comarca do Assú os municipios de Angicos e Macau e creou com eles a Comarca de Macau.

A lei n. 761, de 9 de setembro de 1875, elevou á categoria de cidade a vila de Macau.

(Do "Repertorio das Leis", de P. Soares.

OS FUNDADORES DA POVOAÇÃO

Abandonada a pequena Ilha de Manoel Gonçalves, tragada pelo mar, e que demorava a nordeste, entre o oceano e a barra do rio da Ilha, mudaram-se definitivamente para a ilha de Macau, em 1829, como fundadores da povoação de Macau, os portuguêses capitão João Martins Ferreira, com seus quatro genros José Joaquim Fernandes, Manoel Antonio Fernandes, Manoel José Fernandes e Antonio Joaquim de Souza, e, mais, João Garcia Valadão, Francisco José da Costa Coentro, Elisiario Cordeiro e o brasileiro Jacinto João da Hora. A esse tempo a ilha de Alagamar era habitada pelos praticos da barra de Macau, com quatro fogos.

A ilha de Macau, assim denominada então, à margem direita do rio Assú, junto à sua fóz, cercada de rios salgados. tem 6 kms. de extensão (leste a oeste) e 15 de largura (norte a sul).

(Estas informações foram dadas pelo major Emidio Avelino ao desembargador Antonio Soares).

AS PRIMEIRAS SALINAS

Carta Regia de 7 de setembro de 1808.

Manuscrito autentico.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro, do meu conselho, Governador e Capitão General da Capitania de Pernambuco.

Amigo, eu e o Principe Regente vos envio muito saudar.

Sendo-me presente a falta de sal que se pode experimentar nos meus Dominios do Brasil, por haver cessado a correspondencia entre o meu Reino de Portugal e este Estado, e querendo atalhar as consequencias nocivas que da falta de um genero tão necessario podem vir aos meus fieis vassalos; sou servido ordenarvos que façaes promover a extração do sal das Marinhas dessa Capitania, da de Itamaracá e Assú na do Rio Grande do Norte, animando os povos ao aproveitamento de todas as salinas naturais que oferecer o terreno, ficando o dito genero livre de toda imposição, não obstante o disposto no Alvará de 24 de abril de 1802; e que sendo comprado pelos preços mais comodos que as atuais circunstancias permitirem, escolhendo-se sempre o sal de melhor qualidade, remetais por conta da minha Real Fazenda para esta Cidade, Ilha de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, deixando ao vosso arbitrio todas as providencias que vos parecerem proprias ao fornecimento do dito genero, assim para o consumo da terra, como data e mais Capitanias; dirigindo às Juntas da Fazenda competentes conhecimentos de recibo do dito genero, para ser pago aos carregadores na forma dos vossos avisos ao dito respeito; isto porém no caso de não haverem especuladores particulares, por cuja conta se possam prover com abundancia estas Capitanias. Espero do zelo com que me servis, façais exatamente cumprir quanto sobre este assunto hei por muito recomendado. Escrita no Palacio do Rio de Janeiro, aos 7 de setembro de 1808.' — Principe — Para Caetano Pinto de Miranda Montenegro.

OS PRIMITIVOS LIMITES

Resolução de 19 de agosto de 1854.

Crea a Freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Macau, desmembrada

da de São José dos Angicos, e lhes designa os respectivos limites.

Antonio Bernardo dos Passos, Bacharel Formado em Direito, Presidente da Provincia do Rio Grande do Norte, por sua Magestade o Imperador a Quem Deus Guarde, etc. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a resolução seguinte.

Art. 1.º — Fica desmembrada da freguezia de São José dos Angicos e elevada à categoria de matriz a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Macau.

Art. 2.º — Os limites das freguezias de Angicos e Macau com as confinantes e entre si serão entendidos da maneira seguinte:

Na freguezia de Angicos pelo lado do sul, principiando nas quebradas das aguas dos rios Potengi e Salgado, na fazenda denominada **Santa Rosa** seguirá uma linha divisoria limitando-se com a fazenda de Santa Ana do Matos pelos logares e fazendas **Malhada Funda, Conceição e São João** exclusive; deste ponto pelo serrote Jahurú compreendendo todo o riacho Canivete a sair no rio **Patachoca** na fazenda **Barra** inclusive; daí seguirá até a embocadura do mesmo **Pata-choca** no rio Assú, no logar Arapuá, não compreendendo a fazenda **Itú** e todo o terreno a ela pertencente e mais logares, que ficaram pelo dito Patachoca abaixo; pelo lado do poente servirá de limites o mesmo rio Assú até a fazenda **Taboleiro Alto** inclusive; pelo lado do norte atravessando a caatinga em direção do nascente e linha divisoria compreenderá as Fazendas e logares **Santo Antonio, Santa Maria, Cana-fistula, Serra do Lombo**, descendo pelo riacho da Milhã até a sua embocadura no rio Ceará-Mirim; pelo lado do nascente seguirá a linha divisoria a direção do sul, compreendendo as fazendas e logares **Cobra de veados, Caiçara, Serra do Bomfim** ou dos **fuzis** até o ponto, donde partiu a divisão a fazenda **Santa Rosa**.

Na freguezia de Macau, pelo sul servirão de limites os mesmos, que se acabam de marcar pelo norte a freguezia de Angicos; pelo poente servirá de limites até o oceano o rio Assú, compreendendo todas as Ilhas, que ficarem aquem de seu braço mais ocidental, pelo lado do norte limitará com o oceano; pelo nascente seguirá uma linha divisoria em direção ao sul da barra do Camurupim, compreendendo Santa Ana do Matos, quando abrangia todo este territorio ; passando a caatinga e compreendendo a serra do Lombo até a barra da Milhã, de onde principiou a divisão nos limites de Angicos.

Art. 3.º — Os limites dos municipios das vilas de Angicos e Macau serão os mesmos marcados na presente resolução para as freguezias.

Art. 4.º — Ficam assim derrogadas tódas as leis ou resoluções, que versarem sobre os limites do territorio compreendido nos dois municipios e freguezias, e quaisquer disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida resolução pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contem. O Secretario da Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Palacio do Governo do Rio Grande do Norte, na Cidade do Natal, aos 19 de agosto de 1854, trigesimo terceiro da Independencia e do Imperio.

Antonio Bernardo de Passos

FRAGMENTOS HISTORICOS

Ilha de Manoel Gonçalves --- Macáu --- Mesa de Arrecadação --- Outras Notas

Por F. F. ARAUJO

Não tenho intenção outra com o assunto de que vou me ocupar se não o de, elucidando-o, contribuir, firmado em documentos, com um modesto subsidio para a historia do Rio Grande do Norte, sobretudo com referencia ao municipio de Macau, quanto ao começo do seu povoamento.

Macau, como se sabe e é fato incontestavel, originou-se da extinta Ilha de Manoel Gonçalves, possivelmente desaparecida, de todo, em 1844, como procurarei provar.

O ilustre cidadão João Teixeira de Souza, alí residente, com idéas admiravelmente lucidas ainda a despeito de sua idade já muito avançada, recordando-se das mais remotas ocorrencias de sua terra, — afirma que data de 1825 uma das primeiras casas, senão a primeira, das construidas em Macau, em cuja frente se via gravado o ano citado. Essa casa, assobradada, que tambem conheci, já não existe mais, tendo sido anos atraz, destruida por um incendio que se manifestara em certa quantidade de algodão nela armazenado.

Não é fóra de proposito referir-me ao precioso documento de que é possuidor o ilustre presidente do Instituto Historico e Geografico, dr. Nestor Lima, sobre a "relação das 13 leguas de terras pertencentes ao coronel Bento José da Costa", morador na praça de Pernambuco", e do qual documento possuo uma copia, graças à gentileza daquele acatado historiador conterrâneo. Por ele cuja ausência de data e de assinatura é de lamentar, verifica-se que de todas as ilhas de que se faz menção, a de Manoel Gonçalves, com quanto pequena, era então a mais habitada, com 30 fogos, tendo casas comerciais de fazendas, secos e molhados, e que a de Macau, a esse tempo, não era "avitada"; mas em consequência de sua situação à margem de um rio navegavel e piscoso, foi a preferida pelos habitantes da Ilha que iam se mudando para a de Macau, à proporção que a em que moravam, formada totalmente de areia e sem amparo que a puzesse a salvo das furias do mar, ia assim, por este poderoso elemento, sendo, pouco a pouco destruida. E daí vem a Macau atual.

Não é crivel o que se diz — que o desaparecimento total da Ilha de Manoel Gonçalves tenha se dado em 1825, pois tenho documento oficial de sua existencia ainda em 1843, como se vê:

"Resolução número 100 de 27 de Outubro de 1843.

André de Albuquerque Maranhão, Vice Presidente da Província do Rio Grande do Norte: Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Legislativa Decretou e eu Sancionei a Resolução seguinte:

Art. 1.º Fica creado um Distrito de Paz na Povoação de Macau do Município da Vila de Angicos. Este Distrito compreende além do territorio que está marcado para o Sub-delegado de Policia da mesma Povoação, o **da Ilha de Manoel Gonçalves**; (o grifo é nosso) e o da Povoação de Guamaré".

Ora, de 1825 para 1843 decorrem 18 anos, e, assim, de modo algum poder-se-

Jornais de Macáu

(Conclusão da pagina 41)

3—**O Ramalhete**	1887
4—**Raio X**	1887
5—**Palhaço**	1887
6—**A Buzina**	1888
7—**Raio**	1889
8—**Correio de Macáu**	1904
9—**24 de Abril**	1905
10—**A Industria**	1907-1908
11—**O Neofito**	1908
12—**O Patriota**	1909
13—**Almanaque de Macau**	1909
14—**A Patria**	1910-1911
15—**Folha Nova**	1913
16—**Fiat-Lux** (Revista literaria)	
17—**Binoculo**	
18—**Bombarba**	
19—**Atenéa**	
20—**Jornal de Macau**	1917
21—**Macau-Jornal**	
22—**A Noticia**	
23—**Centenario (Poliantéia)**	1922
24—**A Poesia**	
25—**O Imparcial**	
26—**O Riso**	
27—**A Tampa**	
28—**Gazeta**	
29—**Expressão**	
30—**Beira-Mar**	
31—**O Ferrão**	
32—**Idéa**	

Nota — Qualquer informação escrita que alguem desejar dar sobre coisas relacionadas com a Historia do Municipio, dirija-se a Manoel Rodrigues de Mélo, à Av. Afonso Pena, 632 — Natal.

á crer no desaparecimento da Ilha, por completo, como se diz em 1825.

Cogito, por consequência, do acima exposto, que, de fato, o inicio do povoamento da ilha de Macau teve logar em 1825, ou mesmo em epoca um pouco anterior a esta.

A Mesa de Rendas Estaduais de Macáu, que a 5 de novembro deste ano, completa o seu primeiro centenario, foi creada pela lei número 28 de 5 de novembro de 1836, pelo Presidente da Provincia João José Ferreira de Aguiar, como se vê:

"Capitulo IV — Art. 4.º—Fica o Governo autorisado a crear desde já huma Mesa de arrecadação na Ilha de Manoel Gonçalves, ou Macau, que se encarregue da arrecadação, e fiscalização de todos os Direitos Provinciais naquele logar.

Art. 5.º — Esta Mesa será composta de hum administrador, do Escrivão, e dos Fiscaes que forem necessarios".

Até então as rendas da Provincia eram arrecadadas por agentes autorizados pelo Governo, localizados em Ceará, Paraíba e Pernambuco.

Foi Silverio Martins de Oliveira o seu primeiro administrador que, no periodo de Julho de 1837 a Junho de 1838, arrecadou a importancia de 3:682$978, como se verifica de documentos existentes no arquivo do Departamento da Fazenda.

Pela Resolução n.º 137 de 7 de novembro de 1845, foi aprovado pelo governo o regulamento da Mesa de Rendas de Macau e Mossoró, do qual transcrevo apenas o seu art. 21 que diz, referindo-se a de Macau:

"A Mesa de arrecadação terá por distrito todo o territorio comprehendido nas freguezias de S. João Baptista do Assú, e Angicos até o Pontal de Guamaré inclusive, com duas leguas para o centro da mesma freguezia em toda a extensão deste territorio".

Ora, é logico e claro que nessa lei, nenhuma referencia se fazendo à Ilha de Manoel Gonçalves que devia ser incluida no territorio de sua jurisdição, para efeito da arrecadação de impostos e fiscalização, deduz-se que tal omissão só se justifica pela sua não existencia mais em 1845.

Na Igreja matriz de Macau existe um grande cruzeiro de madeira que, para alí, foi trazido do cemiterio público, onde se achava, isto há poucos anos, por iniciativa, aliás louvavel, do Pe. Paulo Heroncio, então vigário daquela freguezia. Nesse cruzeiro está colocada uma vistosa placa, dizendo ter sido, em 1825, a última coisa trazida da Ilha, quando esta se achava prestes a desaparecer pela invasão das aguas do mar.

E' um erro, pois como ficou provado, a Ilha em 1843 ainda tinha habitantes, tanto assim que, no ano citado, ela ainda foi incluida no Distrito de Paz que foi creado na povoação de Macau, pela Resolução n.º 100 de 27 de outubro de 1843, a que já me referi.

Em 7 de setembro de 1808, o Príncipe, em carta regia desta data, autorisava a Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Governador e Capitão General da Capitania de Pernambuco, prevendo a falta de sal que se podia experimentar nos seus dominios, por haver cessado a correspondencia entre o seu Reino de Portugal e este Estado, a promover a extração do sal das Marinhas dessa Capitania, de Itamaracá e Assú, no Rio Grande do Norte.

RAUL RAMALHO, industrial

Há 128 anos, portanto, que oficialmente, é conhecido o sal do Rio Grande do Norte.

A Inspetoria de Obras Contra as Secas, ha anos passados, para obter agua potavel em Macau, procurou cavar um poço tubular bem em frente ao mercado público, de que ainda guardo uma pequena fotografia.

Começados os trabalhos, numa profundidade de 15 a 20 palmos, encontrou-se uma camada de areia de praia e busio em quantidade, o que, aliás, se encontra sempre em todo o perimetro da cidade, toda vez que se faz escavações com a profundidade referida; logo em seguida, lama de maré que, ao ser esgotado o tubo de revestimento, vinha de mistura com pedacinhos de madeira, que se reconheceu ser de mangue canoé; continuando a perfuração, foram encontradas camadas de terrenos varios até que, a uns 90 metros mais ou menos, deu agua, mas um pouco salobra que devia ser o prenuncio de, mais metros, menos metros, encontrar-se o precioso liquido.

Abandonado esse poço por falta de canos do mesmo diametro, transferiram a perfuratriz para a rua vulgarmente chamada da Gameleira; e perfurado outro poço, encontraram a mesma agua salobra que chegara a transbordar pela boca do tubo que ficou abaixo do nivel do solo uns 3 palmos, se tanto.

Como em regra geral, os negocios do governo são sempre descurados, esse poço ficou aos cuidados da garotada da rua que por sua vez se encarregou de obstruí-lo quanto antes.

Bem de proposito fiz, tão detalhadamente a descrição das diversas camadas do terreno por que passou o tubo de revestimento: **areia de praia, busio em quantidade, lama de maré e pedacinhos de mangue canoé**, para ficar firme na convicção de que todo o perimetro naquela cidade salineira, em épocas muito remotas, já foi totalmente banhada por agua salgada.

Em 1848, Macau tendo já a sua Igreja, foi elevada á categoria de vila pela lei n.º 158 de 2 de dezembro de 1847.

A despesa da Camara Municipal, orçada para o citado ano, foi a seguinte:

Com a gratificação do Secretario	48$000
Com a do porteiro	10$000
Com o aluguel da casa para as suas sessões	24$000
Com a compra de mobilia para a casa da mesma Camara	80$000
Com eleições	2$000
Com despesas eventuais	5$000
Total	196$000

---

88 anos depois, a despesa do municipio de Macau, orçada para o exercício de 1936, é de Rs 26:940$000.

Conheci o velho Manoel da Rocha, quando patrão do escaler da Mesa de Rendas Estaduais.

-- Nascido na Ilha de Manoel Gonçalves de lá veio, na idade de 10 anos, com meus pais, disse-me ele; " **mas recordo-me bem que lá existia igreja, ruas de casas com calçadas e muitos coqueiros**".

ADELINO HONORIO DA SILVEIRA, Industrial

Pendências e sua evolução histórica

M. Rodrigues de Melo

Pendencias, como todos os nucleos de população do nordeste brasileiro, nasceu de uma fazenda de gado. O gado foi, por assim dizer, o principal fator do seu povoamento. Escolhido o local para a casa de morada e ficado o curral contíguo à residencia, nada mais seria preciso que um touro e uma vaca para perpetuar e desenvolver a especie. O cavalo e o cão seriam sem dúvida, indispensaveis, a quem se abalançasse a viver afastado dos centros co merciais.

O facão, o machado e a pistola não despresariam nunca o homem em situação tão precaria, lutando contra os imprevistos da natureza e da fauna animal. O fogo e o sal já lhe eram por demais conhecidos, para deixarem de figurar entre os utensilios necessarios e indispensaveis à sua vida. Assim arranjado, o homem refugiava-se no deserto, procurando de preferencia as margens dos rios ou dos lagos, onde podesse facilmente encontrar agua e pasto para os bichos e construir a sua vivenda. Aboletado, enraizava-se de tal maneira á terra, prendia-se de tal forma ao seu meio de vida, que muitos deles terminavam morrendo, sem conhecer outro lugar, além daquele que escolheram espotaneamente para construir a casa e fincar o curral. Outros não, traziam nas veias o sangue boliçoso e quente do cigano e do indio, viajando constantemente do sertão para a beira-mar abrindo as primeiras vias de comunicação. Foi graças a esse espirito aventureiro e irrequieto dos nossos primitivos colonizadores que o Brasil depois de ingressar no II século, já era conhecido e povoado em quase todas as direções.

O Rio Grande do Norte, era, em 1597 definitivamente conquistado pelos portugueses.

E a região do Açú em 1612 já era pisada pelas botas dos nossos primeiros povoadores. Em 1666 já o Açú não tinha mais segredos para ninguem.

No que toca ao solo propriamente dito de Pendencias não é possivel determinar com precisão o ano em que foi sulcado pela primeira vez, por pés portugueses. Sabe-se, entretanto, que muito antes da conquista portuguesa alí habitavam indios da nação Cariri, aliada, sem dúvida, da grande nação Janduí.

Os mais antigos documentos coloniais registram as escaramuças dos terços paulista, pisando terras vizinhas ás nossas, demonstrando que alí estiveram em luta com os indigenas.

Transcrevo aqui um trecho curioso em que se diz que em 1688 Carlos da Cunha e Manoel Rois de Sá, estiveram no Saco do Gado Brabo, lutando contra os indigenas. Que Saco do Gado Brabo é este? Só pode ser o Saco de João Rodrigues Ferreira de Melo.

O documento é explicito e insofismavel. Vejamos o que diz sobre Carlos da Cunha:

Em 688 ser provido no posto de Capitão de huma trapa q- hia p.a a Campanha do Rio Grande a impedir o danno q- fasia o gentio Barbaro, e na ocasião do saco (?) do Gado Brabo peleiar na vanguarda com grande valor athe opor em fugida com perda de m. tos mortos e feridos". (1).

E sobre Manoel Rois de Saá? Diz o seguinte: **"em 688 ser provido em Capitão da ordenança dos homens solteiros do Rio Grande, e acompanhar ao Capitão mor Manoel de Abreu Soarez na guerra que foi fazer ao gentio Barbaro do Assú, achandosse na peleja do lugar do saco do gado, em que se retirou o inimigo passando o Rio a nado, e marchando ao olho da Agoa, fortificandosse naquelle Citio, sahir a descubrir campo, ajudando a conduzir húa peça de artilharia e alguaz munições duaz legoaz de distançia, hindo ao depoiz do arrayal doz Piranbaz a encorporarse com os paullistaz, sustentandosse com raizes, e frutas agrestes", (2).**

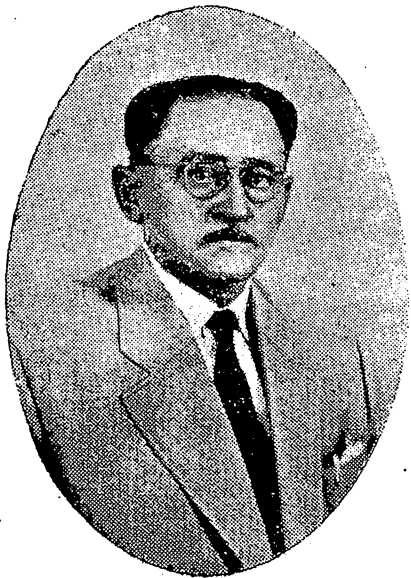
CAPELA DE S. JOÃO BATISTA, de Pendencias, vendo-se ao lado o Grupo Escolar

Esses documentos nada mais fazem do que confirmar a tradição oral de que Pendencias foi lugar de lutas, contendas, entre tribos em choque ou entre estas e os colonizadores.

Esta é a versão mais corrente e geralmente aceita pelos moradores mais antigos e bem informados. Há, contudo, uma segunda versão que não pode deixar de ser aceita, pelo menos até que apareçam provas que provem suficiêntemente o contrário.

E' a de que o nome Pendencias deriva-se de uma celebre questão de terras entre dois sesmeiros alí con finantes. De qualquer forma o que não resta a menor dúvida—é que o nome que batisa a nossa terra origina-se de lutas ou questões alí deflagradas na era colonial.

Esta afirmação se baseia: primeiro na antiguidade do proprio nome; segundo na tradição oral que não se perdeu conservando-se filmente até os nossos dias. Já lembrei em outro local que uma das provas de que Pendencias foi teatro de lutas e contendas entre tribos em choque ou entre estas e os colonizadores, está na conservação do nome CAMPO DE SANGUE, na Pendencia de Cima, onde se afirma ter havido grande mortandade de indios, em época recuada de nossa historia. — Não é possível, diante da escassez de documentos, mostrar cronologicamente os primeiros povoadores ou melhor diriamos os primeiros sesmeiros desse pequeno trato de terra.

Contudo, pode-se dizer que Pendencias, de acordo com a carta que publicamos atrás, (3) dirigida ao Coronel José de Borja Caminha Raposo da Camara, por um entendido na materia, pertenceu primitivamente ao Sargento-Mór, Pedro Borges Pacheco, que ao lado de 14 companheiros, requereu e obteve, em 1671, uma data de 50

PEDRO ALVES DE MEDEIROS, fazendeiro e agricultor

leguas de terra, do Ceará-Mirim à Ponta do Mél, pela costa e para o sul. Segundo o mesmo informante, "a data de Pendencias e Curralinho" foi obtida depois "pelo Navarro".

Quem era esse Navarro? Ignoro. (4) Os anos rodaram. Navarro desapareceu. E a data de Pendencias e Curralinho, que era no dizer do mesmo informante, de 1½ legua de comprido por outro tanto de largo, estava nos meiados do século passado completamente dividida, pertencendo a varios donos. Entre estes contava-se o português José Fernandes, comerciante e fazendeiro, no municipio de Macau, que tinha como procurador dos seus bens no sitio Pendencias, o brasileiro Felix Rodrigues Ferreira.

Em 1850 Pendencias já era provavelmente habitada, porque de 1861 é a construção da Casa Grande de Felix Rodrigues Ferreira. Quem foram os primeiros povoadores de Pendencias? Há uma tradição, confirmada pelos moradores mais antigos da Vila que indica como tais as seguintes pessoas, começando de cima para baixo:

Francisco Carlos Cabral, José Carlos e Francisco Tóca, no Alto da Pendencia de Cima; João Carlos (Pequenino) mais ou menos onde é hoje a casa do fi-
ION = 600
...stino Peixoto: sa contígua ao Tamarineiro ainda hoje existente em frente à Casa Grande; mais abaixo moravam, três irmãs moças, vindas do Mél, vivendo de uma pequena bodega e fiação; Manoel Gato, filho de Joaquim Gato, numa pequena casa localisada onde é hoje a casa da viuva de Luiz Gonzaga Bezerra Lima; nas imediações da casa de Servisio Fernandes, residia Quitéria Rocha, afamada tecedeira de redes. No Arraial morava José da Rocha, pobre e cheio de filhos. Foi este, segundo me diz Antonio Medeiros, o primeiro morador do Arraial. A sua casa era localisada ao poente da lagôa. Antonio Batista e Manoel José Cachorrinho tacador de rabéca, ao nascente da lagôa.

Ao poente desta moravam ainda Joaquim Gato e Maria Gato, filha deste. Este é o começo. Poucos fogos. Espalhados, distanciados, pauperrimos na sua quase totalidade. Pendencias era uma só mata, intransitavel, onde vicejavam pereiros, marmeleiros, juremeiras e caatingueiras, de parceria com xique-xiques, macambiras e facheiros. A sua fauna, variada e curiosa, distribuia-se entre porcos-do-mato, viados, emas, soriemas, tatús, etc.

As sussuaranas encruzilhavam as veredas semi-abertas e vez por outra a pintada espalhava pavor na redondeza, dizimando os chiqueiros, inquietando os moradores.

Essa situação, porém, tenderia sempre a mudar. Para isso contribuiria mais tarde não só a decadencia crescente de Oficinas, com o seu porto obstruido, motivando o desvio da estrada comercial para o lado direito do rio Açú, mas ainda a de novos habitantes descidos dos sertões para aqueles sitios apraziveis e uberrimos.

Por alí desciam, pois, os comboios do alto sertão, trazendo queijo, rapadura, algodão e carne seca no lombo dos burros, levando ao regressarem, das salinas do Moreira e do Espinheiro, o mesmo tanto de cargas de sal. Esse comercio pelo lado direito do rio Açú, data de muito tempo;

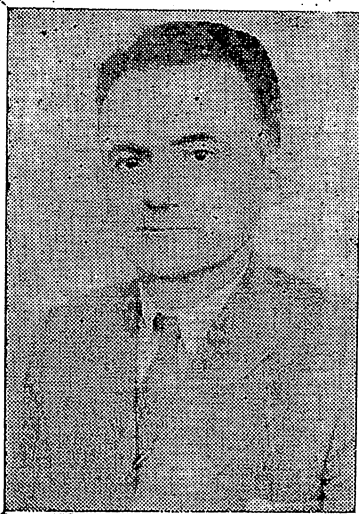
Grupo de senhorinhas, de Pendencias

mas só começou a intensificar-se de 1875 em diante, quando obstruido o porto de Oficinas, passou a ser feito pelo "porto do Coronel Jeronimo" e mais tarde, mais abaixo, pelo "porto do Carão". Pendencias deveria ser por esse tempo mata espessa e intranzitavel, com poucos fogos, ordinarios e pobres, distanciados pelo deserto e pela falta de comunicação. Em 1881 ainda era o "sitio Pendencias", conforme um tralado de escritura pública desse ano que tenho em mãos. Nesse ano, porém, já era maior o número de moradores. Manoel Alves Barbosa de Medeiros já era dono do sitio Cariri desde 1866, conforme me diz seu filho Antonio Medeiros.

O afluxo de pessoas de fóra era incessante e continuado, especialmente nos anos de sêca.

Para isso concorriam, sem dúvida, a uberdade do sólo, de excelentes vazantes, para o plantio de batata e de feijão, nos anos máos, assim como a proximidade das salinas de Macau que recrutavam em tempos escassos a maior parte dos trabalhadores da Varzea do Açú, dos sertões e dos brejos paraibanos.

Um motivo ainda favorecia essa corrida em busca do "sitio Pendencias", era ser ponto de descanço para os comboios em transito, estrada comercial, ligando o litoral e o sertão. O comercio do sal, por exemplo, e bem antigo nesse pequeno trecho de estrada, ligando Macau com o alto sertão Vejamos os documentos. Em 1814 a Camara da Vila Nova da Princeza em vereação de 8 de Janeiro do mesmo ano recebia as prestações de contas do

@PJL ENTER LANGUAGE=PCL

JOÃO DA ROCHA BEZERRA, comerciante e vereador

de Miranda, encarregado das salinas do nascente do Açú, Guamaré e Mangue Sêco e de Miguel Teotonio de Seixas, responsavel pelas salinas do poente, Amargozinho e Aroeiras. No mesmo ano era nomeado para as salinas do nascente, Joaquim Xavier Veloso. E para as do poente, isto é, Amargozinho, Aroeiras e Macau, Gregorio José Antunes. (5)

Pelas notas acima é facil evidenciar que o comercio do sal feito através da estrada que passava no sitio Pendencias, era bastante antigo, não se podendo, entretanto, determinar quando teve inicio. Em 1814 já existia, mantendo esta região em permanente contato com o alto sertão.

Data daí a vinda de algumas familias sertanejas para cá, guardando a tradição o nome de algumas que aqui ficaram, radicando-se ao meio para não mais voltarem ao seu torrão natal. Entre estas convem destacar a de João de Melo, natural de S. Miguel de Jucurutú, que descendo mais ou menos em 1820, fixou-se na Bôa Vista, onde viveu e morreu, deixando descendencia. Dessa época é também o português Manoel Rodrigues Ferreira, residente na Bôa Vista, e tronco da numerosa Familia Rodrigues Ferreira que deu o fundador desta Vila, Felix Rodrigues Ferreira.

Nos meiados do século passado, como já dissemos acima, era Pendencias, uma fazenda de gado. Poucas casas, dispersas, ordinarias e pobres. Entre os moradores destacava-se pelos processos de trabalho, de economia instintivas, de organização, aquele que assentaria mais tarde os fundamentos da futura povoação: Felix Rodrigues Ferreira. Filho do português Manoel Rodrigues Ferreira e da sua mulher Isabel Rodrigues Ferreira, nasceu na fazenda Bôa Vista, municipio de Macau, em 1820.

Habituado à vida simples e rude do campo, calejado nos serviços da vaqueirice, aceitou na pratica a vocação que herdara do berço.

Foi nesse mitér que deixou Bôa Vista, casado, para fixar-se em Pendências, na qualidade de vaqueiro e procurador do comerciante português José Fernandes, domiciliado em Macau. Residiu inicialmente numa casa de taipa e têlha, proxima ao Tamarineiro, construindo, depois, em 1861, a Casa Grande, a mais sólida e imponente da região, naqueles bons tempos do comboio e do carro de boi...

A Casa Grande, de Felix Rodrigues Ferreira, construida há quase um século, ainda hoje póde ser vista e admirada na sua imponencia e solidês. Conserva as mesmas caracteristicas dos seus primeiros dias, apresentando, embora, ligeiras modificações. Entre estas destaco algumas de importancia capital para o estudo do homem que a idealizou como da sociedade em que viveu, trabalhou e prosperou.

A CASA GRANDE era conhecida como tal em toda a redondeza. Conversando com os velhos moradores da terra, todos confirmam a denominação primitiva. Hoje está reduzida. Desapareceram os "quartos" das escravas e a "senzala" dos negros. O "altar" feito em alvenaria, onde anualmente se realizava a grande festa de São João, foi destruido, depois, por um herdeiro do santo varão, para dar lugar a uma taverna de bebidas e molhados que pouco tempo durou.

Os dois "telheiros" leterais foram transformados em duas bexigas de boi (armazens estreitissimos) para servirem de depositos de velharias imprestaveis e inuteis.

Os "bancos" de alvenaria que serviam de assento, no alpendre, a picarêta demoliu. A "cozinha" ia além da que hoje existe, tendo sido recuada por motivos que ignoro.

Os "tornos de madeira", servindo de cabide, quer na sala, quer no alpendre e nos quais se dependuravam as sélas e os arreios, foram arrancados e jogados ao fogo...

A "estribaria" e a "casa de farinha", ambas distantes poucas braças da Casa Grande são apenas motivo de recordação e de orgulho. Os "currais" igualmente, não mais existem, senão na lembrança dos coévos. Resta, porém, a Casa Grande, alta, possante, parêdes grossas, derramada em quatro aguas, acolhedora e indestrutivel. E' o marco inicial do progresso e do desenvolvimento local.

Das quatro parêdes da Casa Grande partiu o primeiro grito de fé através

Cecilia Maria de Oliveira, ex-escrava de Filix Rodrigues Ferreira. Quando viva, recordava sempre com os "olhos cheios dagua", os "senhores" da Casa Grande.

Vista da parte central da Capela de S. João Batista, edificada em 1895. Os dois corredores e a torre foram construidos recentemente.

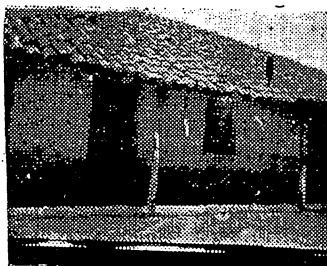
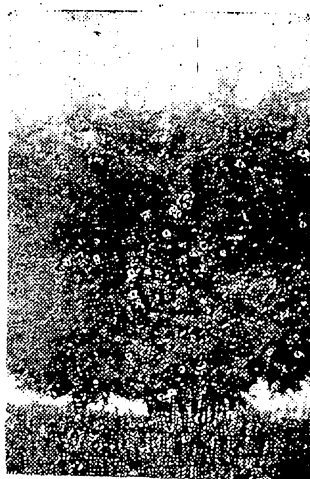
das novenas de São João, alí realizadas anualmente, como partiu mais tarde a primeira manifestação de esfôrço, de desprendimento e de coragem para localizar o terreno onde seriam levantados os primeiros fundamentos da povoação. Senão vejamos.

Em 1895, quando o Padre Francisco de Assis e Albuquerque sugeriu a ideia da construção de um templo para melhor administrar os serviços da religião, foi no senhor da Casa Grande que encontrou o mais franco e decidido apoio. Apoio que se transformou depois na mais completa dedicação. Pois segundo me diz o Mons. Assis em carta publicada paginas atrás, foi tal a dedicação de Felix Rodrigues Ferreira e do seu filho João Macário Rodrigues Ferreira nos serviços de construção da Capela que pode-se dizer foram eles os verdadeiros construtores do templo sagrado. Isto sem falar na doação do terreno do patrimonio de São João Batista, feita por Felix Rodrigues Ferreira, como na doação da "Casa de São João", feita, em morte deste, por sua mulher Maria Rodrigues Ferreira de Melo (D. Cóta).

Em 1895, quando iniciou-se o serviço da Capela já era regular o numero de casas, estendidas entre a Pendencia de Cima e a Pendencia de Baixo. Numerosas, sim, mas dispersas, desordenadas, sem simetria, sem alinhamento. Nada lhe faltaria para um miseravel arraial de bugres. A construção da Capela, porém evi-

tou aquele disperdicio de energias, aquele malbaratar de rpidões, fixando geograficamente a população e concentrando-a em tôrno de um objetivo comum: a constituição da "rua". Com o alinhamento das primeiras casas para formação da primeira "rua" perdeu certamente o movimento geral de construções que se iniciava desordenadamente em toda a área compreendida entre a Pendencia de Cima e a Pendencia de Baixo. Em compensação, ganhou a povoação em estética e simetria, adquirindo mais tarde os fóros de "povoação" e finalmente de "Vila". Há, entretanto, uma questão a levantar. Quem construiu as primeiras casas da "rua"?

E qual foi a primeira "rua"? Tomé da Rocha Bezerra que me orienta nessas indagações, informa: a primeira casa da "rua", propriamente dita, foi construida pelo prático da Barra de Macau, Antonio Batista, em 1893. Era de taipa e têlha e ficava mais ou menos onde é hoje a Casa de São João. Voltando a Macau, Antonio Batista vendeu-a a Felix Rodrigues Ferreira que a deu depois a Tomé da Rocha Bezerra para morar. A segunda foi construida por José Virgolino de Souza, (Cazuza Virgolino) no local onde móra atualmente d. Cecilia Lourenço.

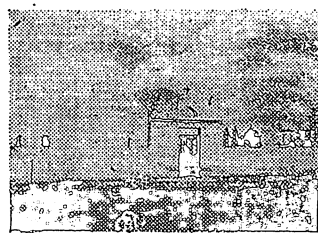
A terceira, construida por José Cobrim, no lugar da casa de Sevéro Honorio de Melo. Quarta e quinta, construidas por Tristão Cisneiro de Góis, a mandado do comerciante Raimundo Nonato Cavalcanti, alta comerciante em Macau, para estabelecer-se com loja de tecidos, calçados, chapéus e miudezas.

Vista da parte central da Casa Grande, de Felix Rodrigues Ferreira, construida em 1861

Tamarineiro de Felix Rodrigues, plantado pela sua primeira esposa, junto à primitiva casa de morada. Ainda vive, frondoso e imponente, sacudindo os galhos para o céu.

Dirigiu os trabalhos da construção, Tomé da Rocha Bezerra. Ficavam no local onde morou Firmo Fernandes.

Sexta e setima, construidas por Manoel Lagôa, mais ou menos onde moravam Luiz Paulo e José Lucas. Oitava, por Antonio Medeiros, no local da casa de Manoel André Rodrigues de Almeida Todas essas casas ficavam localizadas no "Quadro de São João", como ainda hoje. Assim começaram as "duas primeiras ruas" de Pendencias.

Começaram em forma de L. Igualsinho como se verifica hoje. Construções ordinarias, de taipa e têlha, baixas, cheias de biqueiras mesmo assim reagindo contra o espirito de desordem, incaracteristico, que predominou até 1892. Em 1899, Manoel Rodrigues Ferreira, (o terceiro) e o seu gênro Odorico Rodrigues Ferreira constroem as duas "Casas do Alto", incontestavelmente, as melhores da "rua", até aquela data. Em 1901 há um sôpro renovador na paisagem arquitectonica do povoado. E Tristão Cisneiro de Góis constroe uma casa para residencia e negocio, de acôrdo com os modelos mais em vóga no Recife.

Ainda hoje pode ser vista sem desdouro para o seu antigo dono.

Fóra da "rua", porém, havia, antes disso, algumas casas de alvenaria, como por exemplo, a de Manoel Alves Barbosa de Medeiros no sitio Carirí, construida em 1880, a Casa Grande de Felix Rodrigues Ferreira, construida em 1861, e a de José Carlos de Maria, na Pendencia de Cima, levantada em 1882, pertencente hoje a Manoel Paulino Pinheiro. Nessa última funcionou, por mais de uma vez, mêsa eleitoral, assistida pelo chefe politico do Municipio, Joaquim Rodrigues Ferreira. Alí celebravam-se missas, depois das tradicionais noites de novena. O tempo e a falta de conservação reduziram-na quasi ao estado em que aparece hoje. A Capela de São João Batista de Pendencias foi construida em 1895. Gravada na soleira da porta principal, lia-se até 1941, quando construiram a Torre, esta curiosa e original inscrição: — "Esta Hobra foi edificada em 1895". Como foi edificada a Capéla? Eis uma pergunta que me-

Cemiterio Publico, de Pendencias, construido por Manoel Alves Barbosa de Medeiros.

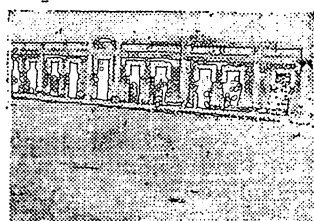
rece ser esclarecida. Com dinheiro de quem?

Muito antes da edificação da Capela já Felix Rodrigues Ferreira, proprietario, fazendeiro, Senhor da Casa Grande mandou fazer o "Quarto dos Santos", com altar de alvenaria, celebrando anualmente a festa do Santo protetor da familia, das propriedades e fazendas, com novenas, missas, foguetões e fogos do ar, tiro de roqueira, vaquejadas, animação. Alí reunia, todos os anos, gente de Macau e do Açú, da Varzea, dos arredores, das fazendas vizinhas, assistentes espontaneos e convidados, vaqueirama numerosa e expedita, gente de prol ao lado do povo humilde e bom.

O Santo possuia gado, dinheiro, em mãos do seu modesto e piedoso devoto. O dinheiro provinha de dadivas, feitas em paga de favores, obtidos por intermedio do Santo. O gado era o resultado de doações feitas por fazendeiros da região, inclusive as do proprio Felix Rodrigues e do seu filho João Macário Rodrigues Ferreira.

A construção da Capéla, pois, seria mais cêdo ou mais tarde. Só dependeria de oportunidade. A idéia vivia latente. A nomeação do santo Padre Francisco de Assis e Albuquerque para a freguezia de Macau, em 1892, veiu solucionar definitivamente o caso. De fato. Alí chegando sugeriu a idéia, sendo por todos aceita com as mais positivas demonstrações de simpatia e solidariedade. Felix Rodrigues Ferreira fez, sem delongas, doação de cincoenta braças de terra para constituição do patrimonio de São João na intenção de "auxiliar as despesas de guizamento da Capéla com os fóros dos moradores". (Palavras textuais do Monsenhor Francisco de Assis e Albuquerque, em carta que me foi dirigida. Arranjado o terreno, urgia promover os meios para construção do pequeno templo. E' logo feita uma bolsa entre os moradores da região, colhendo bons resultados. Iniciam-se assim os trabalhos e quando estes estavam relativamente adiantados, eis que o dinheiro se acaba, pondo em cheque o nome do principal interessado e administrador do serviço: Felix Rodrigues Ferreira. E' quando este se dispõe a concluir os trabalhos da Capéla por qualquer preço, mandando atacar os serviços por sua conta. Informações colhidas entre pessoas antigas, estranhas totalmente à familia do fundador, dizem que a sua contribuição elevou-se a cerca de quatorze contos de reis (moéda do tempo).

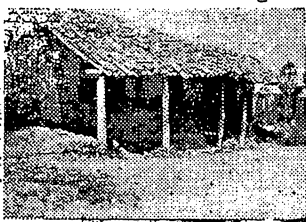
Corroborando essa asertiva, afirma Tristão Cisneiro de Góis, que só a herança de João Macário Rodrigues Ferreira, no valor de sete contos, 7.000$000, foi integralmente aplicada nos serviços da Capéla. Monsenhor Francisco de Assis e

Albuquerque, consultado a respeito, não destôa desse ponto de vista, quando diz, falando de Felix Rodrigues Ferreira e seu filho João Macário: — "Os dois tomaram a peito a construção da Capéla e todos os outros que os auxiliaram ficaram muito aquem de seus esforços". Em carta de 30 de setembro de 1944 que me dirigiu o macauense Monsenhor José Tiburcio, respondendo uma consulta que fiz por seu intermedio ao Monsenhor Assis, responde categoricamente: — "Quanto ao concurso de Felix e João Macário para a construção da Capéla lembra-se que foi o mais positivo; quasi que se pode dizer que foram eles dois que a fizeram, pois os demais concorreram com poucos auxilios".

Mercado Publico, de Pendencias, construido por Luiz Gonzaga Bezerra Lima, em 1925.

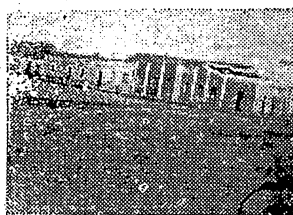
Não há nessas ligeiras referencias nenhum intuito de obscurecer a contribuição modesta, mas, certamente, de bôa vontade, de todos aqueles que se solidarisaram moral e financeiramente para levantar a Capéla de São João Batista de Pendencias. O que sinceriamente nos anima é dar a Felix Rodrigues Ferreira e ao seu filho João Macário, o lugar que realmente merecem na fundação de Pendencias. Alcançado este desideratum, passemos adiante.

Quem abriu a inscrição acima trascrita na pedra da porta principal da Capéla? Foi o pedreiro João Martins, ás vistas do proprio Felix Rodrigues, no alpendre da Casa Grande.

E a pedra fundamental quando foi sentada? No dia 7 de janeiro de 1895, ao som de musica e fogos do ar. Deveria ter sido no dia 6. Mas a missa de Reis, em Macau e ao mesmo tempo, no Rosario, proximo de Pendencias, fez adiar o assentamento da Pedra principal para o dia sete de Janeiro. Alguns informantes dão como oficiante nas cerimonias do dia 7, um Padre Marcelino. Mas em 1895 o Vigario de Macau era o Padre Francisco de Assis e Albuquerque. Padre Marcelino seria o Vigario do Açú que depois da festa do Rosario foi proceder as cerimonias liturgicas da pedra? Algumas pessôas a quem recorri me disseram que depois da festa do Rosario o povo foi para a festa de Pendencias...

O altar-mór, segundo notas em meu poder, só foi construido depois do falecimento de Felix Rodrigues, isto é, depois de 10 de ju-

Casa de Manoel Alves Barbosa de Medeiros, no sitio Cariri.

nho de 1898, com dinheiro deixado por ele para esse fim. A mão de obra deve-se a João Gaspar e elevou-se a um conto de réis...

(1.000$000). A "Casa de São João" foi igualmente construida quando Felix já era morto, a mandado da sua esposa, Maria Joaquina Rodrigues de Mélo. O vulto pequeno de São João pertenceu á primeira esposa de Felix, Joana Rodrigues Ferreira, o qual foi doado á Capéla por promessa do fundador. A sua transferencia da Casa Grande para a Capéla só se deu no dia 25 de janeiro de 1899, quando já estava pronto o altar-mór. Felix já não existia. Oficiou a entronização da Imagem, o Padre Vicente Giffoni, italiano. O vulto grande de São João foi oferecido á Capéla por João Rodrigues Ferreira de Mélo quando era Vigario o Padre Joaquim Honorio da Silveira. A Imagem do Coração de Jesus foi adquirida com esmolas arrecadadas entre as senhoras do povoado. Nessa ligeira resenha sobre a Capéla que hoje completa cincoenta anos (7 de janeiro de 1945), injustiça seria deixar de mencionar as mãos humildes e generosas dos irmãos João e Manoel Gaspar, de João Cândido, seu primeiro sacristão, do negro Luiz, antigo escravo do português José Gomes de Amorim, e de Manoel Rodrigues Ferreira Sobrinho, (Manéco Rodrigues) e tantos outros que já entregaram suas almas a Deus pelo máu ou pelo bem que fizeram neste vale de lágrimas...

Vista da primeira "rua", de Pendencias, atualmente modificada.

AS PRIMEIRAS SALINAS DE MACAU

MANOEL GONÇALVES DE OLIVEIRA

Há cento e quarenta e quatro anos quando aqui talvez existissem poucas casas, já recebia o Rio Grande do Norte veemente apêlo do Principe Regente, do Rio de Janeiro, no sentido de ampliar e modernizar as suas salinas para que pudessem fabricar um produto melhor e abastecer com suficiência, os mercados do Sul.

O apêlo a que me refiro foi dirigido a Caetano Pinde de Miranda Montenegro Governador e Capitão General da Capitania de Pernambuco, em data de 7 de Setembro do ano de 1808. Recomendava o Principe Regente que, devido a falta de sal nos mercados do Sul, em consequência de haver cessado a correspondencia entre o Reino de Portugal e o Brasil, fizesse promover a extração do sal de todos os terrenos de marinha encravados em Itamaracá, no Estado de Pernambuco, e no Assú no Estado do Rio Grande do Norte.

Segundo informações dos antigos, que aliás merecem fé, as salinas que se diziam situadas no Municipio do Assú, ficavam ámargem direita do rio do mesmo nome, junto do Porto do Carão, pertencentes ,portanto, ao Municipio de Macau que naquela época, não podia figurar o seu nome nos anais da historia porque era termo de Princêza (Assú), pertencente ao Municipio de Angicos.

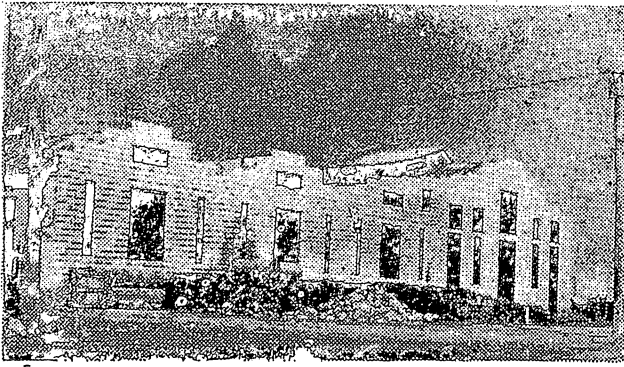
Para que não venha eu, no futuro, assumir a responsabilidade sosinho do assunto, vou transcrever a seguir o documento em que estou baseado:

"Carta Regia de 7 de Setembro de 1808".

Manuscrito autêntico".

"Caetano Pinto de Miranda Montenegro, do meu Conselho, Governador e Capitão General da Capitania de Pernambuco".

"O Principe Regente vos envia muito saudar".

"Sendo-me presente a falta de sal que pode experimentar nos meus Dominios do Brasil, por haver cessado a correspondencia entre o meu Reino de Portugal e este Estado, e querendo atalhar as consequencias nocivas que da falta de um genero tão necessario podem vir aos meus fieis vassalos: sou servido ordenar-vos que façais promover a extração do sal das Marinhas dessa Capitania, da de Itamaracá e Assú no Rio Grande do Norte, animando os povos ao aproveitamento de todas as salinas naturais que oferecer o terreno, ficando o dito genero livre de toda imposição não obstante o dispositivo do Alvará de 24 de Abril de 1802: e que sendo compra-

Uzina de Beneficiamento de sal, pertencente à Companhia Comercio e Navegação

do pelos preços mais comodos que as atuais circunstancias permitirem, escolhendo-se sempre o sal de melhor qualidade, o remetais por conta da minha Real Fazenda para esta cidade, Ilha de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, deixando ao vosso arbitrio todas as providencias que vos parecerem proprias ao fornecimento do dito genero, assim para o consumo da terra, como data e mais Capitania, dirigindo ás Juntas da Fazenda competentes conhecimentos de recibo do dito genero, para ser pago aos carregadores na forma dos vossos avisos ao dito respeito: isto porem no caso de não haverem especuladores, por cuja conta se possam promover com abundancia estas Capitanias."

"Espero do zelo com que me servís façais exatamente cumprir quanto sobre este assunto hei por muito recomendado. Escrita no Palacio do Rio de Janeiro, aos 7 de Setembro de 1808. Do Principe para Caetano Pinto de Miranda Montenegro".

Como se vê, o mal já é velho. Vem o Rio Grande do Norte, principalmente Macau, recebendo apêlos dos nossos Governos ha mais de um seculo. Só nos exigem o esforço de produzir para abastecimento dos mercados do Sul e pagamento de fabulosas somas de impostos. Temos, felizmente, graças aos nossos denodados esforços, atendido a todos esses apêlos, inclusive o que nos foi feito em 1808 pelo Principe Regente e a prova evidente de que as nossas salinas evoluiram é que, hoje, em Macau, são situadas as maiores salinas do mundo, cujo produto não teme competições. O trabalho em Macau é intenso: embora que procurando resolver as dificuldades que geralmente se nos apresentam, dadas as condições precarias em que se encontra o nosso porto, temos conseguido, com os nossos proprios recursos, elevar o nome do nosso Municipio, que é hoje sem fazer favor, o maior produtor e exportador de sal do Brasil. Aqui, trabalham anualmente em nossas salinas e no tráfego do pôrto cerca de 3.600 operarios, cuja dedicação e amor ao trabalho são dignos dos nossos melhores elogios.

Infelizmente, os nossos apêlos não têm sido correspondidos; pois ha longos anos que vimos pedindo o nosso pôrto, estradas de ferro e de rodagem, colegio, banco e hospital e nada conseguimos até hoje.

Queira Deus que os nossos homens publicos de hoje, olhando com mais justiça o nosso passado e o presente, que nos orgulham nos dêem pelo menos alguma coisa no futuro.

VICENTE BARBOSA, gerente da S. A. Industrias Reunidas F. Matarazzo

ARQUIVO

Em 1896 o Padre Francisco de Assis e Albuquerque, despedindo-se dos seus paroquianos de Macau, escrevia as seguintes palavras:

"Minha despedida aos paroquianos de Macau".

Não corresponderia certamente, á sinceridade dos sentimentos, que sei albergar em meu peito, modelado ao crisol do reconhecimento, se deixasse ao ólvido eterno ou tão somente ao conhecimento das fibras íntimas, a expressão de minha leal gratidão ao povo amigo da freguezia de Macau, donde me acabo de distanciar.

Ministro de um Deus onipotente, para alí fui designado, em seus conselhos inexcrutáveis, afim de assumir o oneroso encargo de Pastor das almas, e com todo o afeto convosco comunguei da fruição de vossos gozos e dos transes de vosso sofrer: não pertencendo a nenhum de vós pelos liames do parentesco, todos me possuísteis pelos doces atilhos da amisade e da gratidão.

As primícias todas da minha vida sacerdotal, (com o mais justo entusiasmo o digo), colhi-as com abundosa sementeira de bençãos, devidas a paternal custódia do Divino Mestre e, á solícita cooperação de vossa parte: 3 anos — 8 meses e 3 dias entre vós consubstanciam o mais honroso laurel, que atesta a minha maior conquista.

No entretanto por fôrça de compromisso augustíssimo contraído perante Deus no tremendo dia de minha ordenação, reclamando o Seminario Episcopal do limitado esforço de minhas energias, para aqui fui chamado pelo digno Prelado Diocesano, conservando indeléveis as saudosas recordações de vossa filial benevolencia: no remanso de meu humilde cubículo sempre e sempre faço meus ardentes votos à Virgem Santíssima pela vossa prosperidade.

. Fazendo minhas sinceras despedidas a todos que compunham meu primeiro redil em J. C., oferecendo sem exceção os meus fracos serviços nesta Capital, cumpre-me agradecer mais particularmente áquelas pessôas que mais coadjuvaram no desempenho de minhas sagradas funções paroquiais, e bem assim a todas as exmas. familias que me dispensaram os testemunhos de sua estima e consideração, devendo notar a do Ilmo. Sr. Dr. João Carneiro, Tte-Cel. Francisco Tertuliano Albuquerque, Major Manoel Lopes Ribeiro, Tte-Cel. Joaquim Virgolino, Dr. Fábio Cabral de Oliveira, Antônio Alves da Silva, Tomé Leite, José Alves da Silva, Francisco Frazão de Paula, Eufrásio Alves de Oliveira, Antonio de Morais Barreto, Liberal Moreira Vidal, Genuino Barbalho, João Henriques de Oliveira, Manoel Domingos, Tte.-Cel. Joaquim Rodrigues, Felix Rodrigues de Melo, (1) João Macário, Manoel Maria da Apresentação Filho, José Jovêncio da Rocha, José Freire de Souza, Manoel Aprígio de Souza, José Antônio de Souza, Laurenio Antonio Campielo Maresco, Zacarias Ferreira das Neves, Luiz de Souza Miranda, Emidio Avelino, Feliciano Ferreira Tetéu, Pedro Bernades de Souza e Manoel Joaquim de Souza Miranda; a todos que me distinguiram com a honrosa deferência de ser paraninfo de seus caros filhos; e finalmente a todos, ricos e pobres, nobres e plebeus um estreito amplexo.

Paraíba, agosto de 1896.

Padre Francisco de Assis e Albuquerque.

(1) Felix Rodrigues Ferreira, fundador de Pendencias.

MANOEL CASADO DA SILVA, gerente da Companhia Comercio e Navegação

VELHAS ESPERANÇAS

LUIZ XAVIER

Quando cheguei a Macau, pela primeira vez, no dia 13 de julho de 1917, para trabalhar, como empregado, na casa comercial de José Fernandes de Oliveira, uma das principais firmas locais, naquêle tempo, o seu porto interno já não oferecia, como dantes, acesso facil aos navios de grande calado, pelo assoriamento continuado do rio e da sua barra.

Por outro lado, a cidade perdera já aquele florescente comércio que mantinha com os Mercados do sertão do interior do Estado, e que se estendia a toda a zona do Seridó, inclusive cidades do Ceará e da Paraíba, graças às facilidades de transporte que sobrevieram em favor de outros centros abastecedores, desviando para eles esse comercio, enquanto que para Macau se foi tornando cada vez mais dificil.

Nesse desvio do intercambio comercial sertanejo, de Macau para outras praças, angustiando-lhe e reduzindo-lhe a capacidade exportadora, até extingui-la completamente, teve parte preponderante, tambem, o surto de precipitado progresso, que a Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte, hoje Sampaio Correia, imprimiu ao comercio do povoado, depois Vila e afinal cidade de Lages, atualmente cidade de Itaretama, em decadencia.

Como soe acontecer com certas localidades visitadas temporariamente pelo progresso, em consequencia dos serviços e beneficios resultantes da construção de uma linha ferrea, rasgando e civilizando sertões, Lages constituiu-se, naquêles dias, um meio comercial de rítimo acelerado e ponto de convergencia da oferta e procura de todos os pequenos mercados circunsvisinhos, arrebatando a Macau até mesmo o de uma parte da

Varzea do Açu, em grande parcéla desviado também para Mossoró.

E mesmo que esse comércio, assim naturalmente transferido de Macau para Lages, se tenha por sua vez, posteriormente, encaminhado para outros meios, Macau é que não o reconquistou, perdendo-o definitivamente, como já perdera o do sertão mais distante, condenado, como ficou, até agora, a precarios meios de transporte.

O Governo Federal promovera, aliás, a construção de uma estrada de rodagem, ligando esta à visinha cidade de Açu, mas infelizmente o traçado respectivo, segundo se sabe, ressentia-se do gravissimo erro de atavessar os terrenos da Varzea, sujeitos a grandes inundações, em vez de aproveitar as terras altas do taboleiro margeando o rio, à direita.

Dizia-se até que o primeiro engenheiro-chefe mandado iniciar os serviços déra antes parecer desfavoravel, em memórial que fizera ao Ministro, sugerindo novo traçado, ao que teve resposta mais politica do que patriotica, ordenando se fizesse a estrada pelo traçado já estabelecido.

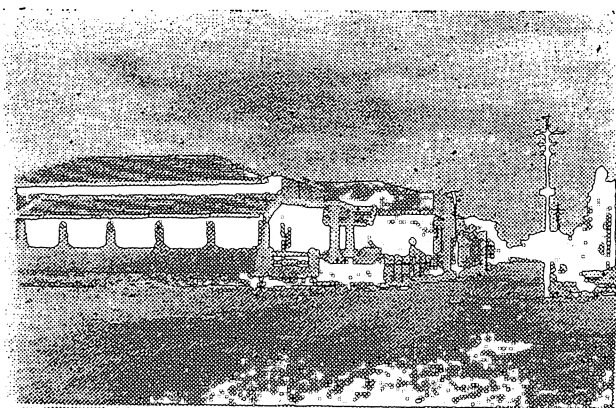
A' intenção honesta desse engenheiro coube, portanto, o dever profissional de demitir-se da comissão, e deixar que os dinheiros da União fossem aplicados inutilmente na construção da celebre estrada, que as enchentes de 1917 destruiram, antes mesmo de ficar concluida.

De modo que a partir dos fins do referido ano invernoso, a turma de engenheiros que ainda permanecia em Macáu, tinha apenas por finalidade consumir uns restos de verba, invariavelmente pagos em ordens telegraficas, por intermedio do então correspondente bancario José Fernandes de Oliveira, e testemunhar a insuficiencia da técnica humana, ante a ação destruidôra das aguas à mercê de cuja correntesa e volume, fôra como que executado impreterivel mandado de despêjo pelas forças superiores da Naturesa.

Os que então aquí viviam, entregues à labuta cotidiana da indústria extrativa do sal, — a vida própria do Municipio, — ou à faina de um comércio já circunscrito à medida do consumo local, como ainda hoje, tinham as suas esperanças fixadas na possivel melhoria do seu porto maritimo e na Estrada de Ferro, confiando que para breve se concluiriam os serviços da construção do ramal — LAGES—MACAU.

E' de notar que não se pedia a construção de um pôrto, mas um serviço de dragagem que viesse em parte solucionar o assunto do transporte, facilitando aos navios o acesso ao ancoradouro interno, como fôra possivel antes, para receber e levar o seu sal aos mercados do sul, trazendo-lhe desses mercados os generos de sua vital necesidade de consumo, barateando-lhe o padrão de vida e evitando-lhe as desvantagens do pesado onus das despêsas forçadas, frente à concorrencia, na colocação do seu produto.

Municipio de possibilidades economicas proprias, assim necessitando e esperando apenas a cooperação dos governos e dos nossos políticos, Macau vem contribuindo para os cofres públicos, a titulo, se assim se pode dizer, de adiantamento obrigado, com somas de dinheiro relativamente fantasticas, ao passo que continúa sem pôrto, sem uma estrada de rodagem e sem linha ferrea.

Esta, aliás, depois de inaugurada a estação da visinha vila de Afonso Bezerra, já agora se nos apresenta como objetivo atingivel, e vem qual promessa cançada, arrastando-se em verbas es-

Vista da rua Augusto Severo, na entrada da cidade

O PORTO DE MACAU

WILSON WANDERLEY

Lamentavelmente, tem sido motivo para comentários, a dragagem do porto de Macáu, que, infelizmente, até hoje, nenhuma solução foi tomada pelos poderes competentes.

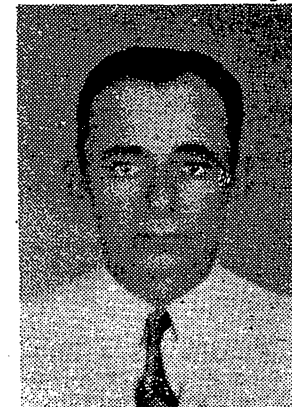
Não é possivel que êstes homens a quem jogámos à Câmara e ao Senado, não reconheçam que têm obrigações para com o pôvo e continuem deixando à margem, os profundos e principais problemas do Brasil, e muito especialmente do Rio Grande do Norte.

O serviço de dragagem do nosso porto é inadiavel, uma vez que, na situação precarissima em que se encontra, enormes prejuizos trará à nossa terra no que concerne a exportação do seu único produto — o sal, que, digamos de passagem, é o maior centro produtor de sal do Brasil.

Invés dos Senhores Deputados e Senadores estarem a discutir banalidades, degladiando-se como se fôssem féras, fugindo assim a ética parlamentar, como também, aos compromissos assumidos com o eleitorado brasileiro, deviam tratar com competencia e com verdadeiro espirito de objetividade, dos magnos e cruciantes problemas a que está a nossa Pátria a reclamar.

Quem teve a felicidade de conhecer, outrora, o nosso porto, jamais se conformará em vê-lo no estado em que está, com uma corôa em quasi tôda a extensão do seu leito, interceptando a navegabilidade das embarcações que fazem o transporte do sal para o Lamarão — fundeadouro dos navios, distante da cidade cêrca de nove milhas.

Sabemos perfeitamente que o deputado Aluisio Alves, muito tem trabalhado pelo nosso Estado, todavia, baseado naquele velho proverbio, podemos dizer que: "uma andorinha só não faz verão". Por mais bôa vontade que tenha o deputado Aluisio Alves, os problemas principais do Rio Grande do Norte não poderão ser resolvidos, por que, para isso faltam o auxilio e a colaboração dos seus colegas, e não havendo cooperação de tôdos, fica, como tem ficado até hoje, em promessas, para as campanhas eleitorais. Por êsse motivo, aliás imperdoavel, é que o povo está desiludido, em verificar o desprendimento daqueles a quem, com a maior bôa vontade, elegemos para trabalhar pelo engrandecimento do Brasil, nada fazerem, nada produzirem, decepcionando assim, como já disse acima, o eleitorado brasileiro.

Mas, desafiando tôda essa falta de justiça e de uma dívida assumida e que somente realizando poderá ser paga, está a Companhia Comercio e Navegação, com o incentivo direto do Snr. Paulo Ferraz, môço trabalhador e inteligente, que, segundo sabemos, levará a efeito, que chova quer faça sol, a dragagem do nosso porto, bem assim, a construção da maior salina do mundo, para o engrandecimento e orgulho de nossa terra, e servirá de exemplo para aqueles que tão bem souberam enganar a sua gente.

LUIS DE FRANÇA BEZERRA, fiscal de Rendas Estaduais

LEONCIO MIRANDA, agente do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciarios

cassas, demandando o ponto terminal do ramal.

Por isso é que Macau o maior centro produtor de sal, no País, esta circunstância, que lhe tem permitido viver por si mesmo, imprime à cidade séde do Município uma expressão risonha de cidade rica, cuja prosperidade, em ritmo lento mas seguro, se tem feito à custa da iniciativa particular.

Carece apenas que lhe deem vias de comunicação, possibilitando-lhe o intercambio regular com os mercados do sul, que lhe penetrem as pórtas os trilhos de aço, ao silvo das locomotivas fumegantes e lhe construam rodovias, permitindo-lhe a conquista, por terra,, do comercio de outros centros, para abastece-los com o seu precioso sal e ser por eles abastecida dos demais produtos do seu consumo.

São estas as esperanças que Macau alimenta, numa ancia e numa paciência quasi secular.

E quem dirá que o mais de que necessita, em relação ao progresso de que se sente capaz, em todos os setores, não poderá vir depois, pelo imperativo dos acontecimentos, no estímulo da concorrencia, entre atividades multiplas, até a completa solução de todos os seus problemas?

Mercado Público da Cidade, num dos seus dias de feira

UM POUCO DA HISTORIA DO SAL

Publicando-se êste número de BÔDAS DE OURO em edição especial dedicada ao Monsenhor Honório, apraz-me aproveitando tão bôa oportunidade, cooperar, modestamente embora, para um fim tão util quanto proveitoso áquela terra, senão com coisa melhor, ao menos com a minha bôa vontade que se traduz nesta despretenciosa colaboração.

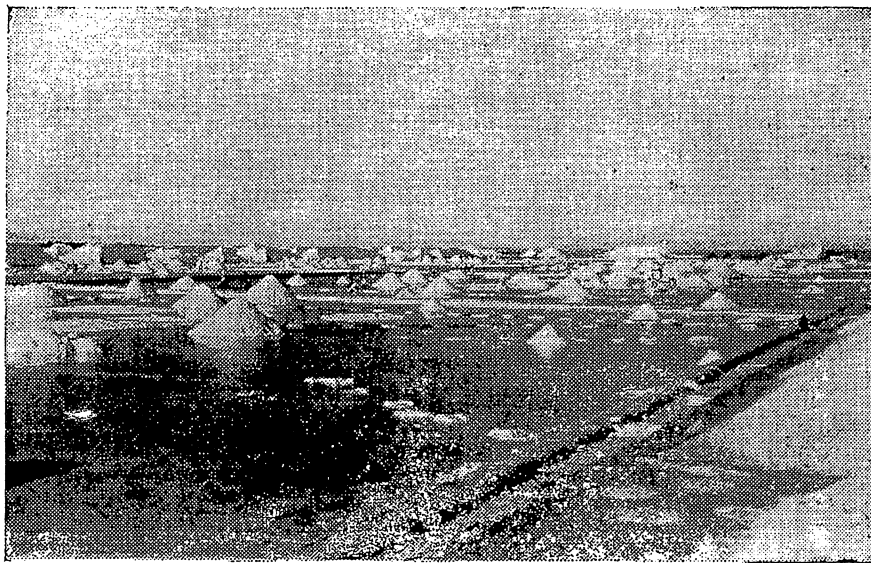
Não se me oferece melhor ocasião de falar de sua importante industria do sal, do que esta e, assim, é dela que tratarei. De inicio, forçoso é confessar que, no assunto, não sou um profissional; mas dados os conhecimentos de que, a respeito, disponho, colhidos no decorrer de muitos anos ali, vividos, julgo-me suficientemente habilitado para explana-lo, tanto quanto preciso, no tocante à sua história e ao inicio de sua exploração industrial.

Data já de muito mais de seculo a extração do sal naquelas regiões, a qual teve como seus primeiros exploradores os habitantes da Ilha de Manoel Gonçalves, desaparecida há uns 127 anos mais ou menos, em sua maioria portuguêses pescadores e tiradores de sal, e disto viviam

A renda produzida pelo imposto de exportação que incide sobre o sal, constitue uma das principais fontes de receita do Estado.

Antigamente esse produto era sujeito ao pagamento de dez — 1, ou seja o dizimo.

Em 1808, bem conhecido era já, fora da então Provincia, o sal do Açu, que, em carta regia de 7 de setembro do referido ano, o Governador da Capitania de Pernambuco, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, era autorisado pelo Principe a promover a extração do sal das Marinhas dessa Capitania (referia-se a Pernambuco) da de Itamaracá e Açu no Rio Grande do Norte.

Com o correr dos tempos, à medida que o sal ia se tornando mais conhecido extra Provincia, e tendo bôa aceitação

Aspecto de uma das salinas de Macau, mostrando em primeiro plano o processo de escavação e lavagem do sal nos respectivos baldes, e em seguida, a trasladação deste para os aterros, onde jaz até a sua recondução para bordo dos navios

nos mercados consumidores, a indústria salifera ia tambem, se bem que lentamente, se desenvolvendo de modo muito animador.

Disseram-me pessôas de fé daquela terra que, quando era ainda permitida a cabotagem estrangeira, contavam-se muitas vezes, no porto interno de Macáu, 20 e mais navios à vela, estrangeiros, que iam alí fazer carregamento, completo, de sal para portos do País e até mesmo do exterior, sendo que alguns deles ficavam perdidos, como cheguei a ver dois: o **Cometa** e o **Larmonia**.

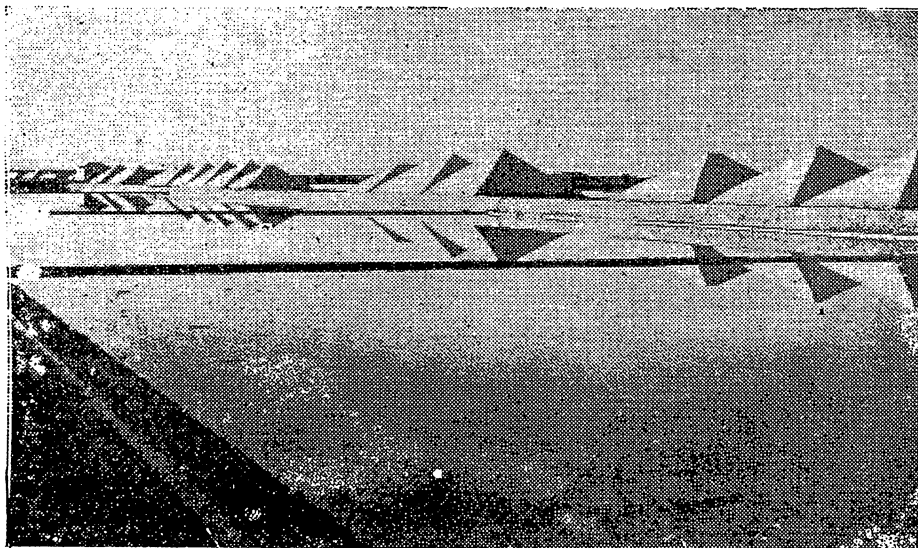
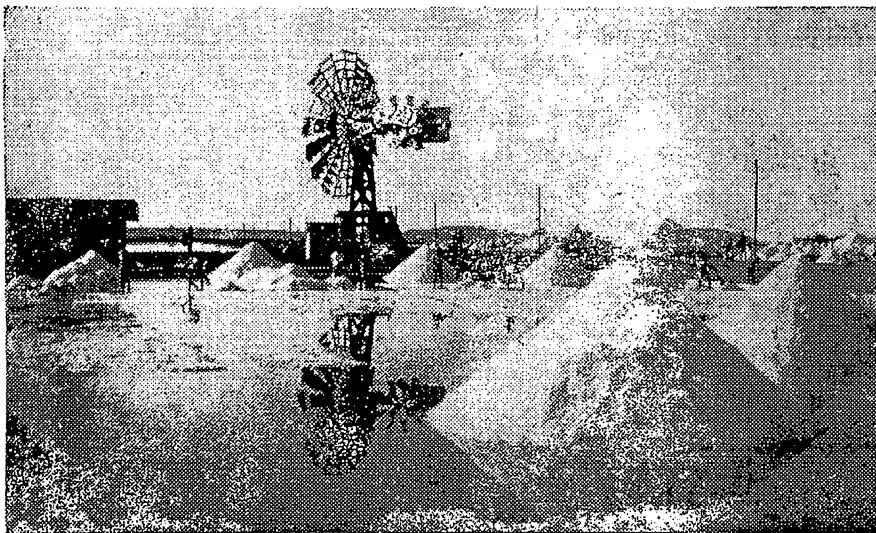
A proposito, vem a transcrição seguinte:

"A' presidencia do Rio Grande do Norte, aprovando a sua deliberação de permitir que os capitães D. Roque Alcina e D. Silvestre Marte carregassem sal, no porto de Macáu, nos navios Madroma e Dolores, conforme o disposto no art. 4.º do dec. n.º 2485 de 28 de setembro de 1859". Tal comunicação foi extraída do relatório do Ministério da Fazenda.

Proibida, por lei, a cabotagem estrangeira, deixaram consequentemente os navios de conduzir sal daquele porto, o que, como era de ver, trouxe o estarrecimento da indústria, de vez que, com êsse golpe, ficaram privados os interessados, no negócio, de exportar a mercadoria, e ser ainda muito limitado o consumo interno.

Foi, então, mais ou menos nesse tempo, nessa fase de agonia do salineiro, que organisando-se, no Rio de Janeiro, uma poderosa companhia denominada Companhia Nacional de Salinas Mossoró-Açu, dispondo de grandes capitais e alguns vapores, veio a Macáu um dos seus diretores e, por pouco mais ou nada, comprou alí varias salinas; e, para cumulo de maior desgraça, assim penso eu, obteve do Governo da União uma tal **Concessão Roma** que lhe dava direito de, só ela, dispor à sua vontade, de todos os terrenos de marinha alí encravados.

E aí! de quem se aventurasse a adquirir, por aforamento, um terreno para construir uma salina! Ela, dinheirosa, manejando com a arma da Concessão Roma, ia com unhas e dentes, em cima do futuro competidor e o estrangulava inevitavelmente. E ainda hoje adota-se o mesmissimo expediente.

Tamanhas dificuldades e embaraços creou essa Companhia e suas sucessoras aos pequenos salineiros, amparada, durante uns tantos anos, por um contrato mantido com o Estado, de que mais adeante me ocuparei, que deram logar ao dr. Rodolfo Frukim Lahmeyer, então proprietario ou interessado da salina **Lahmeyer**, privado de comerciar com sal, a seguir para o Aracatí, e, lá, em Forti-

Aspecto de uma Salina de Macau, mostrando o sal empilhado, nos aterros

Vista de uma Salina de Macau, apresentando o respectivo Moinho. A função do Moinho, nas Salinas, é puxar agua para os baldes, num constante processo de renovação do liquido alí preso

nho, no lugar denominado Canué, construir uma salina, cujo sal, não sendo sujeito a imposto por parte do Ceará, a pretexto de incrementar a indústria, estava lhe causando serias dores de cabeça.

Atemorisada com a competencia que já se fazia sentir, mandou um emissário seu comprar a salina em questão, e, isto feito, trancou-a, continuando só, sem esse competidor.

Ultimamente, porém, de alguns anos a esta parte, chegando-se à evidencia que a Concessão Roma caducara por motivos vários, entre os quais o de não cumprimento de umas tantas clausulas, a ela impostas, em virtude da Concessão, como seja entre outras, a da manutenção de um colégio naquela cidade, têmlhe aberto brecha... e assim é que, depois disto têm sido já construidas várias outras salinas, aumentando, portanto, o patrimonio particular do salineiro genuinamente macauense e também o do Estado que tem interesse no desenvolvimento da indústria salineira.

Para uma melhor e mais perfeita ampliação da história do sal no Rio Grande do Norte, pesa-me dize-lo, ás Companhias antecessoras, não todas, encontrando bôa vontade por parte dos respectivos governos, mantiveram com estes, durante anos, um contrato-forca, em virtude do qual elas contribuiam, mensalmente, para os cofres públicos estaduais com uma insignificante importancia, e isto lhes facultava exportar sal à vontade, enquanto que sôbre o salineiro particular pesava um imposto que ele em hipotese alguma, podia competir com elas, daí advindo a penuria extrema a que chegou, há anos passados, a indústria salifera, bem como os que dela se mantinham.

Coube então ao desembargador Joaquim Ferreira Chaves, no seu segundo governo, a glória, diga-se assim, de cortar, com a recisão do referido contrato, os tentaculos desse polvo; e, por esta forma, liberta a indústria, de novo esta reanimou-se, e eis que vai em franca prosperidade, mormente nestes últimos tempos com a valorização do produto.

As salinas de hoje, as melhores, as bem montadas, aparelhadas com maquinismos modernos: moinhos de vento muito possantes, motores e bombas centrifugas, tudo destinado á "pegad'agua", em nada se comparam às primitivas, desprovidas de todos estes elementos que são indispensáveis para um fabríco de sal em alta escala, compensador do grande capital empregado.

Na época da colheita empregam-se neste serviço milhares de homens que se não forem afeitos à lavagem do sal e bons "balaeiros", não dão conta do recado.

Quando, pela primeira vez cheguei a Macáu, a 25 de dezembro de 1900, lá existia um certo conjunto de aparelhos, compostos de turbinas, tubos, elevadores etc., instalados num grande barracão de madeira, coberto de telha, a que se dava o nome de uzina, e diziam-me que tudo aquilo era para a purificação do sal, sendo o conhecido e competente quimico dr. Francisco Gomes do Vale Miranda, o responsavel pelo beneficiamento do produto.

Escapa, porém, ao meu conhecimento a razão do insucesso do negocio, causador do fechamento e abandono dessa uzina.

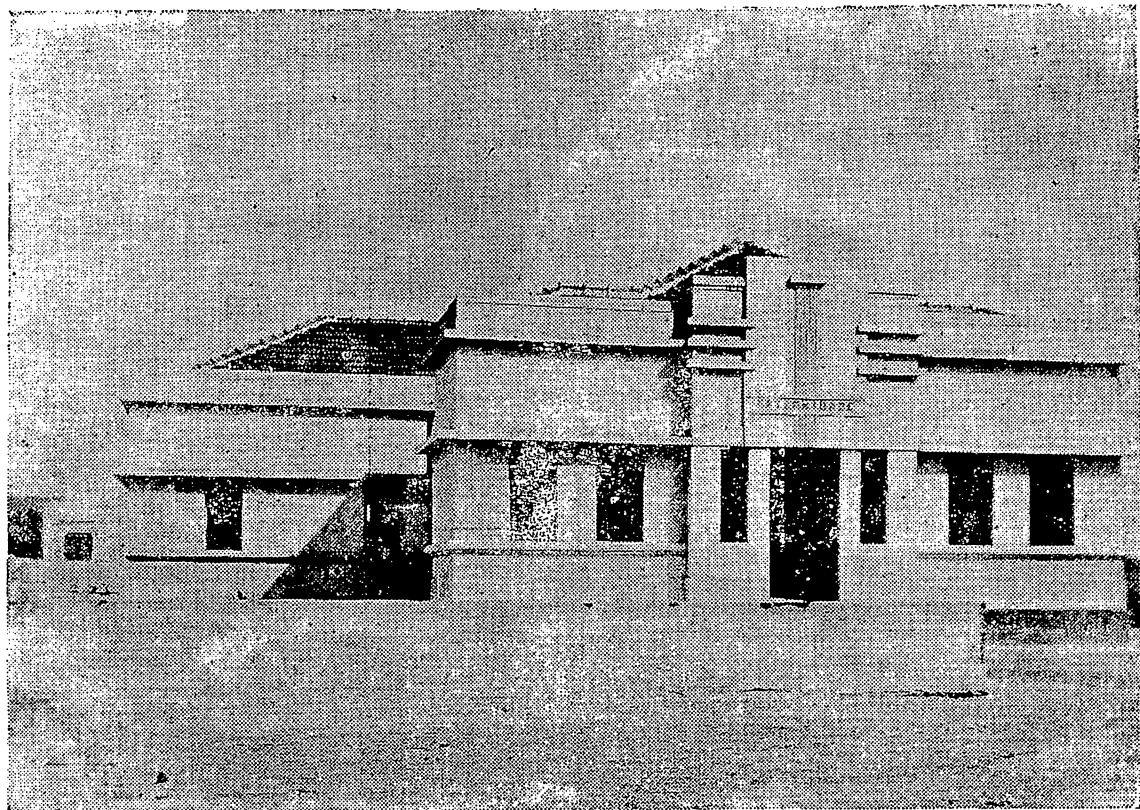
Anos depois a firma Pereira Carneiro Cia. Ltda., possuidora de salinas em Macáu, alí montou também uma uzina para identico fim, conseguindo do Governo do Estado certa bonificação no imposto de exportação do sal nela beneficiado.

De começo sei que, na verdade se fez alguma coisa no sentido de melhoralo- o mais possível por meio de lavagem: ignorando, porém, se ainda hoje se faz o mesmo.

E' sabido que o sal novo, colhido de pouco, tem um certo amargo e não se presta bem para a salga da carne, do peixe, preparo de conservas e outros fins culinarios.

Excetuando processo quimico, não se conhece meio melhor de purifica-lo do que o próprio tempo, e tanto é uma verdade que, de bôa fé não pode ser contestado, que o Governo do Estado, reconhecendo a sua razão de ser, creou uma lei, a que eu chamo de — protetora da industria — que proibe seja exportado o sal novo que tenha menos de um ano nos aterros ou depositos das salinas.

No meu modo de entender, é uma lei acertadissima que priva o produtor de sal, ganancioso, de vender aos consumidores uma mercadoria impropria, ainda impura que irá, na certa, lá fora, desa-

Vista de uma Salina de Macau, apresentando o Moinho, a Casa e o sal empilhado nos aterros

Edificio da Maternidade, construido no governo de João Fernandes de Melo

a conserva ou aquilo em que fôr empregado, como sei que já tem sucedido.

Vastos terrenos apropriados à construção de salinas, existem ainda, devolutos, nos municipios de Macáu e Açu, seu confiante; mas presos a companhias e firmas particulares em virtude de aforamentos concedidos pela União.

As salinas são sempre construidas à margem dos rios, direita ou esquerda, e isto tem por fim evitar elevadas despesas com o transporte de sal, de grandes distancias para bordo da embarcação que tem de conduzi-lo para os vapores que ficam no lamarão ou ancoradouro externo.

Anos atraz, os vapores ainda transpunham a barra e ancoravam dentro do rio os que demandassem pouca agua ; mas de alguns tempos para cá deixaram de faze-lo por não ser mais navegavel senão por hiates de pouco calado e embarcações miudas, em consequencia de se achar aterrado pelas areias trazidas, no inverno, pelas aguas do rio Açu, seu afluente.

De bera, já se tem feito inúmeras vezes sua desobstrução.

No entanto, a renda com que aquele municipio contribue, anualmente, para os cofres federais que recebem 22$000 por tonelada de sal, é uma coisa fantastica e daria, de sobejo, para as respectivas despesas.

E' que Macáu é mesmo muito desafortunado no tocante a ser olhado com um pouco de carinho pelos poderes públicos.

E' belissimo o panorama que, ao nos aproximarmos daquela terra salineira, oferece à nossa visão aquela cadeia alvissima, sem fim, de pilhas de sal, que constituem o **ouro branco** do industrial salineiro, e porque não dizer tambem do humilde operario que, trabalhando na colheita, tira os meios de sua manutenção.

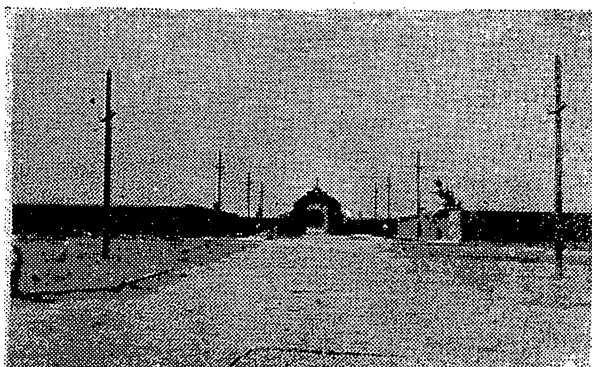
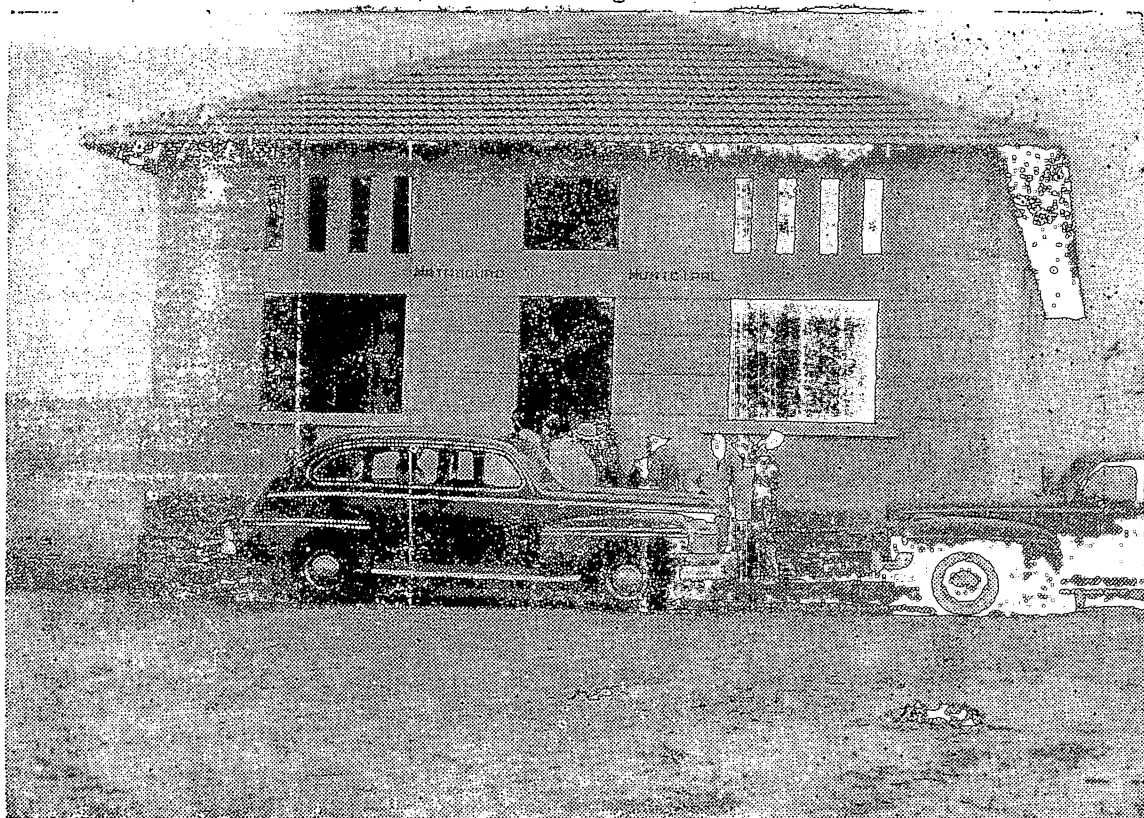
São belissimas tambem as miragens que sempre se vê quando o sol está mais ou menos a pino, ao se atravessar, em Macáu, terrenos de salinas.

Por muito que se ande têm-se sempre à vista tanta agua que a gente julga nunca se acabar, e outra coisa não é senão ilusão de otica.

Não era conhecido, em outros tempos, o processo da lavagem do sal, na sua propria agua, dentro dos cristalisadores ou "baldes", na ocasião de ser colhido, e nem se cogitava disto sequer.

Foi o cel. Francisco T. de Albuquerque, já falecido, industrial salineiro e homem de visão fóra do comum, quem teve a idéia de mandar lavar o de sua salina, obtendo otimo resultado, pois que, por este processo, retirado todo o sujo aderente, tornou-se um produto limpo, de feição atraente, e, por conseguinte de muito mais facil aceitação pelo seu comprador.

Como não existisse nisso nenhum segredo, os demais salineiros adotaram logo o mesmo processo que facilmente generalisou-se e ainda hoje é aceito e praticado.

Quero, em conclusão, referir-me ainda á prestesa admiravel com que, as mais das vezes, (não havendo greve...) se faz, por completo, a carga dos vapores

Cemiterio Público, construido na administração de Albino Melo

Matadouro Municipal, constuido no governo de João Fernandes de Melo

que se empregam no transporte do sal, por maior que seja, dentro de um curto periodo de poucos dias, tendo-se em consideração a grande distancia do lamarão, onde ficam, para as salinas, e ainda mais, tambem, a circunstancia de só ser possivel navegar de maré alta, de vez que como já disse, o rio está aterrado.

Tal milagre, é de justiça dizer, deve-se em primeiro lugar, à competencia da gente que se emprega no serviço ; mestres e tripulantes das embarcações à vela, condutores do sal para bordo dos vapores; em segundo, às Companhias que alí operam, as quais dispõem de material flutuante em abundancia, inclusive rebocadores.

Eis aí, em linhas gerais, a historia de uma Indústria nativa, tal é a do sal em Macáu, do qual foram seus primeiros exploradores, como está fartamente provado, os habitantes da extinta Ilha de Manoel Gonçalves, isto já há muito mais de um século, e que apesar de fases diversas pelas quais tem passado: de decadencia, estagnação, asfixia e competencia, — levando sempre tudo de vencida, chegou, enfim, ao apogeu da prosperidade, dada a sua vultosa exportação nestes últimos tempos e o preço compensador obtido nos mercados do sul.

F. F. ARAUJO

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Sal de Macáu

Fundado em 1938, com 703 associados, teve o Sindicato dos Trabalhadores na Industria da Extração do Sal de Macáu, seu reconhecimento por parte do Ministério do Trabalho, Industria e Comercio, em 31 de Agosto de 1943.

A sua finalidade é orientar os seus associados no sentido do bem comum, defendendo os seus interesses e prestando-lhes tôda sorte de beneficios que venham cada vez mais minorar a sua sorte e a das suas familias.

VENANCIO ZACARIAS DE ARAUJO, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Industria de Extração do Sal

Deste modo recebem os trabalhadores de salina assistencia médica, farmaceutica, hospitalar, dentária e judiciária, havendo para isso contratado profissionais de valor que atendem aos membros do sindicato, bem como às suas familias.

Além dos serviços de assistencia prestados diretamente pelo Sindicato são os trabalhadores de salina beneficiados pelo Instituto dos Industriarios, na base estipulada pelo Regulamento dessa autarquia.

Comparando-se a situação do trabalhador de salina de hoje com a dos seus irmãos de trinta anos passados, ver-se-á a disparidade que existe entre um e outro, trabalhando na mesma profissão e sob o mesmo regime social e economico.

O número de socios desse sindicato que se eleva a 3.000 na fase da colheita do sal, baixa normalmente a 800 depois da safra, quando se inicia o transporte do sal para as barcaças e destas para os navios. Os 2.200 restantes derivam para as atividades do campo, vivendo entre a pecuaria e agricultura, nas terras alagadiças de Macáu e do Açu.

A diária do trabalhador de salina é em média de Cr$ 42,00. O Sindicato é dirigido atualmente pelo sr. Venancio

EDIFICIO DA PREFEITURA MUNICIPAL

Sindicato dos Estivadores de Macáu

O Sindicato dos Estivadores de Macáu, fundado em 1931 e reconhecido pelo Ministerio do Trabalho, Industria e Comercio, vem funcionando regularmente e prestando tôda sorte de beneficios aos seus associados.

Além da assistencia judiciaria propriamente dita a que tem direito o trabalhador por força de lei, mantem o Sindicato vários serviços entre os quais se destacam os de assistencia médica, hospitalar, dentária e formaceutica. Essa assistencia é recebida em complemento aos beneficios que o associado recebe do IAPETC, instituto a que estão subordinados os estivadores. O Sindicato dos Estivadores de Macáu é dirigido atualmente pelo Sr. Eloi Barbosa Pimentel, o qual ,eleito para o cargo em Outubro do ano passado vem se conduzindo à frente daquela instituição com a maior correção e solicitude. O Sindicato tem, além de outras, a finalidade de fiscalizar os trabalhos da estiva, defendendo aqueles que se dedicam aos serviços de embarque e desembarque de mercadorias no porto de Macáu. A sua matricula é atualmente de 110 associados, o que revela de certo modo a pujança e a força da instituição. A diretoria do Sindicato está assim constituida: — Presidente, Eloi Barbosa Pimentel; Secretario, Henrique Bezerra da Silva; Tesoureiro, Antonio Barbosa Pinto; Consêlho Fiscal: — Antonio Faustino de Amorim, Oriando Alves de Paiva e João Antunes Bezerra. Essa diretoria reune-se uma vez por mês para prestar contas das suas atividades. E o Sindicato reune-se em assembléia geral ordinaria três vezes ao ano para aprovação de relatorio, orçamento e prestação de contas, e extraordinariamente quando convocado pelos seus associados.

Zacarias de Araújo, o qual está empenhado na construção da séde própria, afim de proporcionar meios para instalação da secretaria, administração, ambuatorio, consultorio médico, gabinete dentario, bem como uma pequena enfermaria de 2 leitos para atender melhor aos seus associados.

O patrimonio da instituição já se eleva a mais de um milhão de cruzeiros, o que demonstra de certo modo o cuidado e o interesse com que os trabalhadores de salina dirigem o seu orgão de classe.

EDGARD FERREIRA DA SILVA, Inspetor do Instituto Nacional do Sal

FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA, Delegado do Sindicato Nacional dos Contra-mestres, marinheiros, moços e remadores em transportes maritimos, em Macáu

PAGINA DE EDINOR AVELINO

MACAU

A minha terra, calma e boa, trago-a
nas cismas de saudade em que ando atento,
contemplando-a com os olhos cheios dagua,
nos grandes vôos do meu pensamento.
É das mais ricas terras pequeninas,
apraz-me repetir, quando converso:
possue alvas e esplêndidas salinas,
as melhores salinas do universo.
Lembro-a nos dias belos e fagueiros,
com o seu ambiente ventilado e quieto,
entre papoulas, morros e coqueiros,
na mansuetude mistica do aspecto.
Lembro-lhe a enseada, o mangue que pompeia,
um sugestivo ponto de abrigar!
a costa se alongando, o alvor da areia,
o velante farol de Alagamar!
Vejo as ruas compridas, os sobrados,
e em meio à nitidez do azul sidéreo,
saudando os horizontes afastados,
a alva torre do antigo presbitério.
Vejo as ribas, por onde, cismarento,
eu costumava demorar-me, dantes,
cantando de lirismo e sentimento,
em frente das maretas escachoantes.
Com o anseio de partir, serenamente,
por sobre as ondas turvas e bravias,
cheio do arrôjo do meu sonho ardente,
das aventuras e das travessias,
eu demorava a meditar, no porto,
olhando as velas no afanoso trafico,
como um piloto concentrado, absorto,
no abismamento do êxtase geográfico!
Plaga dos devaneios, a abençoa,
minha alma em pobres versos comovidos.
Imagem do passado, ilusão boa,
enganosa ilustão dos meus sentidos.
Do que a beleza estética, o bulício,
a atração da mais linda capital,
sei que ao meu coração é mais propício
o seu recolhimento provincial.
Ilha do bom destino, fantasia,
rosa do litoral belo e risonho,
que, ao doce luar, desmaia e silencia,
espiritualizada para o sonho!
Conduzo-a na retina, por onde ande.
Macau, canção do meu amor, doce ária.
Meu sentimento, que se tornou grande,
lá na tristeza da angra solitária.
Ninho embalado no rumor da brisa.
Terra de níveas garças e demoinhos.
Cidade nobre, que se prismatiza
entre miragens de painéis marinhos!
que no amoroso amplexo ao mar se estreita,
na imperturbavel paz do seu viver,
sempre fidalga, sempre satisfeita,
disposta para a todos receber.
Trecho da natureza, que decanto,
porto das algas, poiso das baleeiras,
ilha saudosa, plácido recanto,
berço das minhas afeições primeiras,
a minha terra, calma e boa, trago-a
nos cismas de saudade em que ando atento,
contemplando-a com os olhos cheios dagua,
nos grandes vôos do meu pensamento.

EM LOUVOR DO SONO

Quando, após o tenaz labor — doirado e lasso,
o corpo exige o auxilio eficaz de um remédio,
vamos pedí-lo ao sono, c o sono bom, concedo-o
na esplêndida maciez do seu doce regaço.

Há no sono o refúgio e o alivio do cansaço.
Eu sempre o bendirei. E' por seu intermédio,
que os pesares deslembro e amorteço o meu tédio.
Sono, embriaguês divina, em que me satisfaço!

Descanso à diligência e à incerteza da vida.
Deliciosa quietude. Extrema suavidade,
em que a alma se compraz—de si mesma esquecida.

Doçura, languidez que os sentidos invade.
Milagrosa atração! Gênio que nos convida
a uma especie de encanto e de felicidade

SANTO PASTOR

A Mons. Joaquim Honório da Silveira,
no cinquentenário do seu sacerdócio.

Aconselha e abençoa a sua voz amiga.
E' o nosso Cura d'Ars. O Pastor, já velhinho,
bendizendo o trabalho e vencendo a fadiga,
seu rebanho conduz no mais certo caminho.

Com a fé confortadora, as aflições mitiga.
Para a pobreza tem uma esmola e um carinho.
Ama a terra natal, em sua igreja antiga,
disse a primeira missa, um dia, o meu padrinho.

Casto, humilde, piedoso, exemplar sacerdote,
vive para a maior missão na terra ingrata,
para que a Deus e ao bem de todos se devote.

Exaltando-lhe o exemplo e o vulto imorredouro,
Macau, vibrante, exulta e canta nesta data,
na glorificação das suas Bôdas de Ouro.

FREI FRANCISCO DE MONT'ALVERNE

Imerso na cegueira e na melancolia,
voltando para a fé, milagroso fanal,
Frei Francisco de Mont'Alverne pronuncia
eloquente oração na Capela Imperial.

"E' tarde! E' muito tarde"! exclama. Todavia,
da viva inspiração — lhe jorra o manancial,—
e, louvando a São Pedro, em memoravel dia,
empolga — pela afluência e a magia verbal.

A religião bendiz. O Imperador, que exalta,
ao santo deve o nome e a proteção bem alta
deve o Brasil, nutrido em seu fervor cristão.

Sem ver os fieis, sem ver o festivo santuário,
entoa um lindo canto o monge solitário,
canto de despedida e de recordação.

VÁRZEA DO AÇÚ

E' o livro de Manoel Rodrigues, que agradeço.
Da amada gleba, a história, ele sabe contar.
Dando-lhe os parabens, com o mais sincero apreço,
aperto a mão do ilustre escritor potiguar.

Também brinquei na Várzea, eu pequeno e travesso.
Tudo alí, para mim, se tornou familiar.
Retrata aldeias, mostra o livro que enalteço,
o vale em flor, que eu ví, adormecido, ao luar.

Na fartura e na paz do seu viver, outrora,
dos pássaros ouví a alvorada sonora.
Menino nadador, audaz, vibrante e nú,

na lagoa formosa, o banho me aprazia,
e desde a infância doce e cheia de poesia,
nunca mais esquecí nossa Várzea do Açu.

Monsenhor Joaquim Honório

Edifica-nos vê-lo, tão velhinho,
solícito, no santo apostolado.
No ministério, a que nasceu fadado,
jamais tergiversou no bom caminho.

Dos afazeres seus, no torvelhinho,
sempre se mostra com ar de abnegado.
Condena o mal, previne do pecado
os seus paroquianos, de mansinho.

Mas se acontece a impenitencia, afoita,
menosprezar, no Templo, o culto augusto,
Por traz da indiferença em que se acoita,

Alma ardente de fé, já se tem visto,
em palavras de cólera de justo,
o látego vibrar, qual fez o Cristo.

LUIZ XAVIER

Santo Cruzeiro, existente na Igreja de Macáu e trazido da Ilha de Manoel Gonçalves em 1825

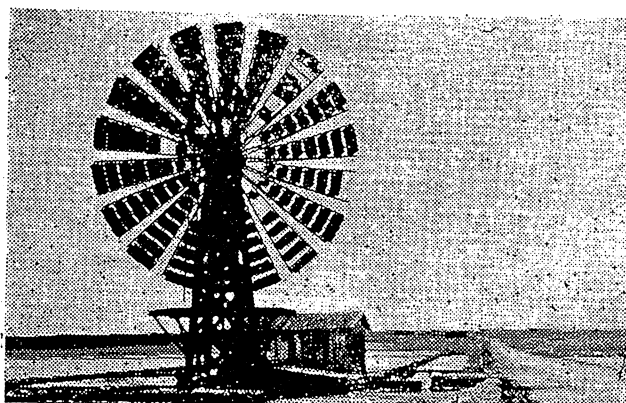
Ilha de Manoel Gonçalves

A sabor dos caprichos da inquiéta
onda marinha, que o nordeste agita,
onde hoje é o Lamarão que o méro habita,
Nume fatal determinou-lhe a méta.

Além de vaga, exbóça-se incorréta
de sua história a trama, circunscrita
ao comercio e á pesca, até que, aflita,
tragou-a o Mar, — misterioso atléta.

Da fé sinal dos que ali moraram,
resta um Cruzeiro, sobre o qual se disse,
que almas piedosas da ilha o retiraram.

Esse madeiro evocador aviva
todo um passado, como se sentisse,
dolorósa saudade coletiva.

LUIZ XAVIER

Moinho da Salina "Julião", de propriedade da Companhia Comércio e Navegação

MARIA DE LOURDES COELHO

Macáu, por entre o mar se descortina,
Muito além — a cidade flutuante.
Maravilha do olhar, brilha distante
Na sucessão dos predios — a salina.

A miragem se grava na retina,
Enche a alma de um gôso palpitante.
Além — o sol no mar bate espelhante
Qual chuveiro de prata peregrina.

Possui, no encanto das imagens, certo,
Um mistério de coisas diferentes,
Que alegra a vista, seja longe ou perto.

Macáu — seu todo de beleza encerra,
A beleza sem par dos cataventos,
Dos moinhos sem par de minha terra.

RODRIGUES FILHO

Macáu! terra do berço onde eu nasci chorando,
Ouvindo o marulhar das águas, nas areias.
És meu ninho diléto, és um sonho bailando,
Entre a rima do verso e o canto das sereias.

Muito longe de ti vivo triste sonhando,
Dentro do meu viver pulsa o sangue nas veias.
Vivo longe a carpir tua ausência e pensando,
Nos velhos coqueirais que abrigas e enleias.

Terra do meu natal, berço dos meus avós,
Tens no seio ubertoso a riqueza boiando,
—O sal a se estender, quais límpidos lençóis.

Tens, o sei, um perfil de noiva quando véste,
O segrêdo do amôr, e ao noivo se atirando,
—E's tú, grande Macáu, a noiva do Nordeste.

NOSSA A LANTI A

Macau nasceu do mar revolto e se estendeu pela terra, com o seu povo de salineiros e de pescadores, ouvindo e aprendendo o marulho bravio das ondas. O destino quiz que ela tivesse um nome evocativo das longas e aventurosas viagens aos portos do longinquo Oriente. Um nome que se pronuncia imaginando hiates, gondolas, falúas, barcos de velas brancas, gemendo cantigas de gageiros e arfando nas enseadas de países distantes.

Mas, no borborinho de tantas sugestões romanticas que esse nome desperta, ninguem conseguiu fazer resurgir do abismo em que se ofogou, a ilha de Manoel Gonçalves, a nossa perdida Atlantida, que ainda não encontrou o seu Platão.

A ilha de Manoel Gonçalves, tal como nos aparece na imaginação sempre disposta a iludir-se e a sonhar, não foi nenhuma dessas cidades contra as quais a ira oceanica se desmandou implacavelmente. Era uma feliz aldeia de pescadores sem vicios nem crimes que chamassem a sí o castigo dos elementos. O mar, em luta com a terra, enrolava parceis e recifes, arrastando-os no dorso das vagas. A humilde ilhota de pescadores, no meio do tremendo campo de batalha, assistia inquieta às escaramuças que arrancavam pedaços do seu sólo. E enfim, um dia, apenas ficou por sobre a imensidão oceanica o pugilo derradeiro de terra, pedestal de uma cruz que abria os braços, clamando e perdoando. Os habitantes fugidos da ilha condenada e moradores da margem direita do rio foram, em procissão de ladainhas e preces, buscar o cruzeiro que o oceano havia respeitado. E em Macau os seus primitivos povoadores continuaram a amar e venerar os velhos santos, as queridas imagens e a cruz que abençoara a agonia da ilha perdida.

Foi assim que morreu, ha muitas dezenas de anos, a ilha de Manoel Gonçalves, afogada no delta indomavel do Rio Piranhas. Mas, do amarfanhado lençol marinho que a sepulta ela por vezes aparece, como uma Vitoria Regia, numa ressurreição. As suas ruinas, as pedras das suas casas, os tijolos das suas calçadas onde tantos meninos brincaram e correram, cantando e sorrindo para o mar, ainda aflóram aos olhos supersticiosos dos pescadores, pelas noites de lua.

A ilha de Manoel Gonçalves morreu para que a cidade de Macau nascesse. Nenhuma semente de terra dessas milhares que Deus semeou pelo mar teve um destino tão lindo. Macau surgiu, cresceu para o oceano revolto, transformou a agua invasora em piramides de sal que sintilam como um diadema de imperatriz. E já agora não é mais possivel trocar por nenhum ouro do mundo toda a pobre existencia ignorada da ilha que morreu do mal de ser feliz.

EDGAR BARBOSA

ANCIA

Alva, formosa de louca anciedade,
Já surge a lua descorada e fria.
Sonha o rio envolto em claridade,
Cai a neve do céu em nostalgia.

Este clarão é o pranto da saudade,
E' fonte de esperança e de alegria,
Onde feliz encontra a mocidade,
Inspiração que a mente acaricia.

Bebo-te a luz ó astro de grandeza,
Lua de prata de eternal frieza,
Cujo explendor me fala ao Coração.

Enquanto escuto o gargalhar violento,
A voz tristonha e funebre do vento
Despindo o roseiral de uma ilusão.

GIL AVELINO

ANTONIO MELQUIADES BRASILEIRO, Delegado do Instituito dos Maritimos

OSCAR PAULINO PINHEIRO, Coletor Estadual

Tú és Sacerdos!

Ao Revmo Monsenhor JOAQUIM HONORIO DA SILVEIRA, no cinquentenario da sua ordenação sacerdotal, comemorado no velho templo da antiga cidade de Macáu, onde nasceu e de onde é virtuoso vigário.

Há muitos anos, neste grande dia,
Na idade da ilusão, do devaneio,
Do amor trocaste, a loura fantasia,
Pela visão da fé, em doce enleio.

Perigrinando só pelos caminhos,
Pastoreias, a dor, pela defêsa...
Ensinas a cantar, sobre os espinhos,
Como a, alegria, brota na tristeza.

O pão da missa, em Deus da Eucaristia,
Transmudas, — corpo e sangue e Divindade...
Do Padre Nosso ensinas, todo dia,
O perdão das ofensas, na humildade.

Levas a luz, na sombra dos escombros.
Na voz do sino, a tua voz ecôe!...
Carregas o madeiro nos teus hombros,
Crucificado como o Cristo foi.

Chegas ao cimo de áspera ladeira,
Da caridade o sol, teus passos banha...
Levas resando, tua vida inteira,
Novo Cristo, pregando na montanha.

Cinquenta anos são passados!... Disse
A voz do velho templo da cidade...
Enquanto, as mãos sagradas da velhice,
Desfiam o terço branco da saudade,

PALMYRA WANDERLEY

ACTA DIURNA

EDINOR

E' o mesmo Edinor que ha tantos anos não vejo. Forte, claro, agitado, sonorizando o ambiente com o escachôar da frase viva. Os mesmos olhos largos, rasgados como para acomodar a irradiação ofuscante dos meios dias de Macau. Noto apenas que as pupilas não coincidem com o interlocutor. E, ao sentar-se, tateia, rapido, identificando a cadeira. Mas a voz quente, cheia, torrencial, enche a sala onde as paredes guardam as fisionomias amadas em molduras velhas e cismadoras.

— Estou quasi cego. Vejo apenas sombras confusas. Não distingo as feições. Vejo apenas um pouco da luz e guardo, ciumentamente, esse clarão que é ainda um consôlo para mim.

E sorri. Fala depressa de sonhos, versos, versos, versos. Declama-os. Seus e dos poetas amados, ditos amorosamente, sentindo o sabor músical das rimas a melodia verbal das imagens evodadoras

O mais sonoro sabiá da mata lírica do Nordeste já não vê a paisagem que cantou para sempre, fixada no poema que tantos sabem de cór, entoado na música de Fernando Almeida.

Tinha ido ao Alagamar vêr uma praia única num cenario irreal de gambôa e de Watteau. Um listrão de verde circulando a nodoa viva duma agua azul e mobil, inquieta e mansa, estendida na areias como um manto de dogareza. Vertical, todo branco, o velante farol de Alagamar, abrindo no escuro da noite estrelada seu olho de ouro lampejante.

O poema consagrou Alagamar. Os pormenores são índices, não da natureza imovel, mas do poema de Edinor.

O automovel roda para Natal numa tarde sentimental, de crepusculo tão lento que lembraria Sevilha no verão, a Sevilha do bairro da Triana, com as toadas tristes das gitanas, de pandeiro, o lenço rubro enfeitado de moedas tinintes.

Edinor Avelino, lirico, pintor de sua terra, viajador dos horizontes, voltou para fazer o sacrificio das pupilas à luminosidade cegante dos mormaços. Resta-lhe, imenso, policolor, tumultuoso num povo que desfila em procissão, num alardo de festa, o seu mundo interior, inexgotavel e poderoso. Nenhum filho de Macau prestou à sua terra maior serviço. Doou-lhe todos os sonhos, as renuncias arrancando da aza impaciente de vôo, um por um, os fortes remigios que lhe dariam o sucesso. E levou o nome de Macau a todo o Brasil que lê versos.

Todas aquelas salinas tornadas em areia de ouro não valem Edinor Avelino, desinteressado, poeta, provinciano incuravel, meu semelhante e meu irmão...

LUIS DA CAMARA CASCUDO

Referencia Louvável

Jefferson Correia de AQUINO

Macau, tranquila e quieta, tambem tem seus dias inesquecíveis de festas e de glórias, além de já se constituir, por si só, uma joia com que a natureza presenteou todas as suas gerações.

Simples e esquecida de muitos, permanece a progredir à custa de suas próprias forças, graças à sua admirável e peculiar condição, no que diz respeito ao fator primordial de sua economia, legado com que a natureza a colocou em posição exponencial, como maior produtora do sal, no Brasil, e, em qualidade, o melhor do mundo.

Apresenta, ao visitante, no seu primeiro contato, um flagrante, verdadeiramente, impressionante. Encantador deslumbramento é o que lhe ocorre à entrada de Macau, ao descortinar-se o lindo panorama das alvas salinas, com pirâmides enfileiradas em posição de sentido, como que, a lhe render as homenagens das bôas vindas. E', mormente, para o estranho, indescritível e surpreendente esse belíssimo senário, que, representa o — pano de bôca — do palco de Macau.

Fileira após fileira de pirâmides, rua após rua de cristalizadores, vai o visitante percorrendo num trajeto de alguns quilômetros quando, ininterruptamente, penetra na cidade. Ruas longas, bem cuidadas, praças elegantes e bem tratadas, fazem harmonia com o aspecto alegre e vivaz dos seus habitantes, bons filhos que a ela muito prezam e de que muito se orgulham.

Identificando-se no convívio de Macau, nota-se o grau de sociabilidade do seu povo, pela projeção dos seus hábitos e costumes, nivelados aos dos grandes centros civilizados do país. O povo é pacato e ordeiro, comunicativo e inteligente. Aí estão; literatos, escritores, jornalistas e poetas. E' uma gente de sentimentalismo tendencioso às crenças religiosas, no que se observa o predominio do culto católico.

A vida dos que laboreiam na lida do sal é intensiva e esta absorve a maior parte do elemento ativo da terra, destacando-se a tenacidade e a capacidade de trabalho do operário de salinas, como dos estivadores e barcaceiros que, realizando uma sequência de esforços conjugados e orientados, vêm constituir a mola mestra que mantem a estabilidade e o progresso do movimento salineiro de Macau, razão precípua do seu valor econômico.

Porém, Macau não cultiva, apenas, o seu manancial de recursos telúricos. Ela, tambem, cultua a veracidade dos fatos que deriva das textuais palavras do CRISTO, quando afirmou categoricamente: "Nem só de pão vive o homem". E, para a perpetuação desta singular advertência, ela mesma produziu um ser talhado, por excelência, nos moldes dêste mister.

Em função desta assertiva é que, Macau, hoje, eleva-se bem alta, com oito mil almas voltadas para DEUS, em homenagem e gratidão ao TODO PODEROSO, por lhe conceder a glória dos festejos de hoje. Por que os sinos dobram desde o romper da aurora? Por que a alvorada de hoje se fez com clarins e foguetões? Por que a passarada gorgeou com mais beleza e intensidade? E, por que o sól matizou com linda policromia o alvorecer dêste dia memorável?

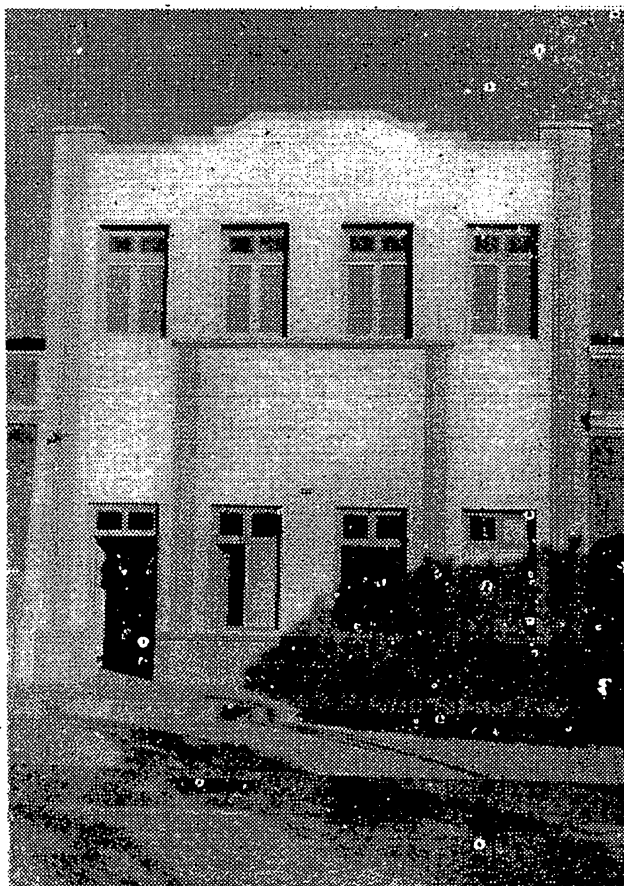
Todos já sabemos. Ele assinala, indiscutivelmente, um marco glorioso, que delimita um período, digno de constituir um belo e edificante capítulo, nos anaes da vida religiosa de Macau. A data de hoje, é uma página ilustrada desse capítulo, originando-se de um reflexo ofuscante a transbordar na modéstia despretenciosa, caldeada na chama ardente de

uma alma devotada aos ditames da Onipotência divina.

Esse capítulo, cheio de exemplos de amor ao próximo, repleto de virtudes retemperadas na prática habitual da humildade e da pureza, e, grifado, a cada instante, com a evidência dos efeitos benéficos da caridade cristã, denuncia versar sobre uma referência, absolutamente, louvável que faz ao Revmo. Monsenhor Joaquim Honório da Silveira, digníssimo vigário colado da paróquia de N. S. da Conceição, em Macau, que hoje cumulamos com o pouco que nos ó possível tributar-lhe, em face do seu merecimento, em virtude da indulgenciosa festa de suas Bôdas de Ouro Sacerdotais, ou simplesmente, Jubileu sacerdotal.

E', portanto, motivo de grande satisfação e júbilo, não só para Macau católica, cujo evento, é máxima honra espiritual, como para o venerável levita do Senhor, a quem esta polianteia deve a sua origem que, assinalará, atravez dos tempos, o exemplo luminoso da sua lição modelar, vinculada dos mais nobilitantes atestados da sua impecável conduta, no desempenho miraculoso de sua inefável missão, a qual se predestinou com amôr e zelo.

Conheci-o de pouco, porém, a tradição vem de longe, pontilhada de indeléveis sinais de sua grandeza moral, da solidez do seu carater, da têmpera invulgar do seu espírito perspicaz. Abnegado e dócil, tem sido um forte batalhador na defesa e na assistência particular aos pobres de sua terra. Para êle o dinheiro não vale, senão, no momento de atender a necessidades de um pobre, a quem êle representa, pela modéstia e simplicidade em que vive, humilde e contemplativo, alheando-se ao conforto que seus parentes lhe desejam proporcionar.

A saúde dia a dia se lhe escasseia e a idade avança impiedosamente, tornando-o setuagenário. Porém meio trôpego e cansado, continúa a jornada pelo mesmo intinerário a que se propôs há cinquenta anos passados, afrontando o peso exaustivo do encanecimento, que se reflete, no corpo, pela fadiga fisiológica das células. E' um ancião de espírito jovem e pertinaz, que não esconde a tranquilidade e a satisfação dos inumeráveis beneficios prestados a humanidade, aflorando, sempre, em sua face, ainda pouco enrugada, um sorriso simples e acolhedor e dos labios estão sempre a demandar, palavras carinhosas de exortação e estímulo, que justificam a sua disposição, em continuar, paulatinamente e de acordo com as suas condições físicas, o previlegiado desempenho da obra que realiza na terra, julgando-se, a seu modo de pensar, um perfeito **RAPAZ USADO**, e, nunca o que na realidade o é: legítimo merecedor das graças de **DEUS**, como corôa cintilante, a entronizar-lhe o último quartel de sua existência devotada, inteiramente, que sempre foi, a tão sublime apostolado.

Casa Paroquial, onde reside o Monsenhor Honorio

PINTOR POR CIMA DE PAU E PEDRA

M. RODRIGUES DE MELO

Afonso Rodrigues de Oliveira descende dos Rodrigues Ferreira de Macau. Bisneto do português Manuel Rodrigues Ferreira, um dos fundadores da cidade, Afonso é filho de Joaquim Rodrigues Ferreira e Vitalina Rodrigues de Oliveira. Nasceu na Fazenda Mulungú, do Municipio de Macau, no dia 30 de Abril de 1934. Está rodando pela casa dos dezoito anos. Aprendeu as primeiras lêtras no sitio Cánafístula do mesmo município. As consequências da sêca de 1942 trouxeram seus pais para Natal em Fevereiro de 1943. Residiram inicialmente em Parnamirim, onde tiveram o mocambo arrazado e queimado. O pai carpinteiro. A mãe é domestica, criando seis filhos. Afonso de todos os irmãos, é o único que revela tendências para a pintura. E' um valôr autêntico e legítimo, pintando figuras representativas do patrimonio historico nacional. Uma noite dessas, estando despreocupadamente em minha casa, entrou-me, de repente, seu pai, Joaquim Rodrigues Ferreira, com várias figuras pintadas por Afonso. Fui abrindo o canudo e à medida que ia desenrolando iam aparecendo as figuras: — Rui Barbosa, com aquela fisionomia tão conhecida e facilmente identificavel; Caxias, com tôdos os traços caracteristicos do grande pacificador nacional; Joana Darc, na imponência da sua estatura facilmente reconhecível; Joaquim Manuel de Macêdo, o grande romancista de **A Moreninha**, e por fim Dom Joaquim de Almeida, cujas barbas alvas e longas dão à sua fisionomia aquele ar de seriedade humilde e serena dos grande bispos da Igreja. Lamento, sinceramente, não ter meios para fazer chegar até à Escola de Belas Artes, esse rapaz de dezoito anos que vive modesta e obscuramente em Natal.

Apresento-o, no entanto, ao Exmo. Sr. Governador do Estado, Dr. Silvio Piza Pedroza, bem como ao seu Secretário Geral, Dr. Américo de Oliveira Costa, como uma das maiores vocações artisticas que temos conhecido nesses últimos tempos.

Se as bolças de estudo, divulgadas por aí afóra têm uma finalidade superior e vizam proteger sobretudo os valôres e as vocações artisticas e intelectuais, aí está um candidato que além de vocação e força de vontade tem uma coisa que pouca gente tem: um indice intelectual e artistico fóra do comum.

MONSENHOR HONORIO

FLORIANO BEZERRA DE ARAUJO

A comissão promotora das festividades iniciadas a 1 e chegadas, hoje, 9 de novembro, ao seu final apoteótico pela passagem simbolica das Bôdas de Ouro do Sacerdocio do Mons. Joaquim Honório da Silveira, por bondade d'alma e generosidade de coração, teve a lembrança, que não direi feliz, de me pedir a fagulha de minha contribuição literária para, a Poliantéia com que pretende homenagear ao grande e virtuoso clérigo pelo transcurso desta data gratissima para êle e mui digna de registro e memória para todo o povo macauense, e aquí a dou com muito prazer e honra, modesta e pobremente, para a qual invoco benevolencia e complacência na crítica dos que a lerem.

MONSENHOR JOAQUIM HONORIO DA SILVEIRA, êsse expoente da Igreja Católica em nosso meio, prescinde de qualquer apresentação. Contudo, não arrogando-me a feliz ventura de dissertar em traços largos e burilado cunho literário sobre a personalidade e vida desse bemaventurado apóstolo e pregador indormido do dôce e suave evangélho de Cristo aquí na terra, quero deixar frisado nesta crônica alguns traços definidos e marcantes de sua vida virtuosa e exemplar, plasmada pelo bem e a virtude, desde o berço até a respeitavel idade de 73 anos, em que se encontra felizmente agora, por ocasião dessa efeméride memorável das Bôdas de Ouro do seu presbiterato.

Sim, caros macauenses e meus nobres leitores, é grande já o número de ilustres e abalizados homens de letras que têm dito e escrito da personalidade e vida e, por que não dizer, dos sacrificios e virtudes desse soldado leal e forte do exercito do Criador. Entanto, nunca é demais levar-se e render culto aos feitos imortais e virtuosos desse atanásio, de quem se ocupa a alma macauense exultante de alegria e raro entusiasmo,

nesta data que tomará um lugar, estou certo, primordial na história de Macáu. Eis por que me proponho a por, pela substancia, que é nenhuma dessas mal alinhavadas linhas, em evidencia alguns traços relevantes e edificadores de sua vida p.\ the de virtudes e ações benignas e, portanto, merecedora e digna de todos os encomios, do nosso apreço e alta estima de seus fieis paroquianos, que o somos, com orgulho e honra, nós os habitantes deste Municipio. Se lançarmos um olhar retrospectivo a história augusta da Igreja Romana, certo é que encontraremos o grande Camilo de Leles, nas praças de Roma, a transportar sobre os proprios ombros, elevado número de vítimas de pestes e doenças várias; e é com êste luzeiro da fé que mais e acentuadamente se identifica a vida e existencia de Mons. Joaquim Honorio da Silveira. Sim, avanço justificativas. E' fato notorio e tenho-o bem vivo na memoria; quando em 1938 até 1939 grassou na varzea do Açu e grande parte dêste Municipio, ceifando vidas e atrofiando outras, o terrivel impaludismo, via-se êsse maximo apostolo da caridade, sair quase que diariamente das Pendencias, conduzindo cestas cheias de laranjas, mel de uva, açucar, pão, bananas e outros salva-vidas quando se estar em meio à fome e da miseria, e com tão singular despreendimento, penetrar a doentia Varzea, e aqui e alí, acolá mais além, distribuir com aqueles esquecidos da fortuna e presas infelizes da epidemia, o parco porém útil pão que levava em sua guarda. Fazia um ponche de laranja para um, um de limão para outro, dava uma sangria de suco de uva a um outro, um pedaço de pão para êste, u'a banana para aquele, mexia uma garapa de açucar e dava, com paciencia de um arcanjo, àquele que já quase estava morto pela fome e a doença, e depois disso, ainda alimentava a todos com a sua mágica palavra de conforto, com a sua palavra de confiança e fé ilimitadas na bondade de Deus nosso Senhor. Isso era feito com frequencia e sem canseiras, porque era do âmago do seu coração de sacerdote exemplo de caridade, que emergia a fôrça idômita da ação. Não tinha hora certa nem do dia e até da noite para dar cabo a essa tarefa tão penosa a que se propoz naquela dura e sacrificiosa, e ao mesmo tempo, gloriosa quadra de seu apostolado de caridade, e sublimado amôr para com aqueles milhares de almas açoitadas pela devastadora moléstia, fome e pobreza extrema a que sempre foi submetida, e particularmente naquela época amarga, aquela gente pacata, tão bôa e trabalhadora, crente e heróica da Varzea do Açu.

Oh! não sei quem mais caridoso, mais amoroso, mais amigo e dedicado, quem mais sentimental para com os entiados da sorte, filhos da pobreza e vitimas inocentes do condenavel indiferentismo dos homens públicos de nossa Pátria, do que essa nobilissima figura de vigário apostolo da caridade e do bem, que é real e postivamente, Mons. Joaquim Honorio da Silveira. E' um culto à justiça e homenagem à verdade, se dizer que ainda na fase da peste palúdica já falada, foi visto e comentado, com respeito e admiração de todos, Mons. Joaquim Honorio convocar e convidar com firmeza de atitude, aos seus queridos paroquianos, para, em comunhão com êle, realizarem uma procissão matutina pelas ruas e vielas da vila de Pendencias em "ação de preces" a Deus para a suspensão total e efetiva da molestia tenebrosa, que de maneira tão cruel e impertinente, descera sobre os heroicos varzianos e toda a população daquela zona, o que foi feito em u'a madrugadinha de julho de 1938, onde se ouvia com emoção e fé ardente, a marceleza da prece, a melodia da música dos mais belos hinos sacros e ladainhas que eclodiam com calorosa fé, muito entusiasmo e sublime recolhimento de espirito. do peito e lábios da multidão de fieis que acompanhava o seu bom pas-

ITAMAR BULHÕES, Agente do Instituto dos Empregados em Transportes e Cargas

JORGE FERNANDES DO AMARAL, Agente do Loide Brasileiro

LEÃO XAVIER COSTA FILHO, Escrivão do 2 º Cartorio desta Cidade

tor, naquela via-sacra cantada e oferecida a Deus para o exterminio do mal palustre, salvaguarda e poupança da saúde daquelas populações feridas, já de muitto tempo, pelo estilete da desgraça cuja origem, somos impotentes, para decifrar entre os misterios da vida.

Naqueles dias negros e doentios em que esteve envolta a gente varzeana, era comum encontrar-se na Capela de Pendencias, cinco, seis, jarras cheias "d'agua benta com as palavras rituais da fé" por Monsenhor Joaquim Honorio, a qual tinha o nome simbólico de "água de Santo Inacio", para que aquela gente acometida da malária febre, dela se servisse, isto é, bebesse-a, para que em razão da fé ardente que no peito trazia enclausurada e o poder, o poder das virtudes e orações do velho sacerdote, viesse então a se curar. E as curas foram muitas e diversas... e disso, os habitantes daquele Vale bem o sabem...

Recuando-se mais uns anos na história da vida desse sacerdote-exemplo dos sacerdotes, vemo-lo, em 1913, em Natal, quando estivera dirigindo os destinos da paróquia de Nossa Senhora d'Apresentação, revolucionando a cidade, por assim dizer, para realizar um Natal dos Pobres, rico em prêmios, brinquedos e outras quejandas. E isto ele só não fez na cidade do Natal; não, êle fez por onde andou e atuou como páraco de uma Freguezia. Aquí em Macau, por exemplo, ele já tem feito com a mesma dedicação, boa vontade, altivez e espirito de caridade, de que se investiu, naquele tempo, hoje para ele tão saudoso na capital do Estado. E é por tantos e tais rasgos de um coração transbordante de amor e caridade pelos pobres, que essa figura veneranda e veneravel de homem pescador de almas para o benigno aprisco do Senhor, é porisso tudo, é justo e apraz-me repetir em tão bela ocasião, que esse venerando pregador do Evangelho, e mais ainda, esse segundo S. Vicente de Paula, esse espírito vivo de Padre João Maria e encarnação de Dom Bôsco, essa pérola diamantina da virtude, êsse santo e fidelissimo, servo do Deus Pai, já hoje vive, merecidamente através os seus milhares de paroquianos, coestaduanos e brasileiro que o conhecem, tido e havido por um santo sacerdote, por um homem providencia, cuja brancura e limpidez de espirito, grandeza d'alma e dignidade de caráter, bem exaltam e sinalizam a pureza e a grandeza a que pode ascender um mortal que se dedica de corpo e alma, espirito e ações à sagrada colheita da messe do divino Mestre. A sua modéstia e ações generosas para com todos e particularmente para com os humildes — os menos favorecidos da fortuna, o seu acrescido e acentuado desinteresse pelas coisas terrenas, o seu modo alturistico de desprezar, nobremente, os bens matetriais, tudo são, em síntese, uma exuberante aureola de glória que lhe dar brio ao corpo e lhe enaltece e embranquece a alma, que é de um justo entre os humanos.

Não é favor nem ha coisa mais digna e condigna que dizer-se ser Mons. Joaquim Honorio da Silveira, um homem de ação, de virtudes excepcionais, e de altos dotes de inteligencia, com os quais, humilde e sutilmente, maneja em seu sagrado oficio, atitudes, ações e gestos, que bem evidenciam a existencia e vida de uma alma sábia, prudente, reta, justa, pura e santa aos olhos do homem e quiçá de Deus o Criador dos seres e das coisas.

Realizador e empreendedor, sempre o foi por natureza. Se deixo de citar as suas realizações e os seus mais arrojados empreendimentos, é porque são tantos, que só um historiador ou um grande cronista os poderia registar, sem insipiencia, em trabalho do comportamento desta migalha e humilde contribuição que me pediram. Os seus sábios e benéficos conselhos de pastor e doutrinador fertilissimo das ovelhas do Senhor por sobre a terra, são de uma luz e magia tais, que mesmo aquelas ovelhinhas tresmalhadas que vivem a errar nas trevas desse mundo enganador, quando lhe ouvem os mesmos não tardam mais em voltar ao redil do Paï Celeste, arrependidas d'alma e coração, de conformidade com as leis do Bem, da Virtude e da Verdade.

FARMACEUTICO VIRGILIO BARBOSA E SILVA

AFONSO TANIDON BARROS, Delegado da Comissão de Marinha Mercante

Vale ainda ressaltar e avultar que Mons. Joaquim Honorio da Silveira, esteve sempre a auscultar de perto e atende com fiel solicitude a todos que mergulhados em algumas aflições de fóros materiais ou espirituais o buscam para pedir-lhe um conselho, uma palavra sábia e de conforto, uma benção de sacerdote virtuoso, calmo e justo, uma ação caritativa ou ainda u'a oração, caso frequente, porque as suas orações balbuciadas nas soturnas e altas horas da noite têm, não há fugir, o condão miraculoso de prodigalizar milagres em favor da coisa ou pessoa indicada ou desejada. Não tem êle, para admiração de todos que o conhecem, um pequenino fundo de reserva que lhe assegure a compra de u'a batina, quando desta necessita, visto que a renda monetaria do seu sagrado oficio e, efetivamente, por ele mesmo distribuida, de modo reservado, com os pobres — essa imensa legião de deserdados da fortuna e desdenhados dos pródigos filhos da riqueza — com as criancinhas em meio às quais oferece aos olhos do observador um quadro típico de quando dissera, certa feita, o Nazareno, em Galiléia: Vinde a mim as criancinhas porque elas são a pureza e inocencia e imitam fielmente ao meu Pai.

E' extremoso o seu amor e elevadissima a sua dedicação para com o povo humilde, bem assim para com as coisas da Religião e do espirito. Jamais se cansa de elevar a Deus ardentes preces pela Paz do Mundo, pela continuidade e vida da monumental civilização que os nossos maiores nos legaram, e felicidade efetivá e geral do Povo brasileiro.

O que é provavel, é que êle nasceu para os macauenses, tem trabalhado para o Brasil, tem servido ao Estado, vivido para a Humanidade, e, em reserva, para a grande glória de Deus, e honra e respeito do glorioso Clero Nacional.

Qual um Serafim do Criador, sua longa vida e existencia estão marcadas pelo cinzel da honra, da virtude, da caridade e da dignidade e mansidão proprias dos eleitos do divino Mestre, razão por que é já uma trajetoria luminosa,

(Conclue na pagina 68)

VIDA SOCIAL

Arte — Beleza — Encantamento

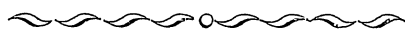
MACAU

EZEQUIEL WANDERLEY

Macáu! Eis-me a voltar ao teu bendito seio
De fada peregrina, excelsa, augusta e santa...
Trago-te o meu afeto aberto em festa, e cheio...
De palavras de amor, que escondo na garganta.

A dôr de te não ver fôra tão grande e tanta
Que de ver-te, outra vez, palpitei de receio...
Porém, maior que seja, a ausencia não suplanta
A estima que de ti docemente me veio.

Quando, um dia, aquecido à luz dessa amizade,
Olhos — boiando em pranto — alma quase sem vida,
Disse-te o adeus, Macáu, de intermina saudade...

E, entre adeuzes, parti... E, entre florões voltei...
Mas, vim, como quem torna à Terra Prometida,
—Buscar meu coração, que outrora, aqui deixei.

CONTADORA MARIA DAS MERCÊS DO VALE, filha de Amaro Custodio do Vale e d. Amalia Alves do Vale. Diplomada pelo Colegio Nossa Senhora das Neves, de Natal

DRA. ELINE DA COSTA GALVÃO. Medica, formada pela Faculdade de Medicina do Recife. Filha de João de Lima Galvão e dona Izabel da Costa Galvão

O Milagre das Rosas

HELVECIO BARROS

Assim falou um dia o primitivo Poeta:
"Planta que espinhos tens, haverás de rebentar em flôres mil..."
E a planta rude e agreste, em pleno sól,
diante do azul, cheia de novo viço,
de purpurios botões cobriu-se, por encanto.
Começou dêsse instante o fascinio das Rosas,
para mistico enlevo dos Poetas da Terra.
ARTE — Rosa da Vida, e sangue do Pensamento,
Luz solar do Espirito, transfiguradora;
Ah, só quem tem Rosas na Alma, de certo,
poderá penetrar, placidamente,
nos profundos Arcanos da Beleza Imortal!
POETA, que tens a juventude eterna no corpo e na Alma
anda a semear, novamente, pelos caminhos da Vida,
as Rosas do teu Sonho rutilo de Encantamento.
Se por acaso ferires as mãos em alguma haste,
transforma o teu sangue vitalizante em Rosas,
que elas, ainda assim, glorificarão a tua DOR!

O Canto dos Galos

O canto dos galos despertou a cidade. O rio tremúla, estendido sobre os bancos de areia. Os mangues se desenham na quietude das gambôas. O panorama das salinas é um milagre da terra. Os pescadores que pescaram no deserto da noite vêm vindo. Passam pelas embacações paradas. Barcaceiros se movem nos primeiros serviços de bordo. Homens estendem na agua rêdes curtas de pescar. Esperam que o peixe venha engulir a isca que o anzol levou. De vez em quando o assobio de um maritimo na quilha de uma barcaça.

* * *

Meninos passam conversando alto. Homens atravessam para o cáis. Os carregadores de agua transitam. Os calões pesando nos hombros de homens e meninos fazem o ritimo apressado da marcha. Os barris rodam nas cordas. Tilintam as latas pelas ruas. Os animais carregam agua para abastecer a cidade. O sol começou a subir, clareando e aquecendo.

* * *

A primeira agitação do trabalho. Terminou a missa. Os meninos das escolas passam. Passam as boinas e os uniformes azues. A brancura das salinas impressiona. As rodas grandes dos moinhos se movem. O tanque público é uma grande colmeia. A poeira começa a correr com o vento. As orlas dos mangues estão pontilhadas das garças do Lagamar As gaivotas passam voando sobre a largura da barra. Os braços longos do rio cortam a terra maravilhosa do sal.

* * *

O movimento das ruas já começou. O mercado, ao centro, agita-se na procura das compras. Nove horas. Onze horas. Meio dia. Um sol vertical domina toda a cidade. E' a transição da sombra. A ventania. A poeira. O calôr. Há como que um amortecimento em tudo. Pauca gente nas ruas. O dia vai correndo, correndo...

* * *

Mais tarde, o pôr do sol, Maravilha de cores do infinito espalhando-se pelo horisonte. A igreja está aberta para a benção de Deus. Hora do passeio, das conversas, dos encontros, do bar, dos treinos de bicicletas e de futebol. As moças sorriem nas janelas. São graciosas, bonitas, joviais. Algumas parece que têm saudades do Rio, de S. Paulo, de Minas, de Pernambuco. Mas o ocaso contínúa manchando de cermelho o lençol amarelento do rio. Vai escurecer...

* * *

As primeiras sombras envolvem as embarcações, as quilhas, os mastros, os mangues, os predios, as ruas. O imenso acampamento das salinas está quiéto. As gambôas desaparecem. Vem vindo aos poucos o luar. Enche a cidade de uma nostalgia deliciosa. O cinema começa a lembrar os romances de amôr. O cinema é bom e é mau... Deixa alegria ou tristeza... Hora de dormir ou velar. Tudo fechado. Lá adiante, girando sempre as suas faixas de luz, está o farol de Lagamar, sentinela de Macau, que que se recolhe...

DANILO

PROFA. ROSILDA MONTENEGRO, Diretora do Curso Normal Regional

Macáu," terra das niveas garças e dos moinhos" e tambem das mulheres bonitas.

Dra. Edda da Costa Galvão, cirurgiã dentista, e membro de uma das principais familias da cidade, é uma das mais lindas figuras do meio social macauense.

DRA. EDDA DA COSTA GALVÃO, cirurgiã-dentista, diplomada pela Escola de Odontologia do Recife e filha do casal João de Lima Galvão e dona Izabel da Costa Galvão

Poesia Maritima

GILBERTO AVELINO

Põe toda a ternura no olhar
Quando a noite deixar, alegres ficaremos,
E do mar virá leve cantiga.

Gaivotas na tarde evanescente.
E os nossos braços caindo
Como os poentes levemente cáem.

Do mar virá leve cantiga.
Da vida a tristeza não se sente,
E a paisagem marinha é uma longa [caricia...

O mar esplende!
Salsugem, sargaços, búzios doirados,
Cheiro prolongado de maresia.
Põe toda a ternura no olhar,
Meu bem.

Cantaremos à lua uma canção diferente,
Quando a noite baixar completamente.

Ezequiel Wanderley

Ezequiel Wanderley é um nome profundamente identificado com a vida macauense. Poeta, cronista, critico, dramaturgo, alí esteve uma das fases mais movimentadas da terra das salinas, na qualidade de administrador da Mesa de Rendas Estaduais. Temperamento vibratil, sensivel, delicado, amante das boas letras e dos salões aristocraticos foi o típo acabado e perfeito do homem romantico. Macáu com as suas festas familiares, com os seus salões movimentados, com a sua vida de imprensa, com o seu carnaval, com a sua faceirice e com os seus dengues, conquistou-o. Ezequiel tornou-se porisso um grande amigo de Macáu e da sua gente. Aquí está o soneto Macáu, — de sua lavra, cujas linhas transbordam todo o seu amor e toda a sua admiração pela terra das niveas garças e dos moinhos. Publicamo-lo nesta edição, em homenagem à sua inteligencia e á sua dedicação extremosa por Macáu.

VULTOS DE MACAU

F. F. ARAÚJO

Apraz-me ocupar-me, linhas abaixo, de uma figura respeitavel, humanitária e digna que foi João Teixeira de Souza. Quem não o conheceu em Macáu? Eis' uma regra sem exceção: -- tôdos o conheciam porque seus ótimos predicados de homem de bem davam lugar a isto.

Tive a felicidade de conhecê-lo tambem pessoalmente, logo que, em 1900, cheguei áquela cidade.

Era o doutor e homeopata da terra, sem médico naquelcs tempos. Seus serviços nunca os negou a quem quer que os solicitasse, — ainda que fosse ir a pé ao porto do Roçado, para atender ao pobre que precisava medicar o filhinho doente.

Nasceu a 12 de Fevereiro de 1849, em Cacimba do Viana, do municipio do Açu.

Foram seus pais Manuel José de Souza e D. Cosma Maria de Souza.

Transportando-se, em 1859, para Macáu, ano em que faleceu seu pai, aí passou a residir, casando-se, pela primeira vêz, em 1869 com D. Veneranda Bezerra

JOÃO TEIXEIRA DE SOUZA,
já falecido

da Rocha. Ficou viuvo em 1879 e casou-se segunda vez, no mesmo ano, com D. Ana Bezerra da Rocha.

Grande, numerosa mesmo foi a prole dos dois casamentos: 31 filhos, sendo 10 do primeiro e 21 do segundo.

Suas atividades em Macáu foram na indústria do sal e no comércio, dedicando-se tambem à criação.

Foi político, e por merecimento e confiança ocupou vários cargos públicos, desempenhando-os sempre com habilidade e máxima honestidade.

Faleceu em 8 de Novembro de 1942, deixando vários filhos, dentre os quais cito com prazer o farmaceutico Alfredo Teixeira de Souza, residente na terra do Sal.

Aí ficam, macauenses, em ligeiros traços, quem foi João Teixeira de Souza, bem merecedor de que seu nome fosse ao menos posto numa das ruas de Macáu, como lembrança e gratidão de um povo reconhecido.

SENHORINHA DIAIR SOUZA, Diretora do Grupo Escolar "Duque de Caxias"

uma via-láctea, um verdadeiro luzeiro no opimo campo da Virtude, capaz de fazer refulgir, grandemente, e ainda mais as páginas luminosas da imaculada Historia Clerical Brasileira. Salve, pois, êsse inescedivel rabino-santo — filho dileto da terra das esplêndidas salinas! Salve! essa ditosa terra que tão grande filho deu para o Brasil, para o Estado, para a Humanidade e para a imortal glória de Deus nosso Senhor Jesus Cristo!

Encerrando essas minhas broncas linhas, expressa deixo a minha sincera e humilde homenagem de gratidão, veneração e respeito ao querido e virtuosissimo Vigário, pela grata efeméride desse simbólico e memoravel registo das venturosas Bôdas de Ouro do seu glorioso Presbiterato.

GILSON RAMALHO, gerente da firma Ribeiro de Abreu

ASPECTO DA CIDADE

JAIRO XAVIER

E' com satisfação que percorro as ruas de minha cidade natal.

E' com alegria que me detenho nas esquinas para com um olhar contemplativo observar um número avançado de artérias. Se andarmos para o nordeste nos depararemos com um dos maiores e mais luxuosos cemitérios do país que segundo o material de que é feito nos leva a aceitar que desafiará os tempos afóra.

A usina do Municipio com seus dois possantes motores é um atestado do progresso da cidade.

Como acontecimento no que diz respeito às letras tenho o prazer de declarar que está prestes a ser inaugurada uma Biblioteca.

O estudio que diz respeito ás diversões é tambem um primor de construção. Cabe incluir nesta classe, a magnifica praça pública que se impõe à vista dos viajantes que aquí se hospedam.

Poderiamos ainda mencionar o trabalho de saneamento feito no mercado público que revela o espirito de ordem do atual prefeito.

Está aí descrito, em poucas palavras, o aspecto da cidade salineira. Aproveito o momento para parabenizar-me com o prefeito, digo Prefeito por ter proporcionado a urbe materna tantos e tão bons melhoramentos.

Poderia o Edil macauense repetir as palavras há séculos proferidas pelo Edil romano: "Recebi uma cidade de tijolo, deixei uma cidade de marmore".

Povo sem história é povo sem personalidade. Macau daria um bélo exemplo de civismo e de cultura se mandasse escrever o quanto antes a sua história.

SENHORINHA JURACI RAMALHO, Presidente da Pia União de Santa Terezinha

COLEÇÃO JOÃO NICODEMOS DE LIMA

1. ÉCRAN NATALENSE
   Anchieta Fernandes (esgotado)
2. POETAS DO RIO GRANDE DO NORTE
   Ezequiel Wanderley (esgotado)
3. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
   Coleção (esgotado)
4. A "CACIMBA DO PADRE" EM FERNANDO DE NORONHA.
   Luís da C. Cascudo (esgotado)
5. NATAL DAQUI A CINQÜENTA ANOS
   Manoel Dantas (esgotado)
6. A HISTÓRIA DE ESTREMOZ
   Ir. A. Maria Dionice da Silva (esgotado)
7. A IMPRENSA PERIÓDICA NO RIO GRANDE DO NORTE
   Luís Fernandes
8. GUIA DOS SEBOS DE NATAL & TEXTOS AFINS
   Abimael Silva
9. EVOCAÇÃO DE NATAL
   Djalma Maranhão (esgotado)
10. CASCUDO, MESTRE DO FOLCLORE BRASILEIRO
    Djalma Maranhão
11. CAICÓ
    Pe. Eymard L'E. Monteiro
12. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
    Coleção II
13. CIDADE DO NATAL
    Luís da Câmara Cascudo
14. ACORDES DA ALVORADA
    Salete Fernandes Tavares
15. ALMANAK DE MACAU / 1909
    Adalberto Amorim
16. CACHORRO MAGRO
    Carlos de Souza
17. COSTUMES LOCAIS
    Eloy de Souza
18. OS AMERICANOS EM NATAL
    Lenine Pinto
19. MEMORIAL DO MEU VELHO ASSU
    Maria do Perpétuo Socorro Wanderley de Castro
20. CARTAS DE DRUMMOND A ZILA MAMEDE
    Org. Graça Aquino
21. ANOTAÇÕES DO MEU CADERNO
    Ticiano Duarte
22. IGREJA E POLÍTICA NO RN
    Org. Ilza Araújo Leão de Andrade
23. JASMINS DO SOBRADINHO
    Org. Roberto da Silva
24. MEMÓRIAS QUASE LÍRICAS DE UM EX-VENDEDOR DE CAVACO CHINÊS
    Inácio Magalhães de Sena

25. O MITO DA FUNDAÇÃO DE NATAL E A CONSTRUÇÃO DA CIDADE MODERNA SEGUNDO MANOEL DANTAS
Pedro de Lima
26. VIVA A VERVE! – Histórias de humor e devaneios
Armando Negreiros
27. ITACIRICA, A PEDRA QUE PENSAVA
Waldson Pinheiro
28. A ÚLTIMA CEIA – Por uma Diet(ética) Polifônica
Vera Lucia Pinto
29. DA FIDELIDADE E DO RISCO – Um estudo de caso: Djalma Maranhão
Moacyr de Góes
30. COM AS MÃOS DO CORAÇÃO
Padre Fabio
31. LITERATURA FEMININA DO RIO GRANDE DO NORTE
Diva Maria Cunha P. de Macêdo
Constância Lima Duarte
32. NATAL ATRAVÉS DO TEMPO
Carlos Lyra
33. O FOGO DA PEDREIRA
Orlando Rodrigues
34. A MAÇONARIA NO RIO GRANDE DO NORTE
Emídio Fagundes
João Estevam
Josué Silva
35. OS TERCETOS - E UM CANTO AS VOZES DO MAR
Gilberto Avelino
36. ... E Lá FORA SE FALAVA EM LIBERDADE
Ubirajara Macêdo
37. CâNCER — REFLEXõES DE UM SOBREVIVENTE
Paulo Tarcísio Cavalcanti
38. HOMENS DE OUTR'ORA
Manoel Dantas
39. OS ELEMENTOS DO CAOS
Miguel Cirilo
40. FRUTOS DO TEMPO
Valério Mesquita
41. CONFIDêNCIAS
Francisco Fernandes Marinho
42. YINTIMIDADES
Vera Lúcia Pinto
43. A TRAMA DA ARANHA
Anchella Monte
44. A REFORMA POLíTICA NO BRASIL E OUTROS ENSAIOS
Homero de Oliveira Costa
45. A CANçãO E O ABSURDO REVISITADOS
João Batista de M. Neto
46. NATAL ATRAVéS DO TEMPO II
Carlos Lyra
47. CAMINHADA SE FAZ AO CAMINHAR COM LIBERDADE
Hélio Xavier de Vasconcelos
48. DESCOORDENADAS CARTESIANAS - EM TRêS ENSAIOS DE QUASE FILOSOFIA

Pablo Capistrano
49. TIGRESCRITURA
Alessandre de Lia
50. PAPO JERIMUM - DICIONáRIO RIMADO DE TERMOS POPULARES
Cleudo Freire
51. PASSOS DA MINHA VIDA (MEMóRIAS)
Leopoldina Marinho da Costa
52. MINHAS OITENTAS PRIMAVERAS
Maria Segunda Marinho
53. A COLEçÃO JOSé GONçALVES
Org. Lenine Pinto
54. ODONTOLOGIA: OFíCIO E LITERATURA
Lenilson Carvalho
55. EU CONHECI SESYOM
Francisco Amorim
56. RETRETA POéTICA
Manuel de Azevedo
57. SESSENTA POEMAS DE AMOR E UMA ESTóRIA
Carlos Newton Pinto
58. DORMêNCIA
Lisbeth Lima de Oliveira
59. NAVIO ENTRE ESPADAS
Horácio Paiva
60. SALVADOS - LIVROS E AUTORES NORTE-RIO-GRANDENSES
Manoel Onofre Jr.
61. TESTEMUNHOS
Carlos Roberto de Miranda Gomes - Organizador
62. A FALSA SIMETRIA
Vicente Vitoriano
63. FAMÍLIAS SERIDOENSES
José Augusto
64. ESTUDOS PERNAMBUCANOS
Alfredo de Carvalho
65. A FIGURA DE DON JUAN NA TRADIÇÃO
Otto Rank
Trad. Aurélio Pinheiro
66. SUPERSTIÇÕES DE SÃO JOÃO
Veríssimo de Mêlo
67. PEIDO, O TRAQUE... PUM (O VALOR QUE O PEIDO TEM)
Celso da Silveira
José de Souza
68. O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ (QUADRINHOS)
Emanoel Amaral
Alcídes Sales
69. 69 POEMAS DE CHICO DOIDO DE CAICÓ
Moacyr Cirne
70. ESTADOS DO VERSO
Cid Augusto
71. UMA CÂMARA VÊ CASCUDO
Carlos Lyra
72. OS DANTAS CORRÊA E OS RIBEIRO DANTAS

Paulo M. Assis Brazil

73. NOMES DA TERRA
    Luiz da Câmara Cascudo
74. LUIS, TOUJOURS LUI - Cartas de Câmara Cascudo a Bernard Alléguède
    Roberto da Silva
75. EX-LIBRIS DE FALVES
    Falves Silva
76. O LIVRO DAS VELHAS FIGURAS - Volume 7
    Luis da Câmara Cascudo
77. BANDO - Nº 9/10 - 1959 - Edição Especial Euclides da Cunha
    Raimundo Nonato
    Hélio Galvão
    Manoel Rodrigues de Melo
    Verissimo de Melo
    Luis Patriota
    João Alves de Melo
78. FULÔ DO MATO
    Renato Caldas
79. PADRE JOÃO MARIA
    Januário Cicco
80. CARTAS PARA FAUSTA - Renato Caldas
    Org.: Ivan Pinheiro e Gilvan Lopes
81. FULÔ DO MATO - INÉDITO - 1937
    Renato Caldas
82. BODAS DE OURO DA ORDENAÇÃO SACERDOTAL DO MONSENHOR HONORÓRIO DA SILVEIRA